



JOSÉ GONÇALVES

Maravilhosa GRANÇA

O evangelho de Jesus Cristo
revelado na Carta aos Romanos



José Gonçalves

Maravilhosa Graça!

O evangelho de Jesus Cristo
revelado na Carta aos Romanos

1ª edição



Rio de Janeiro
2016

Todos os direitos reservados. Copyright © 2016 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Daniele Pereira
Capa e projeto gráfico: Wagner de Almeida
Editoração: Anderson Lopes

CDD: 220 – Comentário Bíblico
ISBN: 978-85-263-1317-0

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: 2016
Tiragem: 41.000

AGRADECIMENTOS

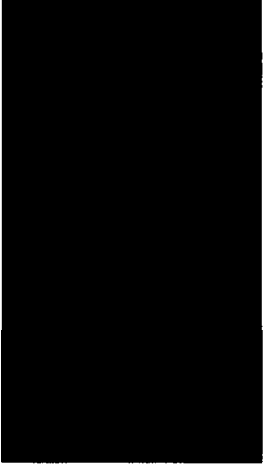
Agradeço a Deus pelo privilégio que me deu de escrever um comentário à Carta aos Romanos. A sua providente graça, que por mais de trinta anos me tem posto em contato com o universo das Escrituras, da teologia, das línguas bíblicas, da hermenêutica e da exegese, me tornou familiarizado com o pensamento paulino. Sem a sua inspiração e força, jamais alcançaria esse feito. Na minha mente ecoam suas palavras: “A minha graça te basta” (2 Co 12.9). “Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém!” (Rm 11.36).

A minha esposa, Maria Regina (Mará), que o tempo todo me dizia palavras de ânimo durante o período em que fiquei recluso. O meu amor e admiração por você crescem a cada dia. Muito obrigado.

À igreja de Água Branca, Piauí, por compreender a minha ausência quando preciso dividir o púlpito com a biblioteca. Sou grato a todos os irmãos aguabranquenses por saberem que os livros também exalam “o bom perfume de Cristo” (2 Co 2.15).

SUMÁRIO

Agradecimentos -----	3
Introdução -----	7
1. Uma Carta Cheia da Graça -----	11
2. Graça para Todos -----	20
3. Graça, um Favor Imerecido -----	32
4. A Graça e o Problema da Culpa -----	43
5. Graça, Maravilhosa Graça! -----	59
6. A Graça e o Destronamento do “Eu” -----	67
7. O Espírito da Graça -----	78
8. A Graça na Terra Santa -----	89
9. Uma Vida Cheia de Graça -----	104
10. A Graça da Cidadania -----	115
11. A Tolerância da Graça -----	125
12. Uma Graça Além-Mar -----	133
13. Memórias da Graça -----	142
Referências Bibliográficas -----	151



INTRODUÇÃO

A Carta de Paulo aos Romanos é uma das mais belas obras literárias já escritas. É uma carta diferenciada. A influência que esse documento canônico causou na história do pensamento cristão é simplesmente impressionante! Começando no século V com Agostinho, bispo de Hipona, que no início da Idade Média foi grandemente impactado pela leitura de Romanos. Embora não possamos endossar tudo aquilo que Agostinho escreveu, todavia é inegável a sua contribuição para a Teologia e Filosofia. No século XVI, essa carta também exerceu uma poderosa influência sobre Martinho Lutero, o grande reformador alemão. Foi fundamentado em Romanos que Lutero lançou o lema da Reforma: A justificação pela fé somente! Em anos mais recentes, Karl Barth, teólogo suíço, também testemunhou a grandeza dessa carta.

A Carta aos Romanos foi escrita para a igreja. Foi endereçada a pessoas simples, provenientes de todas as camadas da população e sem distinção de cor ou de raça. Não foi endereçada a teólogos, eruditos, nem tampouco a especialistas em religião. A carta foi escrita com o propósito de edificar a igreja, tirar dúvidas e esclarecer questionamentos que a nova fé estava provocando. Junte-se a isso o desejo do apóstolo em contar com o apoio dos romanos no estabelecimento de uma nova base missionária. Romanos, portanto, é uma carta escrita para todos nós.

Sem dúvida, a temática abordada por Paulo nessa carta é uma das mais diversificadas do Novo Testamento. Embora não contemple todas as doutrinas do Novo Testamento, aborda as principais. A doutrina da



justificação pela fé, independentemente das obras, é o principal eixo em torno do qual a carta se move. Somente em Romanos o conflito entre a “carne” e o “Espírito” aparece de forma tão dramática. Todo cristão quando lê Romanos se identifica com o “eu” paulino.

O apóstolo Paulo era um homem duto, treinado na principal instituição teológica de seus dias, tendo estudado com Gamaliel. O apóstolo estava consciente de que escreveria a um público diversificado, vindo de todas as camadas sociais, e que os assuntos por ele tratados eram profundos e complexos. Uma metodologia específica, portanto, deveria ser adotada. E foi o que ele fez. Na sua carta é possível perceber que o apóstolo recorre com frequência ao método de *diatribe* para aclarar os seus argumentos. Esse método consiste em um diálogo com um interlocutor imaginário com quem se dialoga, fazendo perguntas e oferecendo respostas. Mas não é só isso. Na carta é possível encontrar referências às regras de interpretação usadas pela escola rabínica de Hillel. O uso de duas dessas regras aparece com clareza na argumentação do apóstolo: a *qal wahomer* e a *gezerah shawah*. Na primeira regra, o que se aplica ao caso menos importante certamente se aplicará também ao caso mais importante. Na segunda regra, a analogia entre textos bíblicos, incluindo a semântica das palavras comuns em ambos, é usada para se estabelecer a veracidade de um fato.

A leitura da carta, portanto, é prazerosa e edificante. Todavia, não podemos deixar de registrar aqui os embates teológicos surgidos por conta das diferentes leituras que essa carta provocou. Não foi meu propósito ser dogmático em algumas questões de natureza puramente confessional, mas não deixei de registrar o meu entendimento de certas passagens que, a meu ver, receberam uma interpretação que destoa da argumentação adotada por Paulo nessa carta.

Não poderia deixar de dizer que o meu texto não é perfeito e que não possui lacunas. A propósito, as lacunas e as imperfeições fazem parte de nossa antiga herança, tão bem retratadas em Romanos. Todavia, devo dizer que este livro foi escrito com o propósito único de glorificar a Deus e de promover a edificação do seu povo. Foi escrito por um pastor que, no labor de seu trabalho pastoral, encontrou forças no Senhor para se lançar em tão grande missão — produzir um comentário de fácil entendimento, mas que fosse também teologicamente consistente.

Por último, as citações que faço neste livro de várias obras, muitas delas escritas por teólogos de diferentes confissões de fé, não significam que concordo com tudo o que eles dizem. Nem tampouco significa que concordo com suas crenças e confissões de fé. Cito-os tomando por base a validade de cada argumento dito. Faço minhas as palavras de Tomás de Aquino, o gênio intelectual da escolástica: “Os argumentos não devem ser aceitos pela autoridade de quem diz, mas pela validade do que se diz”.

José Gonçalves

Água Branca, Piauí, dezembro de 2015

Capítulo

1

UMA CARTA CHEIA DA GRAÇA

Romanos 1.1-6

Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo, separado para o evangelho de Deus, o qual antes havia prometido pelos seus profetas nas Santas Escrituras, acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne, declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos, — Jesus Cristo, nosso Senhor, pelo qual recebemos a graça e o apostolado, para a obediência da fé entre todas as gentes pelo seu nome, entre as quais sois também vós chamados para serdes de Jesus Cristo.

Paulo, o Apóstolo da Graça

“Paulo...” (1.1). A Carta aos Romanos tem início com a identificação do nome de seu autor, Paulo. Há uma unanimidade entre os intérpretes conservadores da autoria paulina de Romanos. Stanley Clark, autor de um excelente comentário sobre Romanos, observa que “a carta afirma que seu autor é Paulo o apóstolo (1:1). Esta afirmação tem sido questionada seriamente. A evidência interna (estilo, conteúdo, circunstâncias do autor) a confirma e tem sido a convicção entre os crentes desde os primeiros tempos. C. H. Dodd tem declarado que a autenticidade da Epístola aos Romanos é uma questão já resolvida”.¹

O nome Paulo é uma forma latina do hebraico Saul. Sabemos através do livro de Atos dos apóstolos que ele era natural de Tarso, cidade da Cilícia, hoje território turco. Paulo nasceu em um lar judeu e herdou por direito de nascimento a cidadania romana. Ele mesmo

informa que seus pais eram fariseus (At 23.6) e por influência destes se tornou fariseu, estudando na Escola de Gamaliel (At 5.34; 22.3). Isso fez com que o seu zelo pelo judaísmo aumentasse e que se tornasse um ferrenho defensor de suas tradições. Motivado por esse zelo, passou a fazer uma perseguição sangrenta aos cristãos, levando muitos deles ao cárcere e à morte. É esse homem implacável que se torna posteriormente o maior defensor e propagador do cristianismo. Foi no encontro com Jesus ressuscitado no caminho de Damasco, capital da Síria, que Paulo teve sua vida totalmente mudada (At 9.1-22). A graça de Deus superabundou em sua vida.

“... *servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo, separado para o evangelho de Deus*” (1.1). Duas coisas Paulo diz acerca desse seu chamamento: ele agora era um “servo” de Jesus Cristo e que foi “separado” para o evangelho. A palavra “servo” traduz o termo grego *doulos*, cujo sentido é “aquele que pertence a outro”.² A vida de Paulo não pertencia mais a ele mesmo, mas a Jesus Cristo, o Senhor! Em segundo lugar, Paulo, além de servo de Jesus Cristo, foi também “separado” para ser um apóstolo. O particípio perfeito passivo do verbo grego *aphorizo* (separado) mostra que ele havia sido separado para Deus e continuava dentro dessa nova fronteira que fora demarcada para seu chamamento. Sua missão agora era ser um enviado de Deus para onde Ele o mandasse. O termo “apóstolo” assume uma conotação teológica no Novo Testamento, cujo sentido é “enviar (para fora) para servir a Deus com a própria autoridade de Deus”.³ Sim, Paulo não era agora um mero zeloso da lei, mas um apóstolo, um enviado pelo Senhor para conquistar o mundo para Deus.⁴

“... *pelo qual recebemos a graça*” (1.5). Aqui aparece pela primeira vez na carta aos Romanos a palavra “graça” (gr. *charis*). Essa palavra, que sem dúvida predomina no pensamento teológico de Paulo, ocorre 164 vezes no texto do Novo Testamento grego, sendo 23 vezes somente em Romanos.⁵ Sem exagero algum, Romanos é uma carta cheia da graça! A graça se torna um tema fundamental na teologia paulina. Na verdade, o principal eixo de sua teologia. Paulo se sentia devedor dessa graça! Qualquer leitor atento observará que a graça está no início e no fim das suas obras literárias. Por exemplo, em 1 Coríntios, Paulo mostra que a graça impede que o passado o machuque. “Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persegui a igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus, sou o que

sou” (1 Co 15.9,10a). Paulo não negou o seu passado e já sabemos que seu passado não foi nada agradável. Todavia, ele, totalmente imerso na graça de Deus, sabia que seu passado tinha ficado para trás. Mas a graça fez mais! A graça não permitiu que ele ficasse choramingando pelos cantos, caindo na inércia por se sentir um “Zé Ninguém”. Não, a graça não permitiu que ele ficasse inoperante. Ela o impulsionou para o trabalho. “E a sua graça para comigo não foi vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus, que está comigo” (1 Co 15.10). Essa mesma graça o ajudou a superar os obstáculos e a conviver com as adversidades. “E disse-me: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando estou fraco, então, sou forte” (2 Co 12.9,10). Que mais fez a graça por ele? Ela o salvou: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus” (Ef 2.8); fez com que fosse um vencedor: “Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Co 15.57) e um embaixador do Reino de Deus: “E dou graças ao que me tem confortado, a Cristo Jesus, Senhor nosso, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério” (1 Tm 1.12). Tudo feito pela graça!

Romanos 1.7-15

A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados santos: Graça e paz de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. Primeiramente, dou graças ao meu Deus, por Jesus Cristo, acerca de vós todos, porque em todo o mundo é anunciada a vossa fé. Porque Deus, a quem sirvo em meu espírito, no evangelho de seu Filho, me é testemunha de como incessantemente faço menção de vós, pedindo sempre em minhas orações que, nalgum tempo, pela vontade de Deus, se me ofereça boa ocasião de ir ter convosco. Porque desejo ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual, a fim de que sejais confortados, isto é, para que, juntamente convosco eu seja consolado pela fé mútua, tanto vossa como minha. Não quero, porém, irmãos, que ignoreis que muitas vezes propus ir ter convosco (mas até agora tenho sido impedido) para também ter entre vós algum fruto, como também entre os demais gentios. Eu sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes. E assim, quanto está em mim, estou pronto para também vos anunciar o evangelho, a vós que estais em Roma.

Amados Romanos

“A todos os que estais em Roma...” (1.7). Paulo não foi o fundador da igreja que estava em Roma, mas possuía um desejo ardente de visitá-la. Ele sabia que seu apostolado era para os gentios e sabia também que a igreja de Roma era formada predominantemente de gentios (Rm 1.6). Todavia, endereça sua carta a “todos os crentes” de Roma. William McDonald observa que a expressão “todos” deve ser entendida no contexto de que em Roma, capital do império, não havia apenas um local de culto, mas vários, e Paulo queria que todos tomassem conhecimento dessa carta.⁶ Mas se Paulo, que fundou quase todas as igrejas do Novo Testamento, não foi quem levou o evangelho para Roma, quem foi então? Não há elementos que nos permitem ser dogmáticos nesse assunto, mas os intérpretes acham indícios que permitem fazer deduções. Por ocasião do Dia de Pentecostes, entre os que receberam o batismo no Espírito Santo estavam “romanos que aqui residem” (At 2.10, ARA). Teriam sido esses crentes romanos que se encontravam em Jerusalém, depois de serem cheios do Espírito Santo, que voltaram para Roma com a preciosa semente do evangelho. Roma, portanto, era uma igreja que nasceu do Pentecostes.

“... Chamados santos” (1.7). Como costuma fazer em outras cartas, Paulo se dirige aos crentes usando o adjetivo “santos”. “Santo” (gr. *hagios*) era aquilo que fora separado para um serviço especial. Aqui significa *dedicado a Deus, santo e sagrado*.⁷ Os crentes são santos porque foram separados para pertencerem a Deus. O conceito de santificação posicional já aparece aqui nessa expressão. Em Cristo todos os crentes são santos porque foram comprados com seu sangue e, portanto, pertencem a Ele (1 Co 6.19,20). O conceito de santificação progressiva, aquela na qual o crente tem sua participação efetiva, aparecerá na argumentação de Paulo no capítulo 8 dessa carta. Infelizmente, o conceito de santidade se encontra de tal forma relativizado que quase não é mais possível se distinguir o santo do profano. Santidade tem a ver com o estabelecimento de limites e a diferença clara entre o que é certo e o que é errado. O parâmetro é sempre dado pela palavra de Deus. Infelizmente, quem está ditando os padrões para as igrejas não é mais a Bíblia, e sim a cultura secular. É impressionante a facilidade que têm muitos crentes de se moldarem por aquilo que o mundo dita. Se o mundo permite se divorciar por qualquer motivo, então muitos crentes acham que devem fazer o mesmo. Quem se levantar contra

é logo taxado de falso moralista! Todavia, a Escritura chama isso de mundanismo! Mundanismo é pecado.

“... *em todo o mundo é anunciada a vossa fé*” (1.8). Esse versículo mostra a influência que a igreja de Roma exercia. Paulo reconhece que a fé deles já era notícia no mundo todo. Era uma igreja que todo mundo sabia que ela existia. Talvez a tragédia da igreja hoje esteja no fato de ela passar despercebida na sociedade. Poucos sabem da sua existência e os poucos que sabem não se sentem mudados por ela. Qual seria, pois, a razão da pouca influência da igreja contemporânea? Não podemos ser simplistas, mas evidentemente que existem causas para esse fenômeno de esfriamento das igrejas. Um *pneumatismo anárquico*, que tem lançado a igreja numa verdadeira corrida sensorial é uma das razões. A busca desenfreada por realização, por prazer, tem transformado a igreja em uma comunidade de consumidores, e não de adoradores. A busca por mais adrenalina não está acontecendo apenas em esportes radicais, mas também em muitos cultos. Infelizmente, as igrejas neopentecostais estão na vanguarda dessa nova espiritualidade. Por outro lado, as *ortodoxias engessantes* também são nocivas da mesma forma. Cultos frios, em que o ritual não dá a mínima liberdade para o exercício dos dons espirituais, é um veneno para a espiritualidade da igreja. Não devemos ser contra a liturgia, pois todo culto a Deus necessita possuir um ritual litúrgico. Todavia, foi o mesmo Paulo quem esboçou os princípios de uma liturgia de uma igreja onde o Espírito não está engessado. “Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação” (1 Co 14.26).

“... *incessantemente faço menção de vós, pedindo sempre em minhas orações*” (1.9,10). Uma das marcas da espiritualidade de Paulo é sua profunda piedade cristã. Paulo era um homem devotado à oração. Mesmo não conhecendo ainda a igreja de Roma, ele se lançava em um trabalho de intercessão por ela. Alguns pensam que a oração ficou restrita aos menos letrados, aos místicos. Todavia, aqui encontramos um homem com uma profunda formação teológica, um verdadeiro erudito, que não negligenciava sua vida devocional. O teólogo anglicano Alan Jones observou que quem pensa não ora e quem ora não pensa! Essa parece ser a lógica da espiritualidade dos clérigos do século XXI. Não é de admirar que se encontrem tantos clérigos vazios, mas cheios de si mesmos. A devoção foi substituída pela busca da posição. Como disse o filósofo Antonio Cruz, a carne sufocou o espírito.⁸

“... *para vos comunicar algum dom espiritual*” (1.11-13). A expressão “dom espiritual” traduz o grego *charisma pneumatikon*. O expositor bíblico Stanley Clark observa três usos dessa palavra no contexto de Romanos. Primeiramente, ela é usada em referência ao dom da graça, Cristo Jesus, que Deus deu a todos os homens (Rm 5.15,16). Em segundo lugar, a referência aos dons que Deus outorgou ao povo de Israel (Rm 11.29). Em terceiro lugar, uma capacidade especial que Deus deu a um membro da igreja para que seja usado no ministério (Rm 12.6). Eu me junto àqueles que veem aqui o terceiro sentido. A expressão *charisma pneumatikon* é a mesma encontrada nos capítulos 12 a 14 da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, onde a referência é aos dons espirituais. Não há dúvida de que aqui essa expressão tem significação similar ao encontrado ali. Muitos intérpretes, quando leem as cartas de Paulo, as leem com os óculos da cultura onde vivem. Não se dão conta do contexto espiritual da igreja do primeiro século. A igreja de Roma, como foram todas as outras do Novo Testamento, era filha do Pentecostes. Ela entendia a linguagem do apóstolo sobre os carismas do Espírito porque também os vivenciava. Paulo queria naquela visita compartilhar os frutos de sua experiência com Deus e da mesma forma queria se sentir abençoado com aquilo que Deus também havia feito na vida daqueles crentes. Há muita gente criticando experiências espirituais sem nunca as ter vivido.

Romanos 1.16,17

Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego. Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé.

A Graça que não Decepciona

“*Porque não me envergonho do evangelho...*” (1.16,17). Em seu célebre comentário de Romanos, o expositor bíblico C. E. B. Cranfield observa que a forma “negativa em que Paulo se exprime deve ser explicada não como exemplo de atenuação (significando que ele, Paulo, está orgulhoso do evangelho), mas como refletindo o seu sóbrio reconhecimento do fato de que o evangelho é algo de que, neste mundo, os cristãos serão constantemente tentados a envergonhar-se.

(Podemos cf. Mc 8.38; Lc 9.26; 2 Tm 1.8.) A presença desta tentação como característica constante da vida cristã é inevitável, não só por causa da contínua hostilidade do mundo para com Deus, mas também por causa da natureza do próprio evangelho, o fato de que Deus (porque Ele determinou deixar espaço aos homens para tomarem decisão pessoal livre, em vez de compeli-los) interveio na história para a salvação dos homens, não com poder e majestade manifestos, mas de maneira velada, era destinado a ser visto pelo mundo como fraqueza e insensatez vis”.⁹

Essa, evidentemente, é a graça que não decepçiona. A graça de Deus não é motivo para vergonha nem tampouco envergonha ninguém. Todavia, há algo por aí se passando por “graça” que não tem graça alguma. Essa “graça”, além de envergonhar o evangelho, está produzindo grandes escândalos. Todo tipo de aberração ética, teológica, comportamental e até mesmo espiritual estão sendo justificados por essa suposta graça. É uma graça que não tem graça. Quando a graça perde a graça, ela já não é mais graça, mas uma desgraça. A propósito, a palavra grega traduzida aqui como “envergonhar” é *epaischynomai*, que é formada pela junção da preposição *epi* e o verbo *aischyno*.¹⁰ A palavra composta tem seu sentido intensificado, significando *desonrado*, *desgraçado*. Em outras palavras, refere-se a alguém que caiu em desgraça ou que foi desonrado. Ao colocar a negativa “não” antes desse vocábulo, Paulo diz que se sente honrado pela mensagem que abraçou. Ela não o decepçiona.

“... é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê” (1.16). O evangelho é motivo de honra, e é muito mais. O evangelho é o poder de Deus que traz salvação a todo que crer. “Poder” traduz o termo grego *dynamis*, de onde provém o nosso vocábulo dinamite. Essa palavra é usada 120 vezes no Novo Testamento e significa *capacidade para executar*. É uma referência à habilidade de Deus no processo da salvação.

O propósito dessa “explosão” do evangelho é salvação dos homens. O significado da preposição grega *eis* (para) tem o sentido de “tendo em vista a”, mostrando o propósito do evangelho. Ele é de fato o poder de Deus, mas não é um poder que busca o engrandecimento do homem, mas a glória de Deus. Infelizmente muitos parecem não saber disso e não se deixam usar pelo evangelho, mas em vez disso fazem uso do poder do evangelho para se autopromoverem. Buscam as suas próprias glórias e realizações.

Ao afirmar que o evangelho é o poder de Deus, o apóstolo tem em mente mostrar a razão do envio de sua carta aos romanos. Já tendo feito as cordialidades costumeiras que eram comuns nesse tipo de correspondência pessoal, ele agora introduz o assunto do qual passará a tratar a seguir. Ele vai explicar como a graça de Deus, objetivando a salvação de todos os pecadores perdidos, se manifestou de forma mais que abundante na pessoa bendita de Jesus Cristo. No dizer do poeta:

A graça de Deus revelada
Em Cristo Jesus, meu Senhor,
Ao mundo perdido é dada
Por Deus d'infinito favor.

Graça, graça,
A mim basta a graça de Deus: Jesus;
Graça, graça,
A graça eu achei em Jesus.

A graça de Deus é mais doce,
Do que bens terrestres daqui;
Em gozo meu choro tornou-se
Correndo Sua graça p'ra mim.

Mais alta que nuvens celestes,
Mais funda que profundo mar,
A fonte da vida fizeste,
Na qual nos podemos fartar.
A graça de Deus hoje prova
Tu que vives na perdição,
Pois Ele te salva, renova,
Também limpa teu coração.¹¹

¹ CLARK, Stanley. Romanos — Comentario Bíblico Mundo Hispano. El Paso, Texas: Editorial Mundo Hispano.

² THAYER, Joseph H. Thayer's Greek Lexicon of the New Testament. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1984.

³ KITELL, Gerhard. Theological Dictionary of the New Testament. 10 volumes. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing Company, 2006.

⁴ A palavra apóstolo tinha o sentido no grego clássico de um navio que saía numa missão comercial. Posteriormente, ganhou o sentido de “alguém que é enviado numa missão” (CHAMBERLAIN, William. Gramática Exegética do Novo Testamento Grego. São Paulo: Editora Cultura Cristã).

⁵ PETTER, Hugo M. Concordancia Greco-Española del Nuevo Testamento., Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.

⁶ MACDONALD, William. Comentário Bíblico Romanos. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.

⁷ BAUER, Walter. A Greek English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature. Chicago: The University of Chicago Press.

⁸ CRUZ, Antonio. La Postmodernidad. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.

⁹ CRANFIELD, C. E. B. Romanos — Comentário Versículo por Versículo. São Paulo: Editora Vida Nova.

¹⁰ STRONG, James. Exhaustive Concordance of the Bible. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1990.

¹¹ HARPA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD.

Capítulo 2

GRAÇA PARA TODOS

Romanos 1.18-22

Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis; porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. dizendo-se sábios, tornaram-se loucos.

A Revelação Natural

“Porque do céu se manifesta a ira de Deus...” (1.18a). Parece paradoxal que um texto que é conhecido como o Evangelho da Graça comece falando sobre a ira. De fato, muitos comentaristas bíblicos ficam chocados com o tom forte com que Paulo introduz essa seção de sua carta. Fica evidente que a expressão “ira de Deus”, tradução do grego *orgê*, carrega um peso de significado muito forte. Esse termo ocorre 36 vezes no Novo Testamento grego.¹ É o mesmo vocábulo usado por João Batista para dizer que os fariseus e saduceus não escapariam da ira (*orgê*) vindoura (Mt 3.7). É usado também para se referir à ira (*orgê*) do Cordeiro em Apocalipse 6.16. Na verdade, muitos intérpretes que foram influenciados pela teologia liberal do século XIX, de cunho fortemente humanista, não conseguiam harmonizar a imagem de um Deus amoroso com a de um Deus irado. Mas a ira divina aqui é totalmente justificável à luz do capítulo 1.18-32. O pensamento do

apóstolo é claro — mostrar a situação caótica, desesperadora e corrupta na qual a humanidade se encontrava e como em meio a tudo isso Deus manifestou de forma copiosa a sua graça.

“... *sobre toda impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça*” (1.18). As palavras gregas *asébeia* e *adikia* estão bem traduzidas aqui como “impiedade” e “injustiça”. Charles Hodge, em seu comentário da Epístola aos Romanos, destaca que a primeira palavra representa a impiedade em relação a Deus, e a segunda, a injustiça praticada contra os homens.² O argumento de Paulo aqui forma um contraste com aquilo que ele já havia falado em Romanos 1.16,17, em que a justiça de Deus se revela pelo evangelho. E por que Deus revela a sua justiça trazendo julgamento? Porque os homens escolheram tornar a verdade prisioneira do pecado. Paulo diz que eles “detêm a verdade em injustiça” (1.18).

“*Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se veem pelas coisas que estão criadas...*” (1.20). Paulo mostra que as obras da criação, a revelação natural de Deus, servem de parâmetro para o julgamento de Deus. Russel P. Sheed, renomado teólogo batista, destaca esse fato: “É inadmissível a desculpa humana de que entre determinados povos e nações simplesmente nunca houve qualquer oportunidade para se conhecer a mensagem salvadora. A Palavra de Deus afirma que homens ignorantes acerca da Bíblia não ficaram sem conhecimento algum de Deus (Rm 1.19). Até aos mais distantes Ele revela seus atributos, seu eterno poder e natureza divina (Rm 1.20). Ninguém poderá sustentar alguma desculpa ao chegar diante do tribunal do Rei do universo. Todos serão julgados porque os homens, *voluntariamente*, encobrem a verdade para praticar a injustiça (Rm 1.18). Essa ‘revelação natural’ que todos têm de Deus (isto é, a verdade encoberta) será, portanto, a base da justa condenação de todos os que não alcançaram a graça de ouvir a Palavra de Deus (‘revelação especial’). ‘Eles não têm desculpa...’ (Rm 1.21). Todavia, Deus não é injusto. Nunca condenará um homem por este não ter crido numa mensagem que não teve oportunidade de ouvir. A justiça divina será mantida. No julgamento final, a justiça divina julgará todos de acordo com a luz que Deus lhes deu: a criação e a consciência” (grifo meu).³

“... *para que eles fiquem inescusáveis; porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças...*” (1.20,21). O homem pós-queda é um homem afetado pela corrupção do pecado, embora não seja um ser espiritualmente insensível. Nem tampouco é um ser que perdeu sua

capacidade de escolha. O texto deixa claro que ele podia perceber por meio da revelação natural de Deus que a ordem das coisas tem um Criador.⁴ Mas não fez isso. Em seu conceituado comentário sobre Romanos, o expositor Giuseppe Barbaglio observa que “o juízo divino de condenação nada mais é que a resposta ao intencional ‘não’ por parte do homem. Paulo não se limita, porém, a esse aceno. Ao contrário, desenvolve amplamente *o porquê da cólera divina* (vv. 19-23). Dá por sabido que os homens não só tiveram a possibilidade de conhecer o Criador, mas de fato o conheceram. Sim, porque Ele se manifestou a eles através da criação. A obra revela o seu artifice. A inteligência, partindo do mundo, chega à sua causa. A eterna força e majestade divina, de si invisíveis, tornam-se perfeitamente visíveis aos olhos da mente. No plano do conhecimento a distância é superada, o encontro acontece. Constatação positiva, sem dúvida, mas Paulo logo a transforma em acusação contra o mundo pagão. Por isso os acusados não têm desculpas ou atenuantes. Numa palavra, são culpados. ‘Porque, embora tendo conhecimento de Deus, não lhe renderam nem louvor nem ação de graças’. O conhecimento não se converteu em reconhecimento. Teoria e práxis foram violentamente dissociadas”.⁵ De forma análoga, o expositor bíblico Dale Moody, *in loco*, sublinha esse fato, quando afirma: “o pecado distorce, mas não destrói a possibilidade da percepção. A mente de fato pode tornar-se réproba (1.28), mas também pode ser renovada (12.2). A mente torna possível a percepção”.⁶

A oportunidade é dada a todos.

Romanos 1.23-32

E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis. Pelo que também Deus os entregou às concupiscências do seu coração, à imundícia, para desonrarem o seu corpo entre si; pois mudaram a verdade de Deus em mentira e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém! Pelo que Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro. E, como eles se não importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convém; estando cheios

de toda iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes ao pai e à mãe; néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia; os quais, conhecendo a justiça de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem.

A Lei da Semeadura e da Colheita

“E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis” (1.23). O apóstolo continua sua argumentação que justifica o julgamento de Deus. Em vez de glorificar a Deus, o homem se afastou ainda mais. Deus os entregou à idolatria (v. 23); imoralidade (v. 26) e animosidade (v. 30). Um abismo chama outro abismo. C. Marvin Pate observa que “entregar” (v. 24) aqui tem o sentido de “deixar as pessoas sofrerem as consequências de conseguirem o que desejam”.⁷ Ao escolher adorar a criatura em lugar do Criador, ser o centro de si mesmos em vez de terem Deus como centro de tudo, o homem mergulhou nas profundas trevas do pecado.

“Pelo que Deus os abandonou às paixões infames...” (1.26,27). Paulo passa então a falar de comportamentos sociais que, à luz das coisas criadas, eram considerados como antinaturais. A homossexualidade, tanto masculina como feminina, é citada como exemplo desse afastamento da ordem natural (vv. 26,27). Paulo, seguindo a tradição bíblica, reprova a prática homossexual (Lv 18.22). Por outro lado, a cultura greco-romana tinha como natural o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. A pederastia, relacionamento de um adulto com alguém mais jovem, era vista com normalidade tanto na Grécia antiga como em Roma. A maior parte dos Césares era homossexual. É conhecida a frase do escritor romano Suetônio dizendo que o imperador Júlio César “era o homem de toda mulher e a mulher de todo homem”. Suetônio ainda fala sobre César como sendo amante de Nicomedes: “A reputação de sodomita veio-lhe unicamente de sua estada junto a Nicomedes, mas isso bastou para desonrá-lo para sempre e expô-lo aos ultrajes de todos”.⁸ Essa prática, considerada normal para cultura greco-romana, era vista pelos judeus como uma perversão da sexualidade.

Depois da revolução sexual dos anos sessenta, o movimento em prol da homossexualidade ganhou força no mundo inteiro. Grande parte desse feito é atribuído a Alfred Charles Kinsey (1894-1956), considerado o apóstolo da perversão sexual. Kinsey popularizou seus ensinamentos distorcidos sobre a sexualidade humana através de seu livro *O Comportamento Sexual do Macho*. Após as pesquisas de Kinsey, que posteriormente ficou provado que foram todas manipuladas, a sexualidade ganhou outro rumo.⁹ Passou-se a acreditar que o homossexualismo estaria fundamentado em verdades científicas. Alguns teólogos, que creem que há pessoas que já nascem homossexuais, tentam justificar esse tipo de comportamento afirmando que a Bíblia condena as relações entre heterossexuais e homossexuais, e não a relação entre um homossexual e outro homossexual. O teólogo católico José Bortolini partilha desse entendimento: “A carta destaca algumas dessas relações pervertidas. A primeira é o homossexualismo feminino e masculino (1.26b,27). De modo geral, no mundo greco-romano daquele tempo, a prática homossexual entre pessoas heterossexuais era estimulada e inclusive vista como perfeição. Paulo certamente não tinha o conhecimento que hoje se tem a respeito de pessoas que já nascem com orientação homossexual. Ele detecta perversão entre heterossexuais que se dedicam a práticas homossexuais”.¹⁰ Tal explicação, adotada inclusive por muitos movimentos ditos evangélicos, não resiste aos fatos históricos nem tampouco a uma exegese do texto bíblico. Para Paulo, o homossexualismo era uma perversão sexual porque além de ser condenado na Escritura era também antinatural de acordo com Romanos 1.26,27.

Romanos 2.1-16

Portanto, és inescusável quando julgas, ó homem, quem quer que sejas, porque te condenas a ti mesmo naquilo que julgas a outro; pois tu, que julgas, fazes o mesmo. E bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade sobre os que tais coisas fazem. E tu, ó homem, que julgas os que fazem tais coisas, cuidas que, fazendo-as tu, escaparás ao juízo de Deus? Ou desprezas tu as riquezas da sua benignidade, e paciência, e longanimidade, ignorando que a benignidade de Deus te leva ao arrependimento? Mas, segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus, o qual recompensará cada um segundo as suas obras, a saber: a vida eterna aos que, com perseverança em fazer bem, procuram glória, e honra, e incorrupção; mas indignação e ira aos que são contenciosos e desobedientes à verdade e obedientes à iniquidade; tribulação e angústia sobre toda alma do

homem que faz o mal, primeiramente do judeu e também do grego; glória, porém, e honra e paz a qualquer que faz o bem, primeiramente ao judeu e também ao grego; porque, para com Deus, não há acepção de pessoas. Porque todos os que sem lei pecaram sem lei também perecerão; e todos os que sob a lei pecaram pela lei serão julgados. Porque os que ouvem a lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados. Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei, os quais mostram a obra da lei escrita no seu coração, testificando juntamente a sua consciência e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os, no dia em que Deus há de julgar os segredos dos homens, por Jesus Cristo, segundo o meu evangelho.

A Revelação Especial

“Portanto, és inescusável quando julgas, ó homem, quem quer que sejas, porque te condenas a ti mesmo naquilo que julgas a outro; pois tu, que julgas, fazes o mesmo” (2.1). Há claramente uma mudança no pensamento do apóstolo a partir desse ponto. O alvo agora não é mais o mundo gentílico, mas o judaico. Nessa passagem, o apóstolo mostrará que os judeus não estão diante de Deus em melhores condições do que os gentios. Douglas Moo observa que os judeus poderiam pensar que podiam pecar sem serem punidos porque possuíam uma relação pactual com Deus. Mas de acordo com os versículos de 6 a 11, Paulo parece ir um passo mais adiante: Os judeus não têm nenhum direito de pensar que intrinsecamente o pacto lhes concede uma situação melhor que os gentios diante de Deus.¹¹

O apóstolo mostra então as razões por que os judeus não estavam em situação melhor do que os gentios.

1. Eles praticavam aquilo que consideravam errado no comportamento gentílico (v. 1). Ao agir assim, acabavam assumindo uma atitude de hipocrisia diante da lei.
2. Achavam que por serem os guardiões da Torá estariam isentos de qualquer julgamento (v. 3).
3. Abusavam da bondade de Deus (v. 4).
4. Possuíam um coração impenitente (v. 5).
5. Ignoravam a lei da retribuição (vv. 6-10).
6. Eram exclusivistas (v. 11).
7. Não conseguiam viver as exigências da lei (vv. 12-14).

“Porque todos os que sem lei pecaram sem lei também perecerão; e todos os que sob a lei pecaram pela lei serão julgados” (2.12). Comentando essa passagem, Charles Swindoll argumenta sobre aqueles que querem questionar sobre o que disse Paulo em Romanos 2.12. Isso não parece justo, argumentaria alguém. Seria justo punir alguém por infringir regras as quais ele não teve a oportunidade de conhecer? É exatamente isso que Paulo defende aqui. O fato é que, embora houvesse gentios que nunca estiveram na Palestina nem tampouco chegaram a entrar em contado como o povo hebreu e nem com sua lei, é bom lembrar que todo homem carrega a imagem de Deus. Swindoll então diz acertadamente que “parte dessa imagem inclui um sentido inato de que algumas ações são boas e outras são más. No entanto, incluso nesse padrão imperfeito, ninguém vive com justiça. Ninguém jamais tem obedecido com perfeição sua própria consciência. A culpa é uma reação universal por fazer algo que a ética pessoal de alguém o proíbe. No fim dos tempos, quando se ditar o veredicto final, se terá pesado as obras de toda pessoa e serão achadas faltas. A ignorância da Lei não é desculpa. Toda pessoa será julgada de acordo com seu conhecimento do bem e do mal. E por qualquer padrão, seja a lei mosaica, seja a própria consciência do gentio, toda pessoa será achada culpada”.¹²

Romanos 2.17-29

Eis que tu, que tens por sobrenome judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus; e sabes a sua vontade, e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído por lei; e confias que és guia dos cegos, luz dos que estão em trevas, instruidor dos néscios, mestre de crianças, que tens a forma da ciência e da verdade na lei; tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas? Tu, que dizes que não se deve adulterar, adulteras? Tu, que abominas os ídolos, cometes sacrilégio? Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? Porque, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa de vós. Porque a circuncisão é, na verdade, proveitosa, se tu guardares a lei; mas, se tu és transgressor da lei, a tua circuncisão se torna em incircuncisão. Se, pois, a incircuncisão guardar os preceitos da lei, porventura, a incircuncisão não será reputada como circuncisão? E a incircuncisão que por natureza o é, se cumpre a lei, não te julgará, porventura, a ti, que pela letra e circuncisão és transgressor da lei? Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne. Mas é judeu o que o é no interior, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não na letra, cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus.

Espiritualidade sem Verniz

Gosto da paráfrase que F. F. Bruce, erudito em Novo Testamento, fez dessa passagem. Ela atualiza o que o texto quer dizer.

Você tem o honroso nome de judeu. Sua posse da lei dá-lhe confiança, gloria-se de que é ao Deus verdadeiro que você cultua e de que conhece a vontade dEle. Você aprova o caminho mais excelente, pois o aprendeu da lei. Considera-se mais instruído do que aqueles que são inferiores por não terem a lei. Considera-se guia de cegos e instrutor de tolos. Mas por que não dar uma sincera olhada em você mesmo? Você não tem defeitos? Você conhece a lei, mas a guarda? Você diz: “Não roubarás”. Mas não rouba nunca? Você diz: “Não adulterarás”. Mas será que cumpre sempre esse mandamento? Você detesta ídolos, mas nunca rouba templos? Você se gloria na lei, mas, de fato, sua desobediência à lei dá má fama entre os pagãos, a você e ao Deus que cultua. Ser judeu aproveitará ao homem diante de Deus somente se cumprir a lei. O judeu que quebra a lei não é melhor do que o gentio. E inversamente, o gentio que cumpre as exigências da lei é tão bom à vista de Deus como qualquer judeu que permanece na lei. Na verdade, o gentio que guarda a lei de Deus condenará o judeu que a quebra, não importa quão versado nas Escrituras esse judeu seja, não importa quão canonicamente se tenha processado a sua circuncisão. Você vê, não é questão de descendência natural e de sinal externo como a circuncisão. A palavra “judeu” significa “louvor”, e o verdadeiro judeu é o homem cuja vida é digna de louvor pelos padrões de Deus, cujo coração é puro à vista de Deus, cuja circuncisão é a circuncisão interna, do coração. Este é judeu de verdade, digo eu — homem verdadeiramente digno de louvor — e seu louvor não é matéria de aplauso humano, mas da aprovação divina.¹³

“Eis que tu, que tens por sobrenome judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus; e sabes a sua vontade, e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído por lei” (2.17). Paulo ainda continua preparando o terreno para a exposição da doutrina da justificação pela fé da qual ele falará logo mais. Os gentios possuíam a revelação natural, bem como a lei da consciência; todavia, foram incapazes de reagir positivamente diante de Deus. Agora Paulo passará a falar dos judeus, que foram escolhidos por Deus e a quem foi dada, de forma especial, a lei. Todavia, assim como o pecado cegou os que tinham recebido a revelação natural, da mesma forma cegou os que tinham recebido a revelação especial.

Paulo havia demonstrado que os gentios estavam debaixo das densas nuvens do pecado. Antes que algum judeu legalista pudesse se gloriar de sua posição privilegiada em relação aos gentios, o apóstolo se apressa em dizer que eles não possuíam vantagem nenhuma. Se os gentios quebraram a lei natural, os judeus se demonstraram incapazes de cumprir a revelação especial, que lhes fora dada por meio da lei no Sinai. Eram, portanto, indesculpáveis.

Essa atitude legalista, em que a religião é vivida apenas de forma exterior, conduz à hipocrisia religiosa e é duramente combatida por Paulo. Aqueles que confiavam na lei como instrumento de justificação começam a perceber que as suas posturas diante da lei não os havia melhorado em nada. Paulo quer fazer com que eles vejam que esse modelo de espiritualidade estava falido justamente pelo fato de terem eles falhado em atender as exigências do preceito legal.

O legalismo foi uma ameaça para o antigo Israel; todavia, continua sendo uma ameaça hoje. A salvação pelas obras, isto é, que depende dos feitos de quem as pratica, parece ser algo atraente para muitos. A tentativa de agradar a Deus por meio dos seus próprios méritos é um perigo do qual o cristão precisa se precaver. Nessa seção das Escrituras, observamos Paulo combatendo o modelo de espiritualidade que atua somente por fora e não por dentro. Para ele, não era um judeu quem apenas possuía as marcas da circuncisão na sua carne, isto é, externamente, todavia não se encontrava marcado internamente (Rm 2,28,29). Muitos põem um verniz na sua espiritualidade e isso é tudo que conseguem viver e mostrar. Viver de aparências parece ser algo normal diante dos homens, mas não diante de Deus. Deus não possui uma vitrine, onde adorna os seus filhos para uma simples exposição. Ele os coloca no cenário da vida, na realidade nua e crua do dia a dia, para que eles possam depender dEle e assim viver sem mascaramentos.

Romanos 3.1-20

Qual é, logo, a vantagem do judeu? Ou qual a utilidade da circuncisão? Muita, em toda maneira, porque, primeiramente, as palavras de Deus lhe foram confiadas. Pois quê? Se alguns foram incrédulos, a sua incredulidade aniquilará a fidelidade de Deus? De maneira nenhuma! Sempre seja Deus verdadeiro, e todo homem mentiroso, como está escrito: Para que sejas justificado em tuas palavras e venças quando fores julgado. E, se a nossa injustiça for a causa da justiça de Deus, que diremos? Porventura, será Deus injusto, trazendo ira

sobre nós? (Falo como homem.) De maneira nenhuma! Doutro modo, como julgará Deus o mundo? Mas, se pela minha mentira abundou mais a verdade de Deus para glória sua, por que sou eu ainda julgado também como pecador? E por que não dizemos (como somos blasfemados, e como alguns dizem que dizemos): Façamos males, para que venham bens? A condenação desses é justa. Pois quê? Somos nós mais excelentes? De maneira nenhuma! Pois já dantes demonstramos que, tanto judeus como gregos, todos estão debaixo do pecado, como está escrito: Não há um justo, nem um sequer. Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus. Todos se extraviaram e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só. A sua garganta é um sepulcro aberto; com a língua tratam enganosamente; peçonha de áspide está debaixo de seus lábios; cuja boca está cheia de maldição e amargura. Os seus pés são ligeiros para derramar sangue. Em seus caminhos há destruição e miséria; e não conheceram o caminho da paz. Não há temor de Deus diante de seus olhos. Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda boca esteja fechada e todo o mundo seja condenado diante de Deus. Por isso, nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado.

Aliança Quebrada

“Qual é, logo, a vantagem do judeu? Ou qual a utilidade da circuncisão?” (3.1).

Paulo encerra seu argumento mostrando que judeus, gentios e toda a humanidade estavam debaixo do pecado. Não havia sobrado nenhum justo. Tanto gentios que viviam sem lei como os judeus que viviam debaixo da lei encontravam-se na mesma situação espiritual — afastados de Deus.

O expositor bíblico Henry Mahan observa que “no Antigo Testamento os judeus tinham grandes vantagens sobre as nações gentias. Tinham a palavra de Deus. Este término se usa quatro vezes no Novo Testamento. Em Atos 7.38 significa lei de Moisés; em Hebreus 5.12 e 1 Pedro 4.11 abarca as verdades do Evangelho. Neste versículo estão incluídas todas as Escrituras do Antigo Testamento, especialmente as que se referem ao Messias, Jesus Cristo. Enquanto os gentios precisavam descobrir Deus como podiam através da criação, consciência e providência, os judeus tinham as profecias da vinda do Messias, as figuras e tipos de seu sacrifício e expiação nas cerimônias e a promessa de redenção e perdão através da fé nEle. Em lugar de crerem nEle e confessar sua culpabilidade revelada através da lei e descansar na fé e na misericórdia de Deus e na justiça imputada, tomaram a lei, a circuncisão e as cerimônias e a herança judia e estabeleceram sua própria justiça baseada em uma imperfeita e hipócrita

obediência formal. Todas as leis, rituais, moralidade, cerimônias, Escrituras e forma externa não são de valor, mas ao contrário são devastadoras, se não conduzem à pessoa de Cristo”.¹⁴

¹ ARCO, Sor de Juana. *Concordancia de la Biblia Griega*. Bilbao, Espanha: Edicion Española.

² HODGE, Charles. *Commentary on the Epistle to the Romans*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1953.

³ SHEED, Russel P. Lei, Graça e Santificação. São Paulo: Editora Vida Nova, 2012. Há um longo debate sobre o que será feito dos que nunca ouviram o evangelho, que o espaço não nos permite discutir aqui. Todavia, há uma excelente abordagem sobre o tema na obra: *Que de los que no Han Oído? — Três Perspectivas sobre el Destino de los no Evangelizados (O que Será dos que nunca Ouviram? — Três Perspectivas sobre o Destino dos não Evangelizados*. SANDERS, John. Illinois: Intervarsity Press). Há também uma exposição sobre o assunto no comentário de Douglas Moo (*Romanos — Del Texto Bíblico a una Aplicación Contemporánea*. Editorial Vida).

⁴ Agostinho (354-430 d.C.) acreditava que o pecado original tornou o homem totalmente depravado ao ponto de impossibilitá-lo de reagir positivamente diante de Deus. Ele se opôs ao ensino de Pelágio (350-423), um monge britânico, “que ensinava que o homem possui a capacidade de dar os passos iniciais em direção à salvação mediante seus próprios esforços, à parte da graça especial” (*Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. Vol 3). Pelágio, portanto, ensinava um tipo de salvação pelas obras. Ao contrário do que ensinava Pelágio, Jacó Armínio (1560-1609 d.C.), que também cria na depravação humana sem, contudo, negar a liberdade de escolha dos homens (livre-arbítrio), situou totalmente na graça de Deus a iniciativa da salvação. Deus oferece aos homens a sua graça, favor imerecido, cabendo a eles aceitarem ou rejeitarem (Jo 1.12; At 16.30-31).

⁵ BARBAGLIO, Giuseppe. *As Cartas de Paulo II — Romanos*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

⁶ MOODY, Dale. *Comentário Bíblico Broadman, Atos — I Coríntios*. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

⁷ PATE, C. Marvin. *Romanos — Comentário Expositivo*. São Paulo: Editora Vida Nova.

⁸ TRANQUILO, Caio Suetônio. *A Vida dos Doze Césares*. Editora Gemape, 2003.

⁹ GALLAGHER, Steve. *E Foi assim que Perdemos a Inocência*. São Paulo: Editora Propósito Eterno.

¹⁰ BORTOLONI, José. *Como Ler a Carta aos Romanos — O Evangelho É a Força de Deus que Salva*. São Paulo: Editora Paulus, 2013.

¹¹ MOO, Douglas. Romanos — Del Texto Bíblico a una Aplicacion Contemporânea. Editorial Vida.

¹² SWINDOLL, Charles R. Romanos — Comentario Swindoll Del Nuevo Testamento. Grand Rapids, Michigan: Zondervan. (tradução livre do autor)

¹³ BRUCE. F. F. Romanos — Introdução e Comentário. São Paulo: Edições Vida Nova.

¹⁴ MAHAN, Henry. Romanos – comentário breve a las epistolas. Alcazar de San Juan, Espanha: Editorial Peregrino.

Capítulo 3

GRAÇA, UM FAVOR IMERECIDO

Romanos 3.21-26

Mas, agora, se manifestou, sem a lei, a justiça de Deus, tendo o testemunho da Lei e dos Profetas, isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que creem; porque não há diferença. Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.

Declarado Inocente!

"Mas, agora, se manifestou, sem a lei, a justiça de Deus, tendo o testemunho da Lei e dos Profetas" (3.21). Essa seção que começa em Romanos 3.21 e se estende até 4.25 apresenta o remédio do diagnóstico que Paulo tinha dado anteriormente para a questão do pecado em Romanos 1.18—3.20. Vimos que Paulo primeiramente apresentou o mundo pagão totalmente mergulhado nas trevas do pecado. Por outro lado, a situação dos seus compatriotas judeus não era diferente. Eles também estavam debaixo do domínio do mesmo pecado. É, pois, nessa seção que o apóstolo apresentará a solução de Deus para a rebelião do homem — a justiça de Deus imputada a todos por Cristo Jesus.

À parte da lei, isto é, sem o concurso da lei, a justiça de Deus se manifestou para resolver o dilema humano. Essa justiça divina, que se manifestaria em Cristo Jesus, já era testemunhada pela própria lei e pelos

profetas (v. 21). Primeiramente, a imagem que Paulo tem em mente aqui é de um tribunal. Alguém que se encontra como réu diante de um juiz e de quem espera o veredicto condenatório. Todavia, em vez de receber uma condenação, ele recebe a absolvição.

O expositor bíblico William Barclay mostra o pano de fundo da doutrina da justificação nessa passagem. Nesse exemplo de Paulo, imagina-se o homem diante do tribunal de Deus. Barclay destaca com muita propriedade que a palavra grega traduzida como “justificar” vem da mesma raiz de *dikaiún* e que todos os verbos gregos que terminam em *ún* têm o sentido de *considerar alguém como algo e não o de fazer algo a alguém*. Dessa forma, se alguém que é inocente se apresenta diante de um juiz, o juiz, evidentemente, o declarará inocente. Todavia, o caso mostrado por Paulo aqui é diferente. A pessoa que se apresenta diante de Deus é totalmente culpada, merecendo a punição do seu erro, porém, o justo Juiz, em uma demonstração de sua graça infinita, considera-o como se fosse inocente. Isso é o que se entende do significado da palavra “justificação” no contexto paulino. Quando Paulo diz “Deus justifica o ímpio”, significa, dentro do contexto da justificação, que Deus trata o ímpio como alguém bom. É evidente que tal raciocínio deixou os judeus totalmente escandalizados. Na mente dos judeus, apenas um juiz iníquo agiria dessa forma, pois justificar o ímpio é uma abominação para Deus (Pv 17.15); “não justificarei o ímpio” (Êx 23.7). Todavia, a argumentação de Paulo mostra que é exatamente isso o que Deus fez.

Na mente de Paulo, observa Barclay, se alguém desejasse saber como Deus é, então deveria olhar para Jesus, pois Ele revelou Deus aos homens. O verbo encarnado de Deus veio mostrar o grande amor de Deus pelos homens, mesmo estes estando mortos em seus delitos e pecados (Ef 2.1,2). Barclay destaca que “quando descobrimos isso e cremos, nossa relação com Deus muda radicalmente. Estamos conscientes do nosso pecado, mas não estamos aterrorizados ou distantes. Quebrantados e arrependidos, recorremos a Deus como uma criança triste se chega a sua mãe e sabemos que o Deus a quem chegamos é amor. Isso é o que significa justificação pela fé em Jesus Cristo. Isso significa que estamos em relacionamento correto com Deus porque acreditamos sinceramente que o que Jesus nos disse de Deus é a verdade. Já não somos estranhos que têm medo de um Deus irado. Somos filhos, crianças errantes que

confiam no amor do Pai que os perdoará. E não podíamos nunca chegar a esse relacionamento com Deus, se Jesus não tivesse vindo para viver e morrer para nos dizer como maravilhosamente Deus nos ama”.¹

Escravo Alforriado

“... *pela redenção que há em Cristo Jesus*” (3.24b). A palavra traduzida como “redenção” vem do grego *apolutrósis*. De acordo com o léxico grego de Gerhard Kittel, essa palavra tem o sentido de *resgate* ou *pagamento de um regaste*, passando a ser um termo muito importante no Novo Testamento.² A história seguinte ajuda-nos a entender o seu real sentido.

No tempo da escravidão, nos Estados Unidos, numa movimentada rua de certa cidade, uma multidão de pessoas concorreu para uma feira de escravos. Amarrados de pés e mãos, aguardavam compradores.

No meio dos escravos, estava uma moça de olhar cabisbaixo, triste, pensando na sua condição de escrava. Um cavalheiro passou, olhou para os escravos e teve profunda compaixão por aquela escrava, que era tratada como os demais escravos, feito animais. Na hora dos lances, o cavalheiro ofereceu o dobro. O leiloeiro bateu o martelo, estava livre, podia gozar de sua liberdade.

Soltaram a escrava e o seu libertador disse-lhe: “Acompanhe-me”. Com raiva, ela cuspiu na cara do seu benfeitor. Ele tirou o lenço do bolso, limpou a cusparada. Terminou a parte burocrática. Pegou os documentos e deu à jovem. Era a carta de alforria. A escrava estava livre. Com aqueles papéis ninguém conseguiria escravizá-la.

Com os documentos na mão, dizia quase sem parar: “O senhor me comprou para me libertar?”. Estava livre. Aquele homem comprou a libertação da jovem escrava. Poderia gozar de sua liberdade. A nossa escravidão, imposta pelo Diabo, é muito mais grave do que a escravidão daquela jovem negra. Estávamos nos-grilhões do Diabo. Comumente, ele nos levava pelo caminho do cigarro, das drogas, da prostituição, do furto e do crime. E esses pecados se refletiam em nossa família, nossos filhos, nosso trabalho. No cabresto do Diabo, ele nos levava por esses caminhos de sombras, de desilusão, de amargura, de morte. Matou a esperança em nosso coração. Como aquele cavalheiro nos Estados Unidos pagou a libertação da jovem, Cristo pagou o preço da nossa redenção.³

O Preço de um Resgate

“... a qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue...” (3.25). O vocábulo “propiciação” (gr. *hilastérion*), comenta Elvis Carballosa, significa sacrifício expiatório. Esse sacrifício expiatório foi a morte de Cristo em lugar do pecador. A frase “no seu sangue” se refere à morte de Cristo. A morte de Cristo foi uma realidade histórica.⁴

Romanos 3.27-31

Onde está, logo, a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não! Mas pela lei da fé. Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei. É, porventura, Deus somente dos judeus? E não o é também dos gentios? Também dos gentios, certamente. Se Deus é um só, que justifica, pela fé, a circuncisão e, por meio da fé, a incircuncisão, anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma! Antes, estabelecemos a lei.

Jesus e o Judaísmo Palestino

“Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei” (3.28). Nesse ponto, dentro de nosso comentário textual e exegético desse texto, é preciso fazer referência a um grande debate que nos últimos anos tem surgido em torno da teologia paulina da graça.⁵ Alguns expositores têm defendido a tese de que Paulo não estaria combatendo o legalismo judaico, isto é, a salvação pelas obras, mas em vez disso estaria se posicionando apenas contra o orgulho judaico de pertencer ao povo da aliança.

Os escritos do norte-americano E. P. Sanders revolucionaram os estudos sobre a teologia paulina quando, em 1977, publicou seu livro *Paulo e o Judaísmo Palestino*.⁶ Sanders parte do princípio de que o judaísmo não era uma religião legalista que pregava a salvação pelas obras. Esse pensamento de Sanders, denominado de *A Nova Perspectiva sobre Paulo*, é radicalmente oposto àquele da tradição cristã histórica. O livro de Sanders é uma tentativa de provar que a teologia sobre Paulo, que os reformadores defendiam, não era de fato de Paulo, mas de Agostinho, bispo de Hipona. O escritor William S. Campbell destaca que “é perceptível, pela leitura de Sanders, que um debate cristão interno posterior sobre a graça e obras foi projetado no cristianismo inicial, fazendo com que nosso entendimento das origens cristãs, em relação ao judaísmo, se tornasse um tanto distorcido. Em certo sentido, esse é, na verdade, mais um debate sobre a graça dentro do cristianismo. É esclarecedor observar que foram

os escritos antipelagianos de Agostinho o material que Lutero considerou mais úteis. Para Lutero, Agostinho é sua autoridade preferida, seu principal aliado na luta contra as tendências pelagianas do escolasticismo. Mas, em decorrência disso, os judeus são vistos por Lutero como representantes de um tipo de pelagianismo e, como tal, inimigos do Evangelho tanto quanto a igreja não reformada”.⁷

Partindo, portanto, desse princípio, E. P. Sanders se opôs a essa visão dos reformadores. Ao contrário do que crê o cristianismo tradicional, disse que o judaísmo é uma religião da aliança em que o *status* de pertencer ao grupo eleito, e não a obediência legalista da lei, é a principal característica. Para Sanders, os judeus não acreditavam que a obediência aos preceitos legais lhes garantia salvação, mas apenas mantinha seu *status* dentro do grupo da aliança. Nesse aspecto, em vez de ser a causa da salvação, a obediência era apenas a condição. Essa nova perspectiva, Sanders denominou de *nomismo da aliança*. Em outras palavras, o erro dos judeus era o de se orgulhar de pertencer ao povo eleito de Deus, pertencer a aliança que Deus fez com Israel e não querer agradá-lo por meio das obras.⁸

Outro autor que fez coro com Sanders foi o britânico James D. G. Dunn que também passou a defender a *Nova Perspectiva sobre Paulo*. Todavia, Dunn fez críticas ao modelo de Sanders para implantar o seu próprio modelo. Dunn afirma que “o Paulo luterano foi substituído por um Paulo idiossincrático que, de maneira arbitrária e irracional, volta-se contra a glória e a grandeza da teologia pactual do judaísmo e abandona o judaísmo simplesmente por que ele não é cristianismo”.⁹ O teólogo presbiteriano Augustus Nicodemus observa que J. D. G. Dunn nessa nova abordagem sociológica sobre Paulo “tem recebido vasta aceitação. Para ele, Paulo ataca as ‘obras da lei’ não porque elas expressam algum desejo de alcançar mérito por parte dos judeus, mas porque entende que elas fazem uma distinção entre os judeus, o povo de Deus da antiga dispensação, e os gentios, a quem o evangelho está sendo oferecido. As ‘obras da lei’, que Paulo identifica como restritas à circuncisão, às leis sobre alimentos puros e impuros (*kashrut*) e aos dias especiais do calendário judaico, são emblemas que caracterizam o judaísmo e devem ser rejeitadas porque enfatizam a separação entre judeus e não judeus, a qual Cristo veio abolir”.¹⁰

Duas coisas precisam ser observadas aqui. Primeiro, a leitura de Romanos 3.28 mostra claramente que Paulo não via o problema da rejeição judaica apenas como sendo um orgulho de pertencer ao povo da aliança. Essa

Escritura é clara o suficiente para mostrar que a busca pelo mérito por meio das obras constituiu-se o principal obstáculo para um judeu legalista aceitar a justificação somente pela fé. Em segundo lugar, é um fato que não apenas Lutero, mas outros reformadores depois dele, beberam do poço doutrinário de Agostinho, como por exemplo, a crença no pecado original com a consequente doutrina da regeneração batismal, etc. Embora haja similaridade entre o legalismo judaico e a doutrina da salvação pelas obras de Pelágio, não é correto fazer a crença luterana na justificação pela fé depender exclusivamente de Agostinho. Não há como negar que Lutero foi influenciado de forma negativa por Agostinho, todavia, a própria história da Reforma, com seu lema “O justo viverá pela fé” (Rm 1.17), revela a grande influência que a Carta aos Romanos teve na vida e obra do reformador alemão. Não é seguro, portanto, pelo menos neste caso, fazer a convicção teológica do reformador alemão depender somente de Agostinho. Por outro lado, é certo e historicamente provado, como demonstrou Sanders, que Lutero errou ao odiar os judeus ao projetar neles o erro pelagiano.

Romanos 4.1-25

Que diremos, pois, ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne? Porque, se Abraão foi justificado pelas obras, tem de que se gloriar, mas não diante de Deus. Pois, que diz a Escritura? Creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. Ora, àquele que faz qualquer obra, não lhe é imputado o galardão segundo a graça, mas segundo a dívida. Mas, àquele que não pratica, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça. Assim também Davi declara bem-aventurado o homem a quem Deus imputa a justiça sem as obras, dizendo: Bem-aventurados aqueles cujas maldades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa o pecado. Vem, pois, esta bem-aventurança sobre a circuncisão somente ou também sobre a incircuncisão? Porque dizemos que a fé foi imputada como justiça a Abraão. Como lhe foi, pois, imputada? Estando na circuncisão ou na incircuncisão? Não na circuncisão, mas na incircuncisão. E recebeu o sinal da circuncisão, selo da justiça da fé, quando estava na incircuncisão, para que fosse pai de todos os que creem (estando eles também na incircuncisão, a fim de que também a justiça lhes seja imputada), e fosse pai da circuncisão, daqueles que não somente são da circuncisão, mas que também andam nas pisadas daquela fé de Abraão, nosso pai, que tivera na incircuncisão. Porque a promessa de que havia de ser herdeiro do mundo não foi feita pela lei a Abraão ou à sua posteridade, mas pela justiça da fé. Pois, se os que são da lei são os herdeiros, logo a fé é vã e a promessa é aniquilada. Porque a lei opera a ira; porque onde não há lei também não há transgressão. Portanto, é pela

fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade, não somente à que é da lei, mas também à que é da fé de Abraão, o qual é pai de todos nós, (como está escrito: Por pai de muitas nações te constituí), perante aquele no qual creu, a saber, Deus, o qual vivifica os mortos e chama as coisas que não são como se já fossem. O qual, em esperança, creu contra a esperança que seria feito pai de muitas nações, conforme o que lhe fora dito: Assim será a tua descendência. E não enfraqueceu na fé, nem atentou para o seu próprio corpo já amortecido (pois era já de quase cem anos), nem tampouco para o amortecimento do ventre de Sara. E não duvidou da promessa de Deus por incredulidade, mas foi fortalecido na fé, dando glória a Deus; e estando certíssimo de que o que ele tinha prometido também era poderoso para o fazer. Pelo que isso lhe foi também imputado como justiça. Ora, não só por causa dele está escrito que lhe fosse tomado em conta, mas também por nós, a quem será tomado em conta, os que cremos naquele que dos mortos ressuscitou a Jesus, nosso Senhor, o qual por nossos pecados foi entregue e ressuscitou para nossa justificação.

A Jornada da Fé

A partir dessa seção, Paulo introduz a história do patriarca Abraão com um exemplo do seu argumento da justificação pela fé. Paulo argumenta a partir de Gênesis 15; todavia, acredito ser oportuno aqui vermos alguns aspectos anteriores da jornada desse gigante espiritual. Voltemo-nos, pois, ao capítulo 13 de Gênesis para traçarmos o percurso dessa jornada.

1. *Uma jornada para conviver com altares, e não com pirâmides.* “Subiu, pois, Abrão do Egito [a terra das pirâmides] [...] E fez as suas jornadas do Sul [Neguebe] até Betel, até ao lugar onde, ao princípio, estivera a sua tenda, entre Betel e Ai; até ao lugar do altar que, dantes, ali tinha feito; e Abrão invocou ali o nome do Senhor” (Gn 13.1-4).¹¹ Abraão saiu do Egito, onde conviveu com as grandes pirâmides, para voltar à Palestina, terra onde construía altares. Deus quer o fiel convivendo com altares, e não com pirâmides.
2. *Uma jornada onde a visão deve ser maior do que a ambição.* “E houve contenda entre os pastores do gado de Abrão e os pastores do gado de Ló [...] E disse Abrão a Ló: Ora, não haja contenda entre mim e ti e entre os meus pastores e os teus pastores, porque irmãos somos” (Gn 13.7,8). A ambição, o orgulho e o desejo de ter são agentes causadores da quebra da unidade fraternal, mas a busca da

koinonia é o remédio para esse mal. A luta por espaço arranhou o relacionamento entre os pastores de Abraão e Ló. Evidentemente que isso estava tendo consequências entre o tio e o sobrinho. É melhor abrir mão de alguma coisa do que permitir que venha a arranhar a comunhão fraternal.

3. *Uma jornada que não pode ser seduzida por uma imitação do Paraíso nem pelas lembranças do Egito.* “E levantou Ló os seus olhos e viu toda a campina do Jordão, que era toda bem regada, antes de o Senhor ter destruído Sodoma e Gomorra, e era como o jardim do Senhor, como a terra do Egito, quando se entra em Zoar” (Gn 13.10). Ló se deixou seduzir por uma lembrança do Paraíso, todavia Abraão procurou viver a realidade nua e crua de uma vida de fé. As campinas de Sodoma lembravam o Paraíso, mas não eram o Paraíso. Às vezes, o crente se deixa iludir pelas aparências e em vez de procurar o caminho mais seguro, busca os atalhos.
4. *Uma jornada que se aproxima de Canaã e se afasta de Sodoma.* “Habitou Abrão na terra de Canaã, e Ló habitou nas cidades da campina e armou as suas tendas até Sodoma” (Gn 13.12,13). Enquanto Ló se aproximava de Sodoma, do pecado, Abraão se distanciava cada vez mais dele. Impulsionado pelos atrativos, Ló se aproximava cada vez mais dos encantos de Sodoma. Foi uma sedução que, posteriormente, lhe custou muito caro. Por que em vez de se afastar de Sodoma muitos se aproximam cada vez mais?
5. *Uma jornada onde a exclusividade determina a intimidade.* “E disse o Senhor a Abrão, depois que Ló se apartou dele” (Gn 13.14). Às vezes precisamos nos separar de determinadas coisas, até mesmo de pessoas, se queremos ouvir a voz do Senhor. Não dá para conviver com quem gosta de Sodoma.
6. *Uma jornada onde Deus mostra o futuro, mas é o homem quem constrói o presente.* “Levanta, agora, os teus olhos e olha desde o lugar onde estás, para a banda do norte, e do sul, e do oriente, e do ocidente; porque toda esta terra que vês te hei de dar a ti e à tua semente, para sempre. [...] Levanta-te, percorre essa terra, no seu comprimento e na sua largura; porque a ti a darei. E Abrão armou as suas tendas, e veio, e habitou nos carvalhais de Manre, que estão junto a Hebrom; e edificou ali um altar ao Senhor” (Gn 13.14-18). Deus revela o

futuro, mas somos nós quem construímos o presente. É preciso haver deslocamento. Começar e recomeçar sempre. Deus faz promessas e as cumpre, mas é preciso ter paciência, encarar as incertezas do presente para chegar às garantias do futuro.

7. *Uma jornada onde pessoas são mais importantes do que coisas.* “Também tomaram a Ló, que habitava em Sodoma, filho do irmão de Abrão, e a sua fazenda e foram-se. [...] não tomarei coisa alguma de tudo o que é teu; para que não digas: Eu enriqueci a Abrão” (Gn 14.12,23). Abraão era rico, mas não punha nas riquezas a sua confiança. O importante para ele era a comunhão com o seu Deus.
8. *Uma jornada onde Abrão aprendeu que era grande, mas não o maior.* “E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; e este era sacerdote do Deus Altíssimo. E abençoou-o e disse: Bendito seja Abrão do Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra; e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus inimigos nas tuas mãos. E deu-lhe o dízimo de tudo” (Gn 14.18,20; Hb7.1-10). Mesmo sendo um homem grande, Abraão reconheceu que havia alguém ainda maior. Melquisedeque é um tipo de Cristo, e o velho patriarca aprendeu desde sempre a depender da fé nEle.

Pois bem, voltemos ao texto.

O texto de Romanos 4.1-25, como vimos, trata com exclusividade da vida do velho patriarca Abraão. A exegese feita por Paulo nessa passagem mostra, a partir do livro de Gênesis, que a justificação de Abraão não se deu em decorrência das obras, mas da fé. Nesse aspecto há uma similaridade entre a fé de Abraão e a fé do cristão. Lucien Cerfaux sintetizou bem essa analogia usada por Paulo.¹² Dentro dessa passagem de Romanos é possível perceber com clareza Paulo fazendo a ligação entre a justiça de Abraão, Cristo e a justiça do cristão.

“Pois, que diz a Escritura? Cren Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça” (Rm 4.3). Paulo toma como ponto de partida de seu argumento Gênesis 15.6, onde Deus fez a promessa a Abrão de lhe dar uma posteridade numerosa. O judaísmo acreditava que Abraão havia sido justificado em consequência do rito da circuncisão, o que Paulo vai negar. Paulo observa que Deus justificou o patriarca em consequência da sua fé, que aconteceu muito antes da prática da

circuncisão. Dessa forma, como mostra Romanos 4.4, Abraão não poderia ter sido justificado pelas obras, mas pela fé. A sua justificação foi uma dádiva, e não uma dívida.

O expositor Lucien Cerfaux destaca que “Paulo exalta a fé de Abraão, emoldurando-a de maneira mais determinada com a fé dos cristãos, cujo objeto principal é a ressurreição de Cristo. Abraão crera em Deus ‘que dá vida aos mortos e, chamando-as, faz existir as coisas que não existiam’ (Rm 4.17). Paulo explica seu modo de pensar: ‘E sem vacilar na fé, não considerou nem o seu corpo, já sem vitalidade, por ser quase centenário, nem a falta de vigor do seio de Sara; nem hesitou por falta de fé, perante a promessa de Deus, antes hauriu força na sua fé, dando gloria a Deus’ (Rm 4.19). Notem-se as expressões ‘morte’ (o corpo de Abraão, o seio de Sara estão mortos) e ‘dar vida’. É a antítese morte-ressurreição. A fé de Abraão constitui o primeiro esboço da fé cristã; pela maneira com a qual a formula, suspeita-se que Paulo a encara como um ‘tipo’ de fé na morte e ressurreição de Cristo”.¹³

“Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa o pecado” (Rm 4.8). Seguindo um dos princípios hermenêuticos (*Gezerah Sahawah*) da escola rabínica de Hillel, faz um paralelo entre Salmos 32.1 e Gênesis 16.6. O propósito do apóstolo é interpretar Gênesis 15 a partir do Salmo 32. “O fato de Abraão ter sido considerado justo, de ter-lhe sido atribuída justiça diante de Deus (Gn 15.6), significa que Deus não contou, atribuiu seus pecados contra ele (Sl 32.1,2), com referência ao perdão divino dos pecados de adultério e homicídio cometidos por Davi [cf. 2 Sm 11]. Tudo isso significa que Abraão foi justificado diante de Deus, pela fé e não por obras. De fato, Abraão era um pecador cuja única esperança era a graça de Deus recebida pela fé”.¹⁴

Na argumentação de Paulo, ficam, portanto, os fatos:

1. *Quando Abraão foi justificado, era ainda incircunciso.* Isso significa que Abraão seria o pai de todos os que haviam de crer sem estar circuncidados (incircuncisos), e assim fosse creditada a justiça também a eles.
2. *A circuncisão foi dada após, como “sinal” (segundo Gn 17.10ss), isto é, como sinal da justiça da fé que ele havia recebido sendo ainda incircunciso.* Isso significa que Abraão seria o pai de todos circuncisos, isto é, daqueles que não se limitam à circuncisão, mas que, além disso, seguem na esteira da fé que, ainda incircunciso, possuía nosso pai Abraão (Rm 4.11).¹⁵

- ¹ BARCLAY, William. *Comentario al Nuevo Testamento — Romanos, 17 tomos*. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.
- ² KITTEL, Gerhard. *Compendio del Diccionario Teológico Del Nuevo Testamento*. Grand Rapids, Michigan: Libros Desafio.
- ³ TOGNINI, Enéas. *Cristo Liberta o Escravo*. Disponível em <<http://www.batistadopovo.org.br>>
- ⁴ CARBALLOSA, Elvis. *Romanos — Una Orientacion Expositiva y Practica*. Grand Rapids, Michigan: Editorial Portavoz.
- ⁵ WESTERHOLM, Stephen. *Justification Reconsidered: Rethinking a Pauline Theme*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing, 2013.
- ⁶ SANDERS, E. P. *Paul and Palestinian Judaism*. Filadélfia: Fortress Press, 1977.
- ⁷ CAMPBELL, William. *Paulo e a Criação da Identidade Cristã*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- ⁸ Em resposta às críticas que foram feitas à sua obra, E. P. Sanders escreveu o livro *Paulo, a Lei e o Povo Judeu*. Nessa obra, Sanders faz alguns ajustes nos pontos controversos, porém afirmando o que havia escrito em *Paulo e o Judaísmo Palestino*.
- ⁹ DUNN, James D. G. *A Nova Perspectiva sobre Paulo*. São Paulo: Editora Academia Cristã/Loyola.
- ¹⁰ LOPES, Augustus Nicodemus. *A Nova Perspectiva sobre Paulo — Um Estudo sobre as “Obras da Lei” em Gálatas*. Disponível em <<http://www.mackenzie.br/>>. Acesso em 26/11/2015.
- ¹¹ Abrão esteve no Egito por volta de 2000 a.C. e as pirâmides foram construídas pelo menos 600 anos antes de sua chegada lá.
- ¹² CERFAUX, Lucien. *Cristo na Teologia de Paulo*. São Paulo: Editora Academia Cristã/Paulus.
- ¹³ Idem, p. 166, 167.
- ¹⁴ PATE, C. Mervin. *Romanos — Comentário Expositivo*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2015.
- ¹⁵ CERFAUX, Lucien. *Cristo na Teologia de Paulo*. São Paulo: Editora Academia Cristã/Paulus.

Capítulo

4

A GRAÇA E O PROBLEMA DA CULPA

Romanos 5.1-4

Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência; e a paciência, a experiência; e a experiência, a esperança.

Um Olhar em duas Direções

“Sendo, pois, justificados pela fé...” (5.1a). Há um consenso entre os comentaristas que a seção que começa no capítulo cinco de Romanos é uma transição entre Romanos 1.18—4.25 e Romanos 5.1—8.39. Ela é, portanto, o elo que liga o que vem antes e o que vem depois. Retrospectivamente, Romanos 5.1 mostra o fato do que seja a justificação em Cristo Jesus. Por outro lado, olhando prospectivamente, Romanos 5.1 também enxerga aquilo que vem como resultado dessa justificação. É um olhar para a frente. Stanley Clark destaca que “a diferença de opinião a respeito de se associar o capítulo 5 com os capítulos anteriores (3.21—4.25) ou depois (6.1—8.39) sugere que seu papel é transitório; isto é, especialmente verdadeiro para os primeiros 11 versos. Em alguns aspectos, Romanos 5 olha para trás, para a gloriosa verdade da justificação do homem pela fé. No entanto, os conceitos vertidos têm mais em comum com 6.1—8.39 com 3.21—4.25. O tema da seção inteira (5.1—8.39) que é ‘justificou a nova vida do homem’”.¹

Temos Paz!

“... *temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo*” (5.1b). O efeito imediato da justificação é a paz com Deus. Os manuscritos gregos pertencentes ao texto crítico do Novo Testamento trazem a palavra “tenhamos” em lugar de “temos”. Todavia, os eruditos em Novo Testamento observam que a evidência interna do contexto dessa passagem exige o sentido presente do verbo. Nesse caso, a tradução “temos” é preferível.²

A paz com Deus é, portanto, uma realidade presente na vida do crente. Ela é a coroação ou resultado imediato da justificação. Não é algo que vamos ter somente no futuro, mas é algo que o crente já desfruta agora. Toda a argumentação de Paulo aponta na direção do aqui e agora na vida do crente. Andrew Murray, antigo expositor bíblico, comenta: “A paz com Deus é uma bênção coordenada à justificação, que se realiza sob circunstâncias de condenação e de sujeição à ira de Deus; e a justificação contempla nossa aceitação diante de Deus, como justos. E o pano de fundo é a nossa alienação diante de Deus; a paz com Deus contempla nossa restauração ao favor e à luz do rosto divino. O fato de que a paz com Deus recebeu a preeminência dentre as bênçãos provenientes da justificação é coerente com o *status* que a justificação nos assegura. ‘Paz com Deus’ denota relacionamento com Deus. Não se trata apenas de serenidade e tranquilidade de nossas mentes e corações; mas refere-se ao estado de paz que flui da reconciliação (vv. 10,11) e reflete-se, primeiramente, sobre nossa alienação de Deus e nossa restauração ao favor divino. A paz da mente e do coração procedem da ‘paz com Deus’, sendo o reflexo em nossa consciência do relacionamento estabelecido pela justificação”.³

A Porta da Graça!

“*pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus*” (5.2). A graça de Deus é o coração da Carta aos Romanos. Tudo gira em torno dela. O expositor bíblico William Barclay, perito em grego neotestamentário, captou muito bem o sentido desse texto no original. Aqui o quadro pintado por Paulo mostra a grande porta que a justificação pela fé nos abriu. Quando essa porta se abre e entramos por ela, encontramos-nos com a graça. Não com o julgamento, recriminação ou condenação, mas com a gloriosa graça de Deus.⁴ Nos últimos anos tem havido um verdadeiro despertar

da graça. Mas é preciso olhar com cuidado para esse despertar. Nem tudo que se passa por graça tem realmente graça. Na verdade, há uma graça sendo pregada e ensinada por aí que não tem graça alguma! A graça que justifica o pecado em vez do pecador, observou Dietrich Bonhoeffer, é uma graça barata.⁵ A graça de Deus é justificadora e perdoadora, mas também é responsabilizadora.

“... e nos gloriamos na esperança da glória de Deus” (5.2). Os comentaristas Sanday e Headlam destacam que “é a glória da presença divina (*Shekinah*) que é comunicada aos homens (parcialmente aqui, mas) em plena medida, quando ele entrar por completo na sua presença; então o homem por inteiro será transfigurado por Ele”.⁶ O apóstolo via aqui, como destacou o expositor bíblico Frédéric L. Godet, o elevado sentimento de segurança pela alegria antecipada do nosso triunfo.⁷ Essa esperança, portanto, tem uma dimensão escatológica. Os crentes se regozijam pela esperança de um futuro que, embora ainda não desfrutado em toda a sua plenitude aqui, mas que já está construído por Deus.

“... nos gloriamos nas tribulações” (5.3). A imagem que temos quando lemos essas palavras de Paulo nos dá a impressão de que ele parece subir degraus com seu argumento. Primeiramente ele fala da graça como uma grande porta aberta que nos conduz até a presença da majestade divina.⁸ A nossa caminhada até lá é um andar movido pela esperança. Mas nesse caminho existem pedras! Enfrentamos lutas, angústias, tribulações. Mas não é motivo para desânimo, pois isso é parte natural desse caminhar. O sofrimento ou tribulações são usados por Deus para moldar nossa vida. O *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* destaca que o termo *thlipseis*, traduzido aqui como “tribulação”, quer dizer *pressão*.⁹ Nada disso serve de motivo para o desânimo, nem mesmo as pressões, porque elas conduzem à perseverança.

“... a tribulação produz a paciência” (5.3). A tribulação produz a paciência. “Nunca poderíamos desenvolver ‘paciência’ se nossas vidas estivessem isentas de problemas”, destaca William McDonald.¹⁰

“... e a paciência, a experiência; e a experiência, a esperança” (5.4). Paulo chega agora ao estágio em que o cristão, provado pela fornalha da vida, cresceu em maturidade. Agora ele tem experiência nessa caminhada. Essa experiência lhe dá a certeza de que a sua jornada é alicerçada na esperança da vida do Reino. Não é uma esperança que olha o vazio, mas uma esperança escatológica, eterna, que se plenifica em Deus.

Romanos 5.5-11

E a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado. Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. Porque apenas alguém morrerá por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém ouse morrer. Mas Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Porque, se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida. E não somente isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação.

Ninguém nunca Fez isso!

A nossa esperança, observa o apóstolo Paulo, não pode ser confundida porque se fundamenta na certeza. A certeza que vem com o amor de Deus que é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo. Passamos então a experimentar o grande amor de Deus que o levou justificar ímpios pecadores. O teólogo suíço Karl Barth assim se expressou sobre essa passagem: “Gloriamo-nos, pois, na esperança, porque ela não está fundamentada em ação de nosso espírito de criaturas, mas no Espírito Santo que nos foi outorgado, mediante o derramamento do amor de Deus em nossos corações. O Espírito Santo é a obra de Deus, na fé; é o poder criador e redentor do Reino de Deus que está próximo e que, pela fé, tange o mundo dos homens e o faz ressoar como o cristal às vibrações do diapasão. O Espírito Santo é o eterno ‘Sim’ da fé que, vista do lado humano, apenas pode ser descrita como negação e vácuo; ele é o milagre inicial e criativo desta fé. O Espírito Santo é igual a Deus e por ele Deus tributa justiça ao que crer”.¹¹

“Mas Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores” (5.8). Martinho Lutero (1483-1546), reformador alemão, colocou em destaque o amor de Deus pelos pecadores quando resumiu o capítulo 5 em seu prefácio da Carta aos Romanos. “No quinto capítulo, ele fala dos frutos e das obras da fé, quais sejam: paz, alegria, amor a Deus e a todos, além de segurança, confiança, ânimo e esperança em tristeza e sofrimento. Pois, onde a fé for verdadeira, tudo isso resulta do bem superabundante que Deus nos demonstra em Cristo: de tê-lo feito morrer por nós antes mesmo de lho podermos pedir quando ainda éramos inimigos. Temos, portanto, que a fé justifica sem quaisquer obras

e, mesmo assim, não sucede daí que não se deveria fazer boa obra, e sim, que as obras justas não ficam ausentes; destas, porém, os santos por nada saberem [19] inventam para si mesmos obras próprias, que não contêm nem paz, nem alegria, nem segurança, nem amor, nem esperança, nem porfia, tampouco qualquer tipo de obra e fé cristã direta”.¹²

Romanos 5.12-21

Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram. Porque até à lei estava o pecado no mundo, mas o pecado não é imputado não havendo lei. No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir. Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é de um só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos. E não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou; porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação. Porque, se, pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça e do dom da justiça reinarão em vida por um só, Jesus Cristo. Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida. Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim, pela obediência de um, muitos serão feitos justos. Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça; para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor.

A Culpa não Foi só de Adão

“Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram” (5.12). Estamos diante de um dos textos que centrais na doutrina da justificação pela fé. Todavia, um dos mais controvertidos dessa carta. Como outras passagens de Romanos, essa Escritura está sujeita a calorosos debates. Há pelo menos uma meia dúzia de interpretações sobre essa porção da Escritura; todavia, o debate em torno desse texto não é novo. Em parte, esse debate tem sido motivado pela disputa em torno da expressão grega *eph'hoi pantes hemarton*, que aparece no final do versículo 12 do capítulo 5 de Romanos.¹³

Como é de se esperar, as versões bíblicas não são unânimes na tradução dessa passagem. Porém, as controvérsias começaram quando Agostinho (354-430 d.C.), bispo de Hipona, que não era versado em grego bíblico, seguiu a versão latina “*in quo*”, traduzindo erradamente a preposição grega *eph’hoi* (porque) com o sentido de “*em quem*”.¹⁴ A sentença grega “porquanto todos pecaram”, ou “porque todos pecaram”, no texto de Agostinho ganhou o sentido apenas de “*em quem todos pecaram*”.¹⁵ Isso significa que todos os homens estão ligados seminalmente ao seu antepassado Adão.¹⁶ Essa crença do bispo de Hipona conduziu-o a acreditar que “os homens estavam maculados pelo pecado original, que lhes foi transmitido de geração em geração, e que por isso não mereciam ser salvos”.¹⁷ Esse fato, segundo Agostinho, levou Deus a arbitrar a salvação para alguns e a condenação para outros.¹⁸

Na teologia do bispo de Hipona, a faculdade humana do livre-arbítrio também foi afetada. Ele não negou que o homem possuísse livre-arbítrio depois da Queda. Pelo contrário, até mesmo achou que se tratava de um bem necessário. Todavia, por causa do pecado original, ele acreditava que o homem ficou incapacitado de escolher aquilo que é bom. Nesse aspecto, o mal moral devia-se ao livre-arbítrio humano. Agostinho confirma sua concepção radical do cativeiro do livre-arbítrio quando escreve: “Quando o homem pecou por seu próprio livre-arbítrio, nesse caso, tendo o pecado sido vitorioso sobre ele, a liberdade da sua vontade foi perdida”.¹⁹ Em outra obra, o *Livre-Arbítrio*, Agostinho, escreveu: “Mas quanto a esse mesmo livre-arbítrio, o qual estamos convencidos de ter o poder de nos levar a pecar, pergunto-me se aquele que nos criou fez bem de no-lo ter dado. Na verdade, parece-me que não pecaríamos se estivéssemos privados dele”.²⁰

A argumentação de Agostinho, como foi demonstrado, ficou comprometida quando se sabe que a exegese feita por ele partiu de uma tradução equivocada do texto de Romanos.²¹ O expositor Giuseppe Barbaglio comenta que “a versão da Vulgata — ‘no qual (Adão) todos pecaram’ — na qual, por exemplo, S. Agostinho se apoiou, aduzindo uma prova fácil demais da doutrina do pecado original, deve ser excluída, porque é errada”.²² Por sua vez, o teólogo Millard J. Erickson destaca que Agostinho entendia que “a oração final, no versículo 12, no sentido de que nós estávamos realmente “em Adão” e, portanto, o pecado de Adão também era nosso. Mas como sua interpretação baseou-se numa tradução inadequada, precisamos analisar melhor a oração gramatical. Devemos

perguntar o que significa “todos os homens pecaram”.²³ Não significa, evidentemente, a condenação de uns para o céu e outros para o inferno, nem tampouco a supressão do livre-arbítrio humano. Erickson destaca, por exemplo, que o Senhor Jesus não considerou como condenados aqueles que ainda não tinham atingido a idade da capacidade moral. “Há vários indicadores nas Escrituras de que as pessoas não são moralmente responsáveis antes de certo ponto, o que às vezes chamamos de ‘idade da responsabilidade’ (Mt 18.3; 19.14; 2 Sm 12.23; Is 7.15; Jn 4.11)”.²⁴ E conclui que fica “o fato evidente de que, antes de determinado momento na vida, não existe responsabilidade moral, pois não há consciência do certo e do errado”.²⁵ Agostinho, portanto, criou um conceito de depravação no pecado que vai muito além daquele que é mostrado na Escritura. Uma exegese mais fiel ao texto confirma a corrupção do pecado e a consequente natureza pecaminosa humana; todavia, não da forma extremada como ensinou Agostinho.²⁶

Uma compreensão adequada do texto de Romanos 5.12 nos conduz a juntar unidade-universalidade. Giuseppe Barbaglio comenta com muita precisão que “não se trata, porém, de um esquema mecânico: a solidariedade que está na base não tem mão única; não envolve, fatal e necessariamente, todos os homens na esfera de ação de um só. Paulo, de fato, se dissocia da concepção típica do mito gnóstico, que via a humanidade como uma massa de vítimas inconscientes de um trágico evento originário. Ele introduz no esquema um decisivo elemento de liberdade e de responsabilidade, afirmando que o influxo de um sobre todos é condicionado pela adesão destes. Portanto, o destino humano é requerido, escolhido. No versículo 12, de fato, à causalidade de Adão ele acrescenta a decisão negativa de todos os homens: ‘por causa de um só homem o pecado entrou no mundo... *porque todos pecaram*. A humanidade se fez solidária com seu cabeça ao pecar. O apóstolo não está muito distante de um significativo texto judaico, que chega a dizer: ‘Se o primeiro Adão, pecou e trouxe a morte para todos os que ainda não existiam, todos os que dele nasceram, todavia, prepararam para a própria alma os suplícios futuros; cada um escolheu as glórias futuras... Porque Adão não foi a causa única, sozinho; em relação a nós todos, cada um é, para si mesmo, Adão. Mas, diferentemente da teologia judaica, ele acentua um fator subjetivo, atribuindo à lei divina um papel ativo na proliferação dos pecados’ (cf. v. 20)”.²⁷

A ideia de uma culpa apenas compulsória, que não leva em conta as liberdades humanas, como cria Agostinho, deve ser rejeitada. O expositor Adolf Pohl confirma esse entendimento quando diz: “A amplitude do poder do pecado e da morte soma-se sua profundidade. Nossa escravização também é nutrida *pelo próprio pecado cometido em atos*: porque todos pecaram (Rm 2.12; 3.23). Em última análise, a miséria da humanidade consiste em sua culpa. Sem este adendo de fundamentação, nossas condições de vida seriam entendidas como uma fatalidade compulsória. Porém, trata-se de história pessoal, na qual as condições jamais servem de desculpa para o próprio fracasso (Rm 1.21). Também fora do Paraíso continua em vigor que: ‘a ti cumpre dominá-lo (o pecado)!’ (Gn 4.7). Ainda que não tenhamos de nos responsabilizar pelo fato de estarmos no mundo, temos de fazê-lo em relação aos nossos pecados de fato”.²⁸

Em uma bela e longa exposição sobre o pecado, a culpa e a liberdade de escolha, o expositor Millard J. Erickson, conclui: “Em Romanos 5, o paralelismo que Paulo traça entre Adão e Cristo em termos do relacionamento deles conosco é impressionante. Uma declaração semelhante é vista em 1 Coríntios 15.22: ‘Pois, assim como em Adão todos morrem, do mesmo modo em Cristo todos serão vivificados’. Ele afirma que, de forma paralela, o que os dois fizeram tem influência sobre nós (assim como o pecado de Adão leva à morte, o ato de justiça de Cristo conduz à vida). Que paralelo é esse? Se a condenação e a culpa de Adão nos são atribuídas sem que tenhamos alguma escolha consciente do ato que ele praticou, a mesma lógica será necessariamente válida para a atribuição da justiça de Cristo e de sua obra de redenção. Mas será que sua morte nos justifica simplesmente por causa de sua identificação com a humanidade por meio da encarnação, sem depender da aceitação pessoal e consciente de sua obra? E será que a graça de Cristo é atribuída a todos os seres humanos assim com o pecado de Adão é igualmente atribuído a todos? A resposta mais comum dos evangélicos é negativa; há muitos indícios da existência de duas categorias de pessoas: as perdidas e as salvas, e de que somente a decisão de aceitar a obra de Cristo pode torná-la eficaz em nossa vida [...] todos nós participamos do pecado de Adão e, portanto, recebemos tanto a sua natureza corrupta após a Queda quanto a culpa e a condenação vinculadas a seu pecado. No entanto, na questão da culpa, assim como na atribuição da justiça de Cristo, é preciso haver uma decisão voluntária

e consciente de nossa parte. Enquanto isso não ocorre, existe apenas uma atribuição condicional de culpa. Portanto, não há condenação antes da idade da responsabilidade”.²⁹

Evitando os Extremos

Quando se afirma que o homem é moralmente responsável por suas escolhas, tendo livre-arbítrio, não devemos incorrer no erro pelagiano.³⁰ Pelágio deu ênfase exagerada à responsabilidade moral e seus resultados, tornando a santidade um mero subproduto do esforço humano. Parte desse entendimento pelagiano originou-se da sua revolta quando leu as *Confissões de Agostinho* e as achou fatalista e derrotista. Agostinho estava em um extremo e Pelágio foi para o extremo oposto. O erro de Pelágio, como bem observou David Pawson, foi desenvolver uma perspectiva demasiadamente elevada da força de vontade humana. Dessa forma, todos podem tomar a decisão de fazer o bem e ser justos, independentemente do concurso da graça. Ao assumir essa posição, Pelágio negou a doutrina do pecado original (herdado) de Agostinho. Não havia, portanto, nenhuma corrupção herdada nem nenhuma inclinação para o mal. Cria que as pessoas eram inerentemente boas. Como ele negou a queda, não havia, portanto, necessidade de expiação ou regeneração.³¹

Lembro-me de uma história que li há algum tempo, que serve para ilustrar o que está exposto em Romanos 5.12 e que está sendo afirmado aqui. Conta-se que um velho lenhador trabalhava em uma fazenda. Seu trabalho era rachar toras de madeira para uso da fazenda. Certo dia, enquanto passeava pela fazenda, o proprietário escutou o velho lenhador se lastimar da sorte. Ele dizia: “Adão, Adão, você me paga”. Vendo as lamúrias do velho lenhador, o fazendeiro se aproximou e perguntou a razão que o estava levando a se lamentar. Ele então disse ao patrão que Adão era o responsável por aquela situação, pois, se não tivesse pecado, ele não estaria ali. Imediatamente o fazendeiro mandou-o abandonar o seu machado e se dirigir para a casa na fazenda.

Chegando ali, o fazendeiro disse: “A partir desse momento você não precisará mais rachar lenha. Você terá novas atribuições. Seu trabalho agora é ficar na varanda da casa fazendo o serviço de vigilância com o direito de beber limonada na hora que quiser!” O velho lenhador foi às lágrimas. Quando ainda se refazia de suas emoções, o fazendeiro concluiu: “Mas o senhor não pode abrir aquela caixa fechada que está em cima do peitoril

da casa”. O velho lenhador balançou a cabeça afirmativamente. Pensando com seus botões, ele achou suas novas atribuições um presente de Deus.

Os dias passaram e o velho lenhador se regozijava de sua nova situação. Não estava mais trabalhando de sol a sol, mas na sombra da casa da fazenda. Passaram-se duas semanas e ele continuava firme em seu propósito de obedecer ao seu patrão e não tocar na caixa secreta que estava no peitoril da casa. Na terceira semana, veio-lhe a curiosidade de saber o que estava dentro daquela caixa. Por que ele não poderia tocá-la? Resolveu então tocar levemente na caixa. Foi o suficiente para observar por uma abertura que havia algo dentro da caixa — um pequeno pedaço de papel. Todos os seus instintos vibraram! O que poderia estar escrito nele? Passou, então a racionalizar: *Por que ele não poderia abrir a caixa e ler o papel? O que havia de mal nisso?* Ponderou.

Na quarta semana, o velho lenhador não resistiu à tentação e abriu a caixa! Quando retirou o pequeno papel, o seu conteúdo dizia: “Velho lenhador, a culpa não foi só de Adão. Volte já para o campo para rachar lenha”.³²

Sim, a culpa não foi só de Adão. Romanos 5.12 tem um sentido solidário, em que todos nós participamos da culpa de Adão, porque todos nós estávamos no lombo de Adão. Todos nós também somos responsáveis individualmente por nossos pecados e pelas escolhas que fazemos. O expositor bíblico Joseph A. Fitzmyer sublinha esse fato quando afirma: “No versículo 12, Paulo atribui a morte a duas causas, relacionadas entre si: a Adão e a todos os pecadores humanos”.³³ Comentando Romanos 5.12, o expositor J. D. G. Dunn escreveu: “O que Paulo parece querer dizer é o seguinte: 1) Toda humanidade compartilha uma servidão comum ao pecado e à morte. Não se trata apenas da carnalidade natural, uma mortalidade criada. O pecado está ligado com isso, uma não correspondência ao melhor intencionado por Deus. A morte é o resultado de uma ruptura na criação. 2) Há dois lados nesse estado de coisas, envolvendo tanto o pecado como um dado do tecido social da sociedade e o pecado como uma ação imputável de responsabilidade individual”.³⁴

Alguns intérpretes insistem na sua fidelidade à interpretação agostiniana, não aceitando o fato de que o homem é um ser moralmente livre e que pode sim decidir-se pelo bem ou pelo mal. A meu ver, há muita tinta gasta, sem sucesso, na tentativa de provar, a partir de Romanos 5.12 (somados com outros textos bíblicos), que a crença na solidariedade da raça na queda de Adão jogou o homem numa total depravação pecaminosa a

ponto de excluir a sua capacidade da livre-escolha. Para esses intérpretes, o homem “morto no pecado” não possui nenhum tipo de sensibilidade espiritual. A afirmação de Robert D. Culver, por exemplo, no sentido de que “as Escrituras ensinam a ausência *completa de vida espiritual* nos homens decaídos”, apenas perpetua o erro agostiniano.³⁵ A tentativa de usar Efésios 2.1 como texto prova, com o argumento de que esse homem está morto e não pode escolher nada, reflete mais uma crença na tradição teológica agostiniana do que o entendimento bíblico desse texto. Esse entendimento equivocado tem feito com que wesleyanos e arminianos sejam acusados por Culver de tenderem a “minimizar a incapacidade total dos irregenerados nas questões espirituais, relacionadas a Deus, para tanto minimizando a força da linguagem bíblica sobre ela, dizendo por exemplo que ‘mortos em [...] transgressões e pecados [Ef 2.1; cf. cl 2.13] é apenas uma figura de linguagem’. O homem, dizem eles, ‘ainda tem livre-arbítrio’. Mas Paulo não está usando uma figura”.³⁶

O argumento de Culver é mais dogmático do que ortodoxo, e não reflete o pensamento bíblico. É impossível não enxergar um sentido metafórico na palavra “morto” quando observamos que Paulo usou desse tipo de recurso linguístico em outros textos de suas cartas. “Levanta-te de entre os mortos” (Ef 5.14); “vejam-se como mortos para o pecado” (Rm 6.11); “o qual dá vida aos mortos” (Rm 4.17); “sem lei está morto o pecado” (Rm 7.8); “nós morremos para o pecado” (Rm 6.2); “já morremos com Cristo” (Rm 6.8); “vós estais mortos para a lei” (Rm 7.4). Em todas essas passagens, o apóstolo atribuiu um sentido figurado a palavra “morto”; então por que somente em Efésios 2.1 ele lhe daria um sentido literal? Parece-me uma aporia difícil de ser superada. “Morto para o pecado”, portanto, carrega uma carga metafórica. Em palavras mais simples, a doutrina da natureza corrompida é bíblica, mas afirmar que ela deixou os homens totalmente impossibilitados de escolherem o bem ou o mal não é.

A depravação no pecado ensinada pelas Escrituras afirma sua dimensão corporativa, sem, contudo, negar sua dimensão moral e pessoal. Portanto, a afirmação de Culver de que o homem não regenerado é totalmente insensível para a realidade espiritual se ajusta mais ao pensamento de Agostinho do que ao pensamento de Paulo. Nesse aspecto é preciso destacar que a expressão “morto espiritual” deve ser entendida como “separado de Deus”, e não “insensível para as realidades espirituais”. O homem, mesmo separado de Deus, não

deixou de possuir a capacidade de escolher o bem ou o mal. Pelo contrário, ele pode sim aceitar ou resistir a graça que lhe é oferecida. A graça, portanto, não é fatalista nem tampouco irresistível. Um dos princípios básicos da filosofia do direito é que onde não houver livre escolha não há também responsabilidade moral.

O segundo Adão

“Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para a justificação de vida” (5.18). O primeiro Adão colocou a raça nas sombras do pecado. O quadro realmente era desesperador. Um pecou, logo todos pecaram! Um desobedeceu, logo todos desobedeceram. Paulo não explica como isso aconteceu, mas onde aconteceu — na queda do primeiro homem. Passamos a carregar conosco a natureza adâmica, todavia sem deixarmos de ser responsáveis pelos nossos atos. A queda depravou a raça, mas não lhe tirou o livre-arbítrio. Não há responsabilidade moral sem livre escolha.

O apóstolo agora mostrará que por intermédio de um homem, Jesus Cristo, o segundo Adão, veio a graça sobre todos os homens! Adão derrubou o homem. Por outro lado, Jesus veio levantar esse homem caído: “Veio a graça sobre todos os homens” (5.18). É a vontade de Deus salvar a todos (1 Tm 2.4). Stanley Clark fez o seguinte paralelo entre o primeiro e o segundo Adão: o pecado entrou por Adão, a vida entrou por Cristo; a morte reinou desde Adão até Moisés, a vida reina mediante Jesus Cristo; a ofensa de um alcançou a todos, a justiça de um alcançou a todos; pela desobediência de um todos foram feitos pecadores, pela obediência de um muitos serão constituídos justos”.³⁷

A Ele toda honra e toda glória.

¹ CLARK, Stanley. *Romanos — Comentário Bíblico Mundo Hispano*. El Paso, Texas: Editorial Mundo Hispano, 2006.

² “Bruce M. Metzger destaca em seu *aparato crítico*, que representa o *texto crítico* dos manuscritos mais aceitos, que “ainda que o subjuntivo *exômen* conte com mais respaldo externo do que o indicativo *exomen*, a maioria do Comitê julgou que, neste caso, a evidência interna deve ter precedência. Com esta passagem, Paulo parece não estar exortando, senão afirmando fatos concretos (a “paz” é posseção dos que já

foram justificados), somente o indicativo concorda com o argumento do apóstolo. Posto que na época helenística praticamente não havia nenhuma diferença entre a pronúncia do *o* e *ô*, é possível que Paulo tenha ditado *exomen* e seu amanuense Tércio (16.22) haja escrito *exômen*” (METZGER, Bruce M. *Un Comentario Textual al Nuevo Testamento Griego*. Sociedade Bíblicas Unidas). Por outro lado, o termo “temos” em vez de “tenhamos” aparece nos manuscritos do texto *receptus*. Em muitos casos, como demonstrou Gilbert Pickering, doutor em linguística e PhD em manuscritos gregos, o texto *receptus* é preferível ao *texto crítico* adotado acima por Metzger. Veja, por exemplo, a redação de Lucas 4.44, onde o *texto crítico* traz “sinagogas da Judeia” enquanto o *texto receptus* traz “sinagogas da Galileia”. Evidentemente que há uma imprecisão na redação do *texto crítico* aqui, já que Jesus foi pregar nas sinagogas da Galileia, e não da Judeia, como demonstra o texto *receptus*. A nossa tradução (ARA), mesmo baseando-se no *texto crítico*, preferiu seguir neste ponto o texto *receptus*. (Veja a crítica mordaz que faz Gilbert Pickering ao *texto crítico* na sua obra: *Qual é o Texto Original do Novo Testamento?*).

³ MURRAY, Andrew. *Romanos — Comentário Bíblico Fiel*. São José dos Campos, São Paulo: Editora FIEL, 2003.

⁴ BARCLAY, William. *Romanos — Comentário Al Nuevo Testamento Griego*. 17 tomos. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.

⁵ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. Rio Grande do Sul: Editora Sinodal.

⁶ SANDAY, William & HEADLAM, Arthur C. *The International Critical Commentary on the Holy Scripture: A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Romans*. Edimburgo: T & T Clark: 1962.

⁷ GODET, Frederic L. *Commentary of St Paul's Epistle of the Romans*. Nova York: Funk & Wagnalls, 1883.

⁸ Sanday e Headlam destacam que o quadro é o de um súdito entrando na presença real. SANDAY, William & HEADLAM, Arthur C. *The International Critical Commentary on the Holy Scripture: A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Romans*. Edimburgo: T & T Clark, 1962.

⁹ COENEN, Lothar & BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova.

¹⁰ MCDONALD, William. *Romanos — Comentário Bíblico de William McDonald*. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.

¹¹ BARTH, Karl. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

¹² LUTERO, Martinho. “Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Romanos, 1546”. In: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*, volume 8. Porto Alegre: Editora Sinodal, 2003, p.130.

¹³ *The Greek New Testament*. United Bible Societies, 1994.

¹⁴ JERÔNIMO, São. *Bíblia Sacra Vulgata*. Stuttgart, Alemanha: Deutsche Bibelgesellschaft, 1983.

¹⁵ O teólogo Augustus Nicodemus destaca que “Agostinho, apesar da influência platônica que sofreu, foi um mestre da exegese bíblica. É verdade que não conhecia nem o grego nem o hebraico, mas uma coisa o destaca: seu desejo de interpretar a Palavra em seu sentido óbvio, simples e evidente, mesmo que isso trouxesse algumas dificuldades” (NICODEMUS, Augustus. *A Bíblia e seus Intérpretes — Uma Breve História da Interpretação*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013, p. 147).

¹⁶ Salmos 51.5 também era usado por Agostinho para validar seu argumento do pecado hereditário. O teólogo Oswald Bayer comenta: “Desde Agostinho, o texto do salmo e o termo ‘pecado hereditário’ associaram-se, na história da teologia e da piedade, com concepções biologistas, que situam a transmissão do pecado hereditário exclusivamente no ato reprodutivo” (OSWALD, Bayer. *A Teologia de Martinho Lutero*. Editora Sinodal, 2007).

¹⁷ Champlin, Russel N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Editora Candeia.

¹⁸ Essa concepção agostiniana passou a ser conhecida como *predestinacionismo*, que quer dizer, Deus determina para o bem e para o mal as liberdades (GROSSI, V. in *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Editora Vozes / Paulus, 2002).

¹⁹ AGOSTINHO. *The Enchiridion: On Faith, Hope and Love*. Grand Rapids, Michigan: Baker Books, 1980. O escritor R. C. Sproul, um defensor da teologia agostiniana, tenta reinterpretar, a meu ver sem sucesso, essa afirmação do bispo de Hipona alegando que ele não quis dizer o que disse (SPOUL, R. C. *Sola Gratia — A Controvérsia sobre o Livre-Arbitrio ao Longo da História da Igreja*. Editora Cultura Cristã, 2012).

²⁰ AGOSTINHO. *O Livre-Arbitrio*. São Paulo: Editora Paulus, 1997. Norman Geisler acredita que as controvérsias que Agostinho teve com Pelágio o levaram a radicalizar sua compreensão do livre-arbitrio, confirmando teoricamente sua existência, todavia negando-o na prática. Percebi esse fato quando cursava Filosofia na Universidade Federal do Piauí. Na cadeira *História da Filosofia II (Agostinho e Tomás de Aquino)*, ficou perceptível para mim que aquilo que o bispo de Hipona tinha dado com uma mão (a liberdade de escolha) ele tomou com a outra (supressão dessa liberdade). Infelizmente a tradição protestante histórica se apegou a esse erro agostiniano.

²¹ Os teólogos Douglas Moo e John Stott seguem a tradução agostiniana levemente adaptada. Assim é que Moo traduz Romanos 5.12 como: “todos pecaram” significando “todos pecaram em e com Adão” (MOO, Douglas. *Romanos — Del Texto Bíblico a una Explicación Contemporánea*. Editorial Vida. Da mesma forma, Stott traduz como: “Todos morreram porque todos pecaram em e através de Adão, o representante ou cabeça da raça humana” (STOTT, John. *A Mensagem de Romanos*. São Paulo: Editora ABU, 2000).

²² BARBABLIO, Giuseppe. *Romanos — As Cartas de Paulo II*. São Paulo: Edições Loyola, 1991, p. 204, 205. Veja uma argumentação semelhante feita pelo expositor bíblico C. B. Cranfield: “A explanação mantida por Agostinho, que considerou o significado de Paulo como o de que todos os homens pecaram em Adão em virtude de sua identidade seminal com o seu antepassado está sujeita a séria objeção no sentido de que a palavra “homem” está demasiado distante para ser antecedente

natural do pronome relativo” (*Romanos — Comentário Versículo por Versículo*). C. K. Barrett, erudito em Novo Testamento, também nega que haja base em Romanos 5.12 para se estabelecer uma relação seminal com Adão. (BARRETT, C. K. *The Epistle to Romans — Black's New Testament Commentary*. Londres: Continuum, 1991).

²³ ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2013.

²⁴ Idem. O expositor Dale Moody também faz uma crítica a esse entendimento de Agostinho: “Baseando-se nessa tradução errada [Agostinho], desenvolveu a sua doutrina do pecado original, entendido como culpa herdada, e o resultado foi um quadro lúgubre de crianças não batizadas no inferno”. (*Comentário Bíblico Broadman*. JUERP)

²⁵ ERICKSON, Millard J. op.cit.

²⁶ Posteriormente, tanto Lutero como Calvino construíram seus sistemas doutrinários sobre a depravação no pecado a partir de Agostinho. Veja uma exposição completa sobre as teses de Lutero sobre o livre-arbítrio e a influência que sofreu de Agostinho na obra do escritor Oswald Bayer: *A Teologia de Martinho Lutero*. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Editora Sinodal, 2007. Por outro lado, a influência de Agostinho sobre Calvino pode ser vista na obra *Contra o Calvinismo*, de autoria de Roger Olson, Editora Reflexão.

²⁷ BARBAGLIO, Giuseppe. *Romanos — As Cartas de Paulo II*. São Paulo: Editora Loyola, 1991.

²⁸ POHL, Adolf. *Carta aos Romanos — Comentário Esperança*. Curitiba, Paraná: Editora Evangélica Esperança, 1999.

²⁹ ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2013.

³⁰ Como bem mostrou Roger Olson, conceituado teólogo arminiano, a acusação feita a Armínio de que ele era pelagiano não resiste aos fatos históricos. Armínio, além de defender a doutrina da depravação no pecado, acreditava também que a salvação dependia da graça de Deus, independentemente das obras. Ele defendia que todo o processo da salvação tem origem na graça de Deus, e não no homem. O que Armínio defendeu, com apoio bíblico incontestável, é que os homens podem aceitar ou rejeitar a graça oferecida. Muita coisa que é atribuída a Armínio na verdade não foi dita por ele, da mesma forma, como demonstrou Norman Geisler, muito que foi atribuído a Calvino não dito realmente por ele. Geisler, observa, por exemplo, que nesse aspecto nem Calvino foi calvinista. Veja uma exposição detalhada na obra de Roger Olson: *Contra o Calvinismo* (Editora Reflexão) e *Eleitos, porém Livres*, de Norman Geisler (Editora Vida).

³¹ PAWSON, David. *Uma Vez Salvo, Para Sempre Salvo? — Un Estudio sobre la Perseverancia e la Herencia*. Grã-Bretanha: Anchor Recordings, 2015. Um estudo exaustivo sobre esse assunto é encontrado na obra de 801 páginas de Daniel D. Corner: *The Believer's Conditional Security* [A Doutrina da Segurança Condicional do Crente]. Washington, PA: Evangelical Outreach, 2000).

³² LINDSAY, Hall. *A Viagem da Culpa*. Editora Mundo Cristão.

³³ FITZMYER, Joseph. *Romanos — Nuevo Comentario Bíblico San Jeronimo*. Estella, Navarra: Editorial Verbo Divino.

³⁴ DUNN, J. D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Editora Paulus, 2003, p. 130-133.

³⁵ CULVER, Robert. *Teologia Sistemática — Bíblica e Histórica*. São Paulo: SHEDD Publicações, 2012.

³⁶ Idem, p. 522. A tentativa de Culver de identificar a teologia arminiana como sendo de natureza semipelagiana baseia-se em fontes secundárias e não tem fundamentação histórica. É uma ilação que é contraditada pelas próprias obras de Armínio.

³⁷ CLARK, Stanley. *Romanos — Comentário Bíblico Mundo Hispano*. El Paso, Texas: Editorial Mundo Hispano.

Capítulo

5

GRAÇA, MARAVILHOSA GRAÇA!

Romanos 6.1-6

Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça seja mais abundante? De modo nenhum! Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele? Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição; sabendo isto: que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado.

Licença para Pecar?

“Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça seja mais abundante?” (6.1). O pregador inglês Martin Lloyd-Jones destacou que não há teste melhor para saber se alguém está realmente pregando o verdadeiro evangelho de Cristo do que observar sua exposição de Romanos 6. Jones destaca que há pessoas que interpretam e entendem de maneira errada essa passagem e atribuem-lhe o sentido que querem. Elas imaginam que se você realmente é salvo pela graça, então não importa o que você faz. Você pode continuar pecando, tanto quanto goste, porque pensam que tudo isso vai redundar em mais graça ainda. Dessa forma, Romanos 6 seria uma boa maneira de verificar se uma pessoa de fato está pregando o evangelho com autenticidade. A pregação para ser verdadeira, sublinha Lloyd-Jones, precisa expor esse mal-entendido porque se assim não o fizer

forçosamente não é o evangelho de Jesus Cristo. Essa forma privativa e equivocada da pregação só pode ser exposta quando a doutrina da justificação pela fé for apresentada.¹

O apóstolo valia-se do método de *diatribe* para fazer entender a sua argumentação. O método consistia em um diálogo com um interlocutor imaginário. Aqui ele novamente recorre a esse método para interagir com seu interlocutor. A sua exposição anterior poderia ter gerado mal-entendidos. No capítulo 5, ele mostrou como a graça de Deus, na pessoa bendita de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, prevaleceu sobre a condenação do pecado. Paulo destacou que o pecado de Adão atingiu a raça como um todo e também a cada pessoa de forma individual (Rm 6.23; 5.12). Adão vendeu a raça para o pecado. Todavia, Jesus Cristo, o segundo Adão, comprou-a para Deus. A graça prevaleceu sobre o pecado. A dedução lógica do beneplácito da graça parecia ser: não seria melhor pecar para que a graça seja mais abundante? O apóstolo vai responder a essa objeção com um contundente “não”, “de jeito nenhum”.

“De modo nenhum! Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele? (6.2). A expressão grega *me genoito* (de jeito nenhum) mostra o grau de convicção do apóstolo a esse respeito. Não, não podemos nos valer da graça para validar ações pecaminosas. A razão é que nós morremos para o pecado. T. S. Watchman Nee observou que não foi o pecado que morreu para nós, mas nós que morremos para o pecado!² Morrer para o pecado não significa deixar de sentir sensibilidade alguma quanto a ele, mas se conscientizar de que ele perdeu seu domínio sobre nós. O pecado continuará sendo pecado com toda a sua malignidade. Mas a nossa postura quanto a ele não é mais a mesma que marcava nossas vidas antes de crermos em Jesus.

“Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?” (6.3). O apóstolo, então, apela para o lado prático da vida cristã a fim de ilustrar o seu pensamento. Por que não devemos continuar no pecado? Porque nos identificamos com a morte de Jesus por meio do batismo. Fomos, pois, batizados na sua morte. O expositor bíblico Warren W. Wiersbe observa que o termo grego para batismo “tem dois significados: (1) um literal — mergulhar ou submergir; e (2) e um figurativo — ser identificado. Um exemplo do segundo caso é 1 Coríntios 10.2: “Tendo sido batizados, assim na nuvem como no mar, com respeito a Moisés”. A nação de Israel foi identificada com seu líder, Moisés, quando cruzou

o mar Vermelho”. Wiersbe observa ainda que “há um consenso entre os historiadores de que a forma de batismo usada pela Igreja Primitiva era a imersão. Os cristãos eram ‘sepultados’ na água e trazidos de volta, retratando a morte, sepultamento e ressurreição. O batismo por imersão (a ilustração que Paulo usa em Rm 6) retrata a identificação do cristão com Cristo em sua morte, ressurreição e sepultamento. É um símbolo exterior de uma experiência interior”.³

“... para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida” (6.4). Quando Cristo morreu, nós morremos junto com Ele. Essa identificação do crente com Cristo é uma doutrina crucial na teologia paulina conforme mostra Efésios capítulos 1 e 2. Cristo morreu, foi sepultado, todavia não ficou no túmulo. Ele ressuscitou. Da mesma forma, o cristão, agora identificado com Cristo, ressurgiu para uma nova vida. O apóstolo rebatia assim o pensamento antinomiano que procuraria ver na graça de Deus uma oportunidade para justificar e validar ações erradas.

Não há nada mais incongruente do que um cristão nascido de novo vivendo sob o domínio do pecado. Nos últimos anos, o nominalismo evangélico cresceu de uma forma exponencial. Aumenta a cada dia o número de cristãos que não dão sinal algum de que vivem em novidade de vida. Para eles, é mais confortável se ajustar ao modelo secular de viver do que ao padrão exigido pelas Escrituras. Corrompem-se da mesma forma que o mundo se corrompe; divorciam-se da mesma forma que o mundo o faz. Disputam o poder da mesma forma que, políticos sem nenhum pudor, disputam. Enfim, matam para se manterem vivos.

“Sabendo isto: que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado” (6.6). Esse texto me faz lembrar meus dias de acadêmico no Seminário Batista. O final dos anos 80 e o início dos anos 90 foi um período marcado por algumas controvérsias teológicas. Na nossa turma havia um aluno, muito dedicado, que começou a expor algumas ideias que destoavam daquilo que estávamos aprendendo ali. Ele passou a argumentar que o crente nascido de novo não pecava mais! Lembro-me de que um dos seus textos favoritos usados como prova era Romanos 6.6. Nesse texto, argumentava, Paulo dissera que o “corpo do pecado” havia sido destruído. Tempos depois, ficamos sabendo que aquela interpretação fora desenvolvida primeiramente nos Estados Unidos e posteriormente chegou aqui como

um enlatado. Ali ela foi batizada com o nome de doutrina da “Santificação Plena”. Essa crença afirmava que o crente debaixo da graça não peca mais. Isso evidentemente provou uma reação em cadeia tanto por parte do corpo docente como discente daquela academia. Meu professor de grego e exegese bíblica produziu um texto apologético mostrando as falhas teológicas daquela argumentação.

Como todos os erros doutrinários, esse também se fundamentou em um erro de interpretação da Escritura. Não é isso que Romanos 6.6 diz. Esse texto não diz que o crente nascido de novo não peca mais. Nem tampouco esse texto está afirmando que o pecado não mais existe porque foi destruído. O verbo grego *katargeo*, traduzido aqui como “destruir”, significa “*tornar ineficiente*”, “*impotente*”.⁴ A ideia é de um rei que é destronado. Paulo, em Romanos 6.6, ao se referir à crucificação do velho homem, usa esse verbo no tempo aoristo. Uma ação que aconteceu, de forma definitiva, no tempo passado. O que o apóstolo quis dizer com isso não é que o pecado já foi “destruído” ou “aniquilado” e que, portanto, o crente não terá mais problema com ele. A natureza pecaminosa continua ainda fazendo parte da vida do cristão. O Senhor destronou a natureza pecaminosa (Rm. 6:6), mas esse destronar não significa que nós não venhamos a ter problemas com a velha natureza. Não é isso. O que o Senhor fez foi retirar o seu poder e o domínio que ela exercia sobre nós. Sim, o pecado perdeu o seu posto de senhor sobre nossas vidas.

O verbo grego *katargeo* (destruir) no tempo aoristo, como sublinhei, significa que a ação já foi completada de uma vez por todas. Em outras palavras, Paulo está afirmando que, do ponto de vista de Deus, a questão em relação à antiga natureza já foi resolvida — Ele a crucificou juntamente com Cristo. *Katargeo* (destruir) é a mesma palavra usada em Hebreus 2.14, onde se diz que Cristo, por meio de sua morte, destruiu (gr. *katargeo*) o Diabo. Satanás foi de fato destruído, no sentido de ser aniquilado? A resposta é não, pois, o Diabo continua existindo e tentando (1 Co 7.5, 1 Ts 3.5; 1 Pe 5.8).⁵ O que Deus fez em Cristo Jesus foi destronar, anular o poder do Diabo em relação ao cristão, isto é, tirar o domínio que ele tinha sobre nós. O domínio de Satanás em relação ao crente foi *katargeo*, isto é, anulado. O Diabo não está mais no “trono” (foi destronado) de nossas vidas. No entanto, o Diabo ainda não foi “destruído”, por isso o crente não deve lhe dar lugar (Ef 4.27). Da mesma forma, o pecado foi “destruído”, isto é, destronado de nossas vidas. Em outras palavras,

o texto está dizendo que Cristo destronou o pecado na vida do crente, mas não diz que ele aboliu nossa natureza pecaminosa.

Romanos 6.7-14

Porque aquele que está morto está justificado do pecado. Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos; sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus, nosso Senhor. Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes em suas concupiscências; nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade; mas apresentai-vos a Deus, como vivos dentre mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça. Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça.

Mudança de Atitude

“sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre ele” (6.9). Os comentaristas chamam a atenção para três verbos usados por Paulo no capítulo 6 de Romanos. O primeiro deles aparece em 6.6, que é “saber”. “Sabendo que” (v. 6) e “sabedores” como um verbo sinônimo (v. 9, ARA). Já vimos que na mente de Deus o pecado já é um assunto resolvido, mas isso só se torna uma realidade prática na vida do crente a partir do momento que ele se apodera dessa verdade. É, portanto, necessário uma mudança de atitude. Ele precisa saber, isto é, tomar consciência de que a sua relação com o pecado não deve ser mais do jeito que sua experiência mostra, mas do jeito que Deus revelou em sua Palavra. Sem essa mudança de mentalidade, a batalha contra o pecado está perdida. A palavra traduzida no versículo 6 como “sabendo” deriva do grego *ginosko*, que é o termo usado para se referir ao *conhecimento*. Por outro lado, *oída*, que ocorre em Romanos 6.9, no grego significa também saber, todavia mostrando mais o seu lado metafórico.⁶ Qual é, portanto, o primeiro passo que se deve dar na luta contra o pecado? É saber o que a cruz fez em relação a ele. A cruz derrotou o pecado, fez com que ele perdesse o domínio em nossa vida. A nossa atitude agora é andar de acordo com aquilo que a cruz exige de nós.

“Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus, nosso Senhor” (6.11). Em segundo lugar, Paulo ensina

que o crente deve “considerar-se” morto para o pecado, mas vivo para Deus. O termo grego *logizomai*, traduzido aqui como considerar, tem o sentido também de “reconhecer”. Esse verbo está no modo imperativo, significando que esse “considerar” e “reconhecer” é uma ordem. Em segundo lugar, o verbo está no tempo presente, o que significa que deve ser uma prática habitual. E em terceiro lugar, o verbo está na voz média, o que demonstra que é uma ação feita em prol de si mesmo. Uma tradução mais próxima do original ficaria assim: “Considerem como um hábito que vocês estão mortos para o pecado, mas agora estão vivendo para Deus”.

Mais uma vez uma mudança de postura e atitude são exigidas do crente em Jesus. É preciso o reconhecimento do que significa essa nova dimensão da fé na qual ele vive. Neil Anderson demonstrou que a falta de sabermos de fato quem somos em Cristo é um dos maiores entraves para o crescimento espiritual.⁷

“nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade; mas apresentai-vos a Deus, como vivos dentre mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça” (6.13). A palavra-chave nesse versículo é “oferecer”, que traduz o grego *paristemi*. Essa palavra era usada com conotação militar, significando “colocar-se à disposição de alguém”, isto é, “apresentar-se”.⁸ Joseph Fitzmeyer chama a atenção para a aplicação dessa palavra no contexto bíblico. “A expressão é um termo militar, como indica também a segunda parte do versículo. As armas da retidão aludem ao AT (Is 11.5; 59.17). Presume-se que os cristãos são instrumentos a serviço de Deus, não a serviço do mal.”⁹

Romanos 6.15-23

Pois quê? Pecaremos porque não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça? De modo nenhum! Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça? Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues. E, libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça. Falo como homem, pela fraqueza da vossa carne; pois que, assim como apresentastes os vossos membros para servirem à imundícia e à maldade para a maldade, assim apresentai agora os vossos membros para servirem à justiça para a santificação. Porque, quando éreis servos do pecado, estáveis livres da justiça. E que fruto tínheis, então, das coisas de que agora vos envergonhai? Porque

o fim delas é a morte. Mas, agora, libertados do pecado e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna. Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor.

Servos da Justiça

“Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues” (6.17). A nova vida do cristão exige uma mudança de senhorio. Paulo aqui agradece a Deus pela receptividade que o evangelho teve em Roma. Eles anteriormente eram escravizados, possuíam como patrão o pecado. Todavia, graças à mensagem do evangelho, haviam sido libertos. Agora eles obedeciam a uma “nova forma de doutrina” que lhes foi entregue. É interessante observarmos que a palavra “forma” traduz o grego *typos*, que nesse contexto tem o sentido de “patrão”. O apóstolo via na Palavra de Deus, que lhes foi entregue, um novo patrão. Eles não tinham mais o pecado como chefe ou patrão de suas vidas, mas a poderosa mensagem do evangelho.

A crise da igreja hodierna, evidentemente, possui vários fatores. Todavia, não há dúvida de que primeiramente é uma crise teológica. É uma crise gerada por falta de Bíblia. Há muita coisa posta nos púlpitos das igrejas, mas essas coisas não são Bíblia. Não é a Palavra de Deus que está sendo pregada e ensinada. Consequentemente, o resultado obtido são cristãos fracos e doentes.

“E, libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça” (6.18). Os cristãos romanos haviam sido libertos do pecado e feitos servos da justiça. A palavra “libertados” traduz o grego *eleutheroó*, que é o mesmo termo usado por Jesus em João 8.36: “Se, pois, o Filho vos *libertar*, verdadeiramente, sereis livres”. No contexto joanino, Jesus mostra que os homens se encontravam sob a servidão do pecado. Não podiam se autolibertar. Aqui, os romanos haviam sido libertos desse antigo amo e transformados agora em servos de Deus.

“Falo como homem, pela fraqueza da vossa carne; pois que, assim como apresentastes os vossos membros para servirem à imundícia e à maldade para a maldade, assim apresentai agora os vossos membros para servirem à justiça para a santificação” (6.19). Stanley Clark destaca que os crentes devem apresentar seus membros à justiça da mesma forma que anteriormente haviam se dedicado ao pecado. O fim em vista é a santificação. A santificação é um processo iniciado por

Deus e que exige do crente corresponder àquilo que o Espírito realiza na sua vida. O êxito, portanto, está na entrega diária que o cristão faz de suas capacidades a Deus. É isso que Paulo lembra aos romanos — só podemos servir a um Senhor por vez. Clark observa que “antes de se converterem, os leitores estavam totalmente a serviço do pecado e não tinham qualquer obrigação no que diz respeito à justiça (v. 20). Não significa que eles nunca haviam feito nada de bom, senão que estavam livres no que diz respeito ao dever de fazer o que era certo. Era uma liberdade de características muito pobres, com demonstra o apóstolo agora”.¹⁰

O apóstolo conclui que o pecado costuma recompensar seus súditos com a morte, mas a graça os recompensa com a vida eterna, em Cristo Jesus.

¹ LLOYD-JONES, Martin. *Romans, an Exposition of Chapter 6*. Edimburgo: Banner of Truth, 1985, p. 8, 9.

² NEE, T. S. Watchman. *O Homem Espiritual*. Venda Nova, Minas Gerais: Editora Betânia.

³ WIERSBE, Warren W. *Romanos — Comentário Bíblico Expositivo*. São Paulo: Editora Geográfica, 2008.

⁴ BAUER, Walter. *A Greek — English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. The University of Chicago Press.

⁵ Veja uma exposição exegetica sobre essa passagem em *The Epistle to the Romans — An Outlined Commentary*. HORNER, Barry E. North Brunswick, New Jersey.

⁶ Veja uma explanação detalhada em: *Exhaustive Concordance of the Bible with Hebrew-Aramaic and Greek Dictionaries*. Helps Ministries, Inc.

⁷ ANDERSON, Neil. *Viver Livre em Cristo*. São Paulo: Editora Unilit.

⁸ REINECKER, Fritz. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1995.

⁹ FITZMEYER, Joseph A. *Romanos — Comentário Bíblico San Jeronimo*. Estella (Navarra), Espanha: Editorial Verbo Divino.

¹⁰ CLARK, Stanley. *Romanos — Comentário Mundo Hispano*. El Paso, Texas: Editorial Mundo Hispano.

Capítulo

6

A GRAÇA E O DESTRONAMENTO DO “EU”

Romanos 7.1-6

Não sabeis vós, irmãos (pois que falo aos que sabem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que vive? Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei, mas, morto o marido, está livre da lei do marido. De sorte que, vivendo o marido, será chamada adúltera se for doutro marido; mas, morto o marido, livre está da lei e assim não será adúltera se for doutro marido. Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou de entre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus. Porque, quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei, operavam em nossos membros para darem fruto para a morte. Mas, agora, estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra.

Luz sobre Roma

Os intérpretes da Bíblia reconhecem que a interpretação de Romanos 7 deve ser analisada por mais de uma perspectiva teológica. É preciso, portanto, termos conhecimento do pano de fundo dessa carta para podermos fazer uma análise mais precisa daquilo que Paulo estava ensinando aqui. De grande ajuda são as observações do doutor Bob Utley, professor de hermenêutica na Universidade Batista do Oeste, Estados Unidos da América. Utley enumera alguns passos, que acho importante resumir aqui.

1. Romanos 7 deve ser interpretado à luz de Romanos 6, especialmente 7.12-14 (também 3.20,21-31; 4.13-16; 5.20).

2. É preciso também levar em conta a tensão na igreja de Roma entre os crentes judeus e os crentes gentios, a qual é mostrada em Romanos 9—11. A natureza do problema, como observa Utley, é incerta, mas pode ter sido:
 - a. legalismo baseado na lei mosaica;
 - b. ênfase judaizante sobre Moisés em vez de Cristo;
 - c. incompreensão de como o evangelho se aplica aos judeus;
 - d. incompreensão da relação entre a Antiga e a Nova Aliança;
 - e. ciúme por parte dos crentes judeus da liderança dos gentios depois do edito imperial expulsando os judeus de Roma.
3. Deve ser observado que Romanos 7.1-6 contém linguagem figurada de Romanos 6 acerca da relação dos cristãos com a sua velha vida. As metáforas usadas são:
 - a. morte e libertação da escravidão para pertencer a outro (Rm 6);
 - b. morte e libertação da obrigação matrimonial (Rm 7).
4. Devemos observar também que Romanos 6 e 7 são literaturas paralelas. Romanos 6 detalha como é a relação dos crentes com o pecado e Romanos 7 como é o relacionamento dos crentes com a lei. A analogia da libertação da escravidão da morte (6.12-23) é paralela à analogia da libertação do marido que morreu (7.1-6). Utley ainda destaca o paralelo de alguns termos e expressões existentes entre Romanos 6 e Romanos 7.

6.1 – “pecado”	7.1 – “lei”
6.2 – “morte”	7.4 – “morte da lei”
6.4 – “para que possamos servir em novidade de vida”	7.6 – “para que possamos servir em novidade do espírito”
6.7 – “Aquele que morreu está livre do pecado”	7.6 – “morremos para aquilo que estávamos sujeitos”
6.18 – “tendo sido livres do pecado”	7.3 – “livres da lei”

5. A lei com seus preceitos foi a sentença de morte. Todos os homens estavam condenados sob ela (Rm 6.14; 7.4; Gl 3.13; Ef 2.15; Cl 2.14). A lei mosaica se tornou maldição!¹

Nova Aliança, Novo Relacionamento

“Não sabeis vós, irmãos (pois que falo aos que sabem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que vive? (7.1). Alguns intérpretes veem aqui uma referência à lei romana, enquanto outros enxergam a lei como um princípio universal. Todavia, o contexto parece deixar claro que Paulo estaria se referindo à lei mosaica. A expressão “falo aos que conhecem a lei” pode ser aplicada a toda a igreja romana, mas especialmente os judeus. A discussão feita pelo apóstolo em Romanos 6 poderia ter gerado mal-entendidos sobre o papel da lei em relação aos cristãos. Não devemos esquecer que Paulo havia enfrentado, conforme mostra o livro de Atos e especialmente a Epístola aos Gálatas, conflitos com judeus que o acusavam de estar pregando rebelião contra a lei.

Não há dúvida de que o apóstolo sabia que esse mal-entendido sobre o seu pensamento já havia chegado a Roma. A ideia que perpassava era que Paulo era um antinomista, isto é, pregava a não observação da lei. Esse equívoco deveria ser esclarecido para que o ensino da justificação pela fé somente fosse compreendido em toda a sua extensão. O elo é estabelecido entre os capítulos 6 e 8 pelo argumento do apóstolo.

Recorrendo novamente ao método de *diatribe*, Paulo quer desfazer essa imagem negativa que alguns estariam fazendo sobre ele em relação à lei. Por que Paulo se mostrava tão negativo em relação à lei? Paulo mostrará que, ao contrário do que muitos pensavam, ele tem um grande apreço pela lei de Deus; todavia, não vê nela um instrumento capaz de produzir salvação. É nesse ponto que percebemos que o conceito das duas alianças está bem presente no pensamento do apóstolo. Na Antiga Aliança, a lei teve uma função principal, mesmo que fosse apenas para apontar os pecados e produzir a ira divina, porém na Nova Aliança essa função não existe mais. E por que não? Porque a lei apontava para Cristo, e Ele havia chegado!

É exatamente aqui que Paulo fará a analogia do casamento. Era de conhecimento dos crentes romanos que enquanto o marido fosse vivo, a lei proibia que a esposa contraísse novas núpcias. Se assim fizesse, estaria caindo em adultério. Todavia, se o marido morresse, ela estaria

livre para casar com quem quisesse. Paulo então mostra que é exatamente isso o que ocorreu em relação à lei. Aqui o crente morre para a lei para pertencer a outro, Jesus Cristo. “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou de entre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus” (Rm 7.4).² O expositor bíblico F. F. Bruce destaca que “como a morte desfaz o laço que une marido e mulher, assim a morte — a morte do crente com Cristo — desfaz o laço que o prendia ao jugo da lei, e agora está livre para entrar em união com Cristo. Sua anterior associação com a lei não o ajudava a produzir os frutos da justiça, mas esses frutos são produzidos com abundância, agora que ele está unido a Cristo. O pecado e a morte foram o resultado de sua associação com a lei; a justiça e a vida são o produto de sua nova associação; pois (como Paulo o coloca em outro lugar), ‘a letra mata, mas o Espírito vivifica’ (2 Co 3.6)”.³ Não se tratava, portanto, de um antinomismo ou rebelião contra a lei, mas assumir a nova posição que a Nova Aliança em Cristo proporcionou. Os cristãos são chamados para pertencer a “outro”, Cristo, e dessa forma frutificarem para Deus.

“Porque, quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei, operavam em nossos membros para darem fruto para a morte” (7.5). Paulo fundamenta seu comentário mostrando a antiga relação da lei com aquele que a observa. Paulo já havia mostrado no capítulo 5 que o pecado não é levado em conta quando não há lei. Ali a transgressão aparece como a quebra do mandamento da lei. Deus deu então o código do Sinai. Essa lei dada a seu antigo povo é justa e boa, mas em vez de produzir vida, trouxe morte. Havia algum problema com a lei? Não, o problema estava com os homens, corrompidos pelo pecado, que se mostraram incapazes de obedecer aos preceitos da lei. A lei trouxe a consciência do pecado e esse pecado, alimentado pela cobiça, frutificou para a morte. Esse argumento receberá ênfase novamente em Romanos 7.7.

“Mas, agora, estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra” (7.6). João Calvino, em seu comentário da Epístola aos Romanos, destaca que Paulo “dá seguimento a seu argumento a partir de opostos. Se a coibição da lei surtiu tão pouco efeito em subjugar a carne que nos despertava antes a pecar, então devemos nos desvencilhar da lei para que deixemos de pecar. Se somos libertos da servidão da lei a fim de podermos servir

a Deus [livremente], então aqueles que derivam deste fato sua licença para pecar, e aqueles que nos ensinam que devemos soltar as rédeas e nos entregarmos a luxúria, também estão equivocados. Note-se, pois, quando Deus nos livra de suas rígidas exigências e de sua maldição, dotando-nos com o Espírito Santo a fim de trilharmos seus santos caminhos”.⁴

Paulo esboça aqui o que tratará em detalhes no capítulo 8. O crente foi liberto da lei para viver debaixo de outra lei — a lei do Espírito de vida. Sem dúvida esse é o sentido de “servir em novidade de vida”. Andar de acordo com a lei, vivendo na era do Espírito, é uma anomalia a qual o cristão nascido de novo não pode mais aceitar.

Romanos 7.7-13

Que diremos, pois? É a lei pecado? De modo nenhum! Mas eu não conheci o pecado senão pela lei; porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: Não cobiçarás. Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda a concupiscência; porquanto, sem a lei, estava morto o pecado. E eu, nalgum tempo, vivia sem lei, mas, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri; e o mandamento que era para vida, achei eu que me era para morte. Porque o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou e, por ele, me matou. Assim, a lei é santa; e o mandamento, santo, justo e bom. Logo, tornou-se-me o bom em morte? De modo nenhum! Mas o pecado, para que se mostrasse pecado, operou em mim a morte pelo bem, a fim de que pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno.

De Volta ao Paraíso

“Que diremos, pois? É a lei pecado? De modo nenhum! Mas eu não conheci o pecado senão pela lei; porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: Não cobiçarás” (7.7). A partir desse ponto, Paulo introduz a figura do “eu” na sua argumentação. Quem seria, portanto, esse “eu”?⁵ Alguns intérpretes, a exemplo de Dale Moody e Leon Morris, acreditam que ele estaria falando de uma experiência pré-cristã.⁶ Por outro lado, intérpretes como John Stott e Charles Swindoll põem aqui em destaque os conflitos internos do cristão.⁷ À propósito, Swindoll comenta: “Romanos 7 é o autorretrato de Paulo, no qual ele usa utiliza o verbo na primeira pessoa do singular 30 vezes. Perto do final do autorretrato ele exclama: ‘Sou um pobre miserável’. A expressão ‘pobre miserável’ é a tradução de uma palavra grega que quer dizer ‘sofredor, afligido, miserável’”.⁸

Não há dúvida, portanto, de que o “eu” aparece em Romanos 7 com um sentido individualizante. Todavia, como observou acertadamente Giuseppe Barbaglio, aqui ele não se limita apenas a esse sentido. Ele ganha também um sentido *supraindividual*. Em outras palavras, ele possui um sentido individualizante, mas também um sentido representativo. Esse sentido mais universal é usado para mostrar a vida dos que vivem sem lei, dos que vivem sob a lei e dos que estão livres da lei. Barbaglio elenca alguns fatos que contribuem para esse entendimento:

1. Paulo contrapõe a bondade intrínseca da lei e do mandamento divino ao “eu”, que dela fez uma experiência negativa, encontrando aí a morte eterna (vv. 7-13).
2. O “eu” é apresentado como um sujeito que carrega uma história dividida nitidamente em duas fases: ausência da lei e “vinda do mandamento” (vv. 9,10). Notem-se as séries dos verbos no passado, que caracterizam os versículos 7-13.
3. No trecho de 14-25, ao contrário, os verbos são conjugados no presente. Seria, portanto, errado deduzir que Paulo deseje aí apresentar a condição atual do “eu”, em antítese ao passado de perdição. Na realidade, ele descreve o estado de dissociação existencial do “eu” como resultado de sua história. Testemunha-o o versículo 14: “mas eu sou ‘carnal’, fui vendido como escravo ao pecado”. A confirmação nos vem do grito conclusivo: “Pobre de mim! Quem me poderá libertar deste corpo destinado à morte?” Pecado e morte, portanto, são o âmbito em que o “eu” se acha encerrado, por efeito de seu passado de submissão.
4. O “eu” é um ser perdido sem possibilidade autônoma de libertação (v. 24).
5. O “eu” dirige um canto de ações de graças a Deus, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor! Pela graça, portanto, experimentou a salvação.

“A conclusão”, diz Barbaglio, “parece bastante fundamentada. O discurso de Paulo revela uma estrutura de fundo de caráter histórico-salvífico: abarca a caminhada de toda a humanidade a partir do jardim do Éden, evocado claramente nos versículos 9 a 11, até a iniciativa salvífica

de Deus, mediada por Jesus Cristo. A semelhança com 5.12-21 é inegável. Mas não se trata de uma descrição feita de fora, própria de um observador externo. É, ao contrário, uma retrospectiva que envolve a ele próprio e a todos os fiéis, que olhando para trás avaliam à luz da fé a terrível perdição da qual escaparam. Portanto, o ‘eu’ de 7.7-25 representa os cristãos, por aquilo que eram, em estreita solidariedade com a humanidade adâmica pecadora, e agora não mais o são, por graça. O capítulo descreve sua história passada, que se radica na pré-história mais longínqua: ambas à imagem de Adão, que cedeu à tentação de ser como Deus”.⁹

“... porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: Não cobiçarás” (7.7). Não devemos limitar aqui o termo “cobiça” como se fosse um mero sinônimo de desejos sexuais. O expositor bíblico Mark A. Seifrid observa que Paulo faz uma descrição das obras da lei em termos de um encontro com a proibição da cobiça, do desejo legítimo de possuir aquilo que pertence a outra pessoa. Dessa forma, Paulo tem em mente a cobiça em seu sentido mais amplo. O quadro de Gênesis 3.6, onde narra o desejo de Eva, evidentemente está presente na argumentação do apóstolo. Seifrid sublinha que “Paulo vê no encontro do ser humano com o mandamento a recapitulação da transgressão de Adão. Ao contrário da situação da Queda, o pecado já está presente no ser humano que ouve a Lei; o mandamento fornece apenas a oportunidade para o pecado produzir ‘todo tipo de cobiça’ (7.8)”.¹⁰

Romanos 7.14-25

Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado. Porque o que faço, não o aprovo, pois o que quero, isso não faço; mas o que aborreço, isso faço. E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. De maneira que, agora, já não sou eu faço isto, mas o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e, com efeito, o querer está em mim, mas não consigo realizar e bem. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço. Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim. Acho, então, esta lei em mim: que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus. Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros. Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim que eu mesmo, com o entendimento, sirvo à lei de Deus, mas, com a carne, à lei do pecado.

O “Eu” Destronado

“Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado” (7.14). A natureza boa da lei em contraste com a natureza maligna do pecado é apresentada aqui por Paulo. A lei aparece aqui como um espelho que reflete a imagem de quem o contempla, mas aquele que é contemplado nada pode fazer pela melhoria dessa imagem. Ele apenas se torna consciente diante desse espelho dos seus inúmeros defeitos. John Wesley, em 1754, comentou essa passagem: “Eu sou carnal — São Paulo, depois de ter comparado juntos o estado passado e presente dos crentes, ‘na carne’ (Romanos 7.5) e ‘no espírito’ (Romanos 7.6), procura responder a duas acusações (é então a lei pecado?, Romanos 7.7, e é a lei morte?, Romanos 7.13) e entrelaça todo o processo do arrazoamento de um homem, lutando e procurando escapar do estado legal para o evangélico. Isso ele faz em Romanos 7.7, até o fim neste capítulo”.¹¹ Joseph A. Fitzmyer destaca que “a explicação de Paulo não é ainda completa; na presente passagem trata de esclarecer a questão. Como pôde o pecado usar algo bom em si mesmo (a lei) para destruir os seres humanos? O problema não está na lei, mas nos seres humanos como tais. *A lei é espiritual*: Devido à sua origem divina e o seu propósito de conduzir os seres humanos até Deus. Dessa forma, ela não pertencia ao mundo da humanidade terrena, natural. Enquanto *pneumáticos*, ela pertencia à esfera de Deus; se opõe ao que é *sarkinos*, “canal”, “pertencente à esfera da carne”.¹²

“Porque o que faço, não o aprovo, pois o que quero, isso não faço; mas o que aborreço, isso faço” (7.15). Paulo retrata aqui o dilema não apenas dele, mas de todos os cristãos. Desejar fazer o certo, todavia realizando o que é errado! Antes de apresentar a explicação para esse fenômeno, Paulo maximiza a sua argumentação nesse paradoxo — querer fazer o bem, mas sendo levado a fazer o mal. Alguns intérpretes acreditam e, concordo com eles, que alguns crentes romanos, principalmente os de origem judaica, ainda alimentavam a esperança de conciliar a lei com a graça. Por que não recorrer a uma “ajudinha” da lei para viver retamente? Paulo vai mostrar então que isso simplesmente é impossível. O problema, como já havia sublinhado em outro lugar, não estava com a Lei, que em si era de origem divina e boa. A questão era outra. O problema estava dentro de cada crente — uma natureza pecaminosa que em vez de se sentir freada pela lei era estimulada ainda mais por ela.

Esse é um argumento usado por Paulo para combater o legalismo. Nenhuma prática cristã pode ser usada para ajudar a graça. A graça é suficiente! As disciplinas cristãs, como oração, jejum, prática de leitura da Bíblia, etc., não devem ser praticadas, portanto, com o objetivo de nos tornar aceitáveis diante de Deus. Deus nos aceita do jeito que somos. Essas disciplinas não devem ser praticadas com o objetivo de produzir um salvo mais espiritual, mas para ajustar o relacionamento com Deus de quem já é salvo. Não é uma salvação pelas obras, mas é o resultado de um fruto de quem já foi salvo para praticar boas obras (Ef 2.8). Essas práticas não mudam a Deus, mas mudam a nós mesmos. Se são praticadas com a atitude correta, então elas com certeza agradam a Deus.

“Miserável homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (7.24). Eis o grito angustiante de Paulo na luta contra o pecado! Neste ponto, o apóstolo, como todo cristão, mostra-se consciente da natureza humana que possui. A luta não é exterior, mas com ele mesmo. O cantor e poeta Sérgio Lopes conseguiu expressar por meio da música *Natureza Humana*:

Ninguém é tão perfeito que consiga/
Fugir dos olhos vivos do Senhor/
Que vê além do mais profundo abismo/
E até segredos que eu nunca falei/
Ele sabe cada um dos meus desejos/
O que faço, onde ando, quem procuro/
Conhece o meu passado e o meu presente/
E quer fazer feliz o meu futuro/
Eu luto é contra a minha própria alma/
A natureza humana que há em mim/
Eu quero sepultar o velho homem/
E andar em comunhão com Cristo/
Viver, cantar só para Ele/
Morrer pro mundo e reviver pra Deus.¹³

Stanley Clark comenta: “O grito da primeira parte do versículo 24 e a pergunta que o apóstolo faz em seguida devem ser entendidas como uma expressão de angústia, e não de desespero. A referência a libertação na pergunta pode ser uma expressão do anelo fervente do que ele sabe com segurança do que o aguarda (8.23). A expressão ‘este corpo de morte’

bem como a expressão ‘meus membros’ no versículo anterior deve ser uma referência à natureza humana em sua condição de sujeição à lei do pecado. O apóstolo quer ser libertado da condição de vida no qual o corpo está sujeito ao pecado, como descreveu em todo o parágrafo ‘Quem me livrará deste meu ser, instrumento de morte?’”.¹⁴

Paulo encerra essa seção mostrando quem de fato destronou o “eu”: “Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor”. Ele é a graça de Deus. Ele é nossa vitória!

¹ UTLEY, Bob. *Free Bible Commentary — Romans: The Gospel According to Paul*. Bible Lessons International.

² Charles Swindoll destaca que “uma vez que o crente está morto para o pecado, ‘em Cristo’ sua relação com a lei muda para sempre. O novo pacto (Jeremias 31.31-33) nos dá uma nova regra para a vida: o Espírito Santo (Romanos 7.1-6). Deus deu a lei ao ser humano para confrontar nossa injustiça e demonstrar nossa necessidade de salvação. Uma vez que a pessoa abandona seu esforço inútil de guardar a Lei e recebe a graça de Deus por fé em Cristo, a Lei já cumpriu o seu propósito (7.7-13). Dessa forma, a relação do crente com a lei foi cortada” (*Romanos — Comentário Bíblico Charles Swindoll*, editorial Vida).

³ BRUCE, F. F. *Romanos — Introdução e Comentário*. São Paulo: Editora Vida Nova.

⁴ CALVINO, João. *Romanos — Série Comentários Bíblicos*. São José dos Campos, São Paulo: Editora FIEL, 2014.

⁵ Bob Utley, professor de hermenêutica bíblica na Universidade Batista do Oeste, Estados Unidos, faz um resumo das quatro principais correntes interpretativas: 1. Paulo estaria se referindo a si mesmo (uma autobiografia); 2. Paulo estaria se apresentando como um tipo representativo de toda humanidade (representativo, Crisóstomo); 3. Paulo estaria se referindo à experiência de Adão (Theodoro de Mapuseia); 4. Paulo estaria se referindo à experiência de Israel (*Bible Free Commentary — Romans: The Gospel According to Paul*. Bible Lessons International).

⁶ Veja a argumentação de Dale Moody em *Romanos — Comentário Bíblico Broadman* e a exposição de Leon Morris em *Romanos — Comentário Bíblico NVI*.

⁷ Veja a obra de John Stott: *A Mensagem de Romanos*. ABU Editora.

⁸ SWINDOLL, Charles. *Romanos — Comentário Swindoll del Nuevo Testamento*. Editorial Vida. Edição em Kindle.

⁹ BARBAGLIO, Giuseppe. *Romanos — As Cartas de Paulo II*. São Paulo: Edições Loyola, 1991, p. 231, 232.

¹⁰ SEIFRID, Mark A. *Romanos — Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2014.

¹¹ WESLEY, John. *Romans — Explanatory Note & Commentary*. Bristol Hot-Wells, January, 1754. Texto disponível em Kindle.

¹² FITZMYER, Joseph A. *Romanos — Nuevo Comentario Bíblico San Jeronimo*. Estella, Navarra, Espanha: Editorial Verbo Divino.

¹³ LOPES, Sérgio. “Natureza Humana”. In: *Vidas e Futuros*. Rio de Janeiro: Zekap Gospel, 2001.

¹⁴ CLARK, Stanley. *Romanos — Comentario Bíblico Mundo Hispano*. El Paso, Texas.

Capítulo

7

O ESPÍRITO DA GRAÇA

Romanos 8.1-13

Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito. Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte. Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito. Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito, para as coisas do Espírito. Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz. Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus. Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. E, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça. E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará o vosso corpo mortal, pelo seu Espírito que em vós habita. De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne, porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis.

O Elo que Faltava

“Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (8.1). Anders Nygren, antigo expositor bíblico sueco, destaca que no capítulo 8 de Romanos, Paulo traz a última conclusão de seu tema que havia começado nos capítulos anteriores. Ele mostra agora que o cristão,

justificado pela fé, viverá. A vida cristã é descrita não apenas como sendo livre da ira, do pecado e da lei, mas também como sendo livre da morte. Nygren destaca que é importante ter esse paralelo em mente para que se tenha uma correta compreensão do pensamento do apóstolo no capítulo 8 e o que ele havia falado nos capítulos anteriores. Nygren comenta: “O paralelo pode ser visto como relativamente casual, mas serve como indicação de sua conclusão da segunda parte da epístola. O paralelo está presente definitivamente no início. Em cada um desses quatro capítulos o assunto é a liberdade do cristão tratada de uma maneira especial, tendo como referência uma fonte particular de destruição. Em cada caso, Paulo assinala alguma coisa especial através da qual a liberdade é efetuada.

1. O cristão é livre da ira. Esse fato, Paulo fundamenta no amor de Deus em Cristo Jesus (cap. 5).
2. O cristão é livre do pecado. Aqui Paulo se refere ao batismo, através do qual nós fomos incorporados ao “corpo de Cristo”, e que o “corpo do pecado” pode ser destruído (cap. 6).
3. O cristão é livre da lei. Aqui Paulo se refere à morte de Cristo. No ‘corpo de Cristo’ nós morremos para a lei (cap.7).
4. O cristão é livre da morte. Aqui Paulo se refere ao Espírito, *pneuma*; o Espírito de Cristo é o poder que faz viver (cap. 8)”.

Concluindo, diz Nygren: “Esse paralelo não é acidental. É evidente que esses quatro capítulos abordam a mesma discussão”.¹

Anders Nygren acertou em estabelecer essa conexão, todavia parece bastante óbvio que o capítulo 8 de Romanos chega como o ápice de tudo que foi dito a partir do capítulo 1. Os cristãos romanos que leram essa carta, sem sombra de dúvida, lembraram-se do que Paulo havia dito nos capítulos anteriores, em especial naquilo que o apóstolo escrevera na segunda parte do capítulo 7.

“*Portanto, agora...*” (8.1). Os expositores bíblicos chamam a atenção para a partícula “agora” que aparece no início desse capítulo. Ela é carregada de significado, pois serve para contrastar o que foi dito anteriormente com o que será a partir desse ponto. Como já ficou demonstrado anteriormente, o que Paulo dirá de agora para frente tem relação, em primeiro plano, com a exposição do capítulo 7 e em um segundo plano com tudo o que foi escrito entre os capítulos 7 e 8.²

“... nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (8.1). O capítulo 7 deixou o homem em um dilema — sabe que deve fazer o bem, mas acaba por praticar o mal. O homem em Adão é um ser aprisionado, não tem como se autolibertar. Aí vem o grito por socorro: Quem o poderá libertar dessa prisão? Paulo responde que Cristo Jesus é o libertador porque nEle não existe mais prisão alguma. Esse sentido do texto foi bem captado pelo teólogo luterano E. H. Gifford em seu comentário da Carta aos Romanos. Gifford, comentando *in loco*, diz que “estar em Cristo” não significa nos escritos de Paulo “ser dependente de Cristo” (uso clássico comum), não meramente (como Fritzsche tenta provar) ser seu seguidor ou discípulo, como os pitagóricos ou platônicos eram seguidores de seu mestre. Implica viver em união com Cristo como Ele mesmo fez saber: “... porque eu vivo, e vós vivereis. [...] estou em meu Pai, e vós, em mim, e eu, nele” (Jo 14.19,20; Jo 15.4-7). Essa união com Cristo é frequentemente descrita por João como “estar nele” (1 Jo 2.5,6,24,28; 3 Jo 24; 5.20)”.³

Aquele, portanto, que está em Cristo e Cristo está nele não se encontra mais debaixo do jugo. Não há mais nenhuma condenação (gr. *katakrima*) para ele. A condenação, o jugo, a prisão é desfeita na vida daquele que foi justificado pela fé. A graça o alcançou trazendo liberdade e vida.

“Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte” (8.2). Aqui está a chave da libertação para a nova vida em Cristo — a lei do Espírito de vida. É essa lei que liberta da lei do pecado e da morte. A lei do pecado imperou impiedosamente sobre todos os homens. Todos ficaram debaixo do seu jugo. Mesmo aqueles que passaram a se reger pela lei mosaica também não ficaram livres dessa condenação. Pelo contrário, a lei do Sinai serviu de espelho para revelar quão mal era a natureza adâmica. Estimulada pela proibição do mandamento, ela despertou todo tipo de cobiça. Empurrou o devoto para um beco sem saída. C. S. Keener destaca que “uma vida governada pela carne é uma vida dependente do esforço e recursos humanos finitos, uma vida egoísta, diferente de uma vida governada pelo Espírito de Deus”.⁴

O apóstolo mostra agora que Deus na sua misericórdia e graça proveu libertação através de outra lei, essa superior e muito mais poderosa — a lei do Espírito de vida. Esse Espírito, evidentemente, é o Espírito Santo, enviado por Jesus para habitar dentro dos crentes. Agora o cristão não se rege mais por uma lei externa, mas por uma lei interior. O velho homem

foi destronado pela cruz e em seu lugar o novo homem assumiu seu posto. “Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 8.4). As exigências externas da lei agora podem ser cumpridas pelo cristão porque o Espírito de Cristo habita nele e dá-lhe condições de viver as exigências de Deus.

“Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito, para as coisas do Espírito” (8.5). A declaração de Paulo se estende até o versículo 12 e 13. Ele havia dito que o preceito da lei se cumpre nos cristãos que agora não estão mais na carne, mas no Espírito (v. 4). O sentido desse versículo, como os expositores têm observado, é muito amplo. Em princípio, Paulo está se referindo às duas esferas nas quais o cristão pode se mover — a esfera de Adão e a esfera de Cristo. Todavia, o apóstolo não nega aqui, como quer Keener, que essa luta envolva duas naturezas.⁵ O conflito é, portanto, entre o velho homem, criado em Adão, e o novo homem, criado em Cristo. Essa “inclinação da carne” empurra o homem para o pecado, enquanto a “inclinação do Espírito” para um viver vitorioso. “Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz” (v. 6).

“De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne” (8.12). Aqui o apóstolo parte do princípio de que o homem Adão é um homem devedor. Ele é devedor à carne, usa herança pecaminosa. Possuía uma conta a pagar e não tinha como. Todavia, o homem em Cristo agora é um homem livre. Ele não tem mais contas a pagar porque Jesus já pagou em seu lugar. Essa verdade é afirmada pelo apóstolo em outra carta que escreveu: “Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz” (Cl 2.14). O contexto cultural desse versículo era de alguém que devia uma conta e que não podia pagar. O credor anotava então a dívida em um documento, juntamente como o nome do devedor, e pregava nos principais pontos da cidade. Todos que circulavam pela cidade ficavam sabendo daquela dívida. O devedor era exposto de forma vergonhosa e vexatória perante a opinião pública. Paulo afirma aqui que essa dívida, criada pelo pecado de Adão e por nossos pecados pessoais, agora é paga no momento em que nos entregamos ao senhorio de Jesus Cristo. Outro fato é que a palavra grega traduzida como “riscado” no texto original significa “apagado”. Jesus não apenas riscou a nossa dívida, de modo que alguém que fosse

passando podia lê-la, mas ele apagou totalmente de forma que não ficou mais nenhum vestígio.⁶

“*porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis*” (8.13). Vimos, pois, que a escolha de andar em uma das esferas é do cristão. Andar na carne (*kata sarka*) ou andar no Espírito (*kata pneuma*) é uma escolha que cada um deve fazer. Aqueles que escolhem andar no Espírito contam com a ajuda do Espírito para mortificar os feitos do corpo. A santificação é instrumentalizada pela ação do Espírito Santo.⁷ Essa verdade é destacada por Paulo em outras epístolas (Ef 4.22-24; Gl 5.16,17; Cl 3.5).

Romanos 8.14-17

Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai. O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se e certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados.

“*Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus*” (8.14). Aprecio muito o comentário que A. W. Tozer fez sobre a pessoa e obra do Espírito Santo. Tozer destaca que o Espírito Santo é, sobretudo, uma *chama moral*. Ele é a própria santidade, a soma e a essência de tudo o que é indescritivelmente puro. Tozer destaca que nenhuma alegria é válida, nenhum deleite é legítimo quando se permite que o pecado exista na vida ou na conduta. Acertadamente, ele diz que o ideal verdadeiro do cristão não é ser feliz, mas ser santo. Em *segundo* lugar, o Espírito é uma *chama espiritual*. Aqui Tozer destaca que o Espírito nos conduz a uma adoração verdadeira. O Espírito é também uma *chama intelectual*. O Espírito usa nosso intelecto para o serviço de Deus de forma que não há incompatibilidade alguma entre a mente e o Espírito. O Espírito é descrito como sendo *chama volitiva*. Ele opera na nossa vontade. Todavia, como destaca Tozer, é necessário que haja algum tipo de entrega total da vontade a Cristo antes que qualquer obra da graça possa ser realizada. Por último, Tozer observa que o Espírito que habita em nós produz uma *chama emotiva*. Somos razão e emoção. Tozer completa: “Um dos maiores flagelos que o pecado trouxe sobre nós é a depravação de nossas emoções

normais. Rimos de coisas que não são divertidas, encontramos prazer em atos que estão abaixo da dignidade humana e nos alegramos em coisas que não deveriam ter lugar em nossas emoções”.⁸

O apóstolo destacou que o Espírito guia o cristão. “Guiar” traduz o verbo grego *ago*, que tem o sentido de “conduzir”, “orientar”. O tempo presente, modo indicativo e voz passiva usados aqui mantêm o sentido no original de “aquele se que deixa guiar continuamente pelo Espírito”. O Espírito, portanto, conduz o cristão. Ele nos guia pela Palavra de Deus (Ef 6.17; Mt 4.4); Ele nos guia pelo testemunho interior (Rm 8.16); Ele nos guia pelo bom-senso (1 Ts 4.9); Ele nos guia por sábios conselhos (At 21.17-26); Ele nos guia pelos dons espirituais (At 21.10,11); Ele nos guia por sonhos (At 2.17); Ele nos guia por visões (At 16.9; 18.9,10).

Romanos 8.18-30

Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada. Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora. E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo. Porque, em esperança, somos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; porque o que alguém vê, como o esperará? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos. E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito, e é ele que segundo Deus intercede pelos santos. E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto. Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.

Synantilambanetai — o Espírito do outro Lado

“Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada” (8.18). Essa seção

que começa em 8.18 de Romanos e termina em 8.30, uma das mais belas e apreciadas dessa carta, é uma referência à demonstração do grande amor de Deus pelos seus filhos. Os comentaristas chamam de seção dos três gemidos. O gemido da criação; o gemido do cristão; e o gemido do Espírito. A criação geme por conta do desequilíbrio que o pecado trouxe; o cristão geme por habitar em um corpo corruptível; e o Espírito geme por conta das limitações as quais o crente está subordinado. A propósito, o gramático de grego bíblico Roberto Hanna comenta que em Romanos 8.26,27 “o verbo composto *synantilambanetai* o significado é obvio. O Espírito Santo agarra nossas debilidades juntamente conosco (*syn*) e leva sua parte da carga na nossa frente (*anti*), como se dois homens estivessem levando um tronco, um em cada extremo”.⁹

“*E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto*” (8.28). A. T. Robertson destaca que é Deus quem faz com que “todas as coisas cooperem” em nossas vidas para o bem, o bem último. Robertson destaca ainda que “Paulo aceita completamente a livre agência do homem, mas por trás de tudo e através de tudo subjaz a soberania de Deus aqui e em sua face de graça (9.11; 3.11, 2 Tm 1.9)”.¹⁰

A Liberdade dos Eleitos

“*Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos*” (8.29). A maioria dos autores comentando Romanos 8.29,30 usa os termos *predestinação* e *eleição* de forma intercambiável.¹¹ Dessa forma, o prolífico escritor Hernandes Dias Lopes usa a expressão “eleição incondicional”, situando-a dentro do contexto de Romanos 8.30. Todavia, a palavra “eleição”, que traduz o grego *eklogé*, só aparecerá de fato pela primeira vez em Romanos 9.11. Lopes diz *in loco* que “a eleição é incondicional”.¹² O que Lopes quis dizer não ficou claro. Todavia, se entendermos “incondicional” como um termo cunhado pela tradição determinista, então ele significa que Deus elegeu alguns incondicionalmente para a vida eterna enquanto destinou outros incondicionalmente para o tormento eterno. Mas isso seria um uso indevido do termo grego, já que em Romanos 9.11 (cap. 11.5,7,28 onde aparece o mesmo termo) essa incondicionalidade é usada em relação a povos, e não a indivíduos. Por outro lado, em Romanos 8.29,30

aparece o termo “predestinação” (gr. *proorizō*), que a exemplo de *deeklogé* também possui um sentido corporativo e condicionante.¹³ O expositor bíblico Joseph A. Fitzmyer, quando comenta Romanos 8.29,30, diz: “Esta expressão não deve ficar restrita somente aos cristãos predestinados. A aplicação dela à predestinação individual vem de Agostinho. A concepção de Paulo é, antes, coletiva, e a expressão é um complemento a ‘daqueles que o amam’, *i.e.*, os cristãos que responderam a um chamado divino (cf. Rm 1.6; 1 Co 1.2)”.¹⁴ Em outras palavras, a eleição é em Cristo e está condicionada à resposta que as pessoas dão ao seu chamado. Mesmo em contextos onde a predestinação está em evidência, A. T. Robertson destaca o papel exercido pela livre-escolha. Comentando Atos 13.48, Robertson diz que “não há evidência de que Lucas tivesse em mente um *absolutum decretum* (Decreto Absoluto) de salvação pessoal. Paulo havia mostrado que o plano de Deus se estendia a/e incluía os gentios. Certamente o Espírito de Deus se move sobre o coração humano, ação a que alguns respondem, como aqui, enquanto outros a rejeitam”.¹⁵

O historiador da igreja, Roger Olson, faz uma ilustração da salvação no contexto da eleição divina, conforme defendida pelos pelagianos, calvinistas e arminianos. Olson nos convida a imaginar um poço fundo com lados íngremes e escorregadios. Dentro desse poço encontram-se várias pessoas fracas e feridas, completamente incapacitadas de sair de dentro do poço.

1. *Semipelagianismo* — afirma que Deus se aproxima e que joga uma corda para o fundo do poço e espera que a pessoa comece a puxar a corda. Quando a pessoa assim o faz, Deus responde gritando: “Segure bem firme na corda e a amarre em seu corpo. Juntos, nós o tiraremos daí”. Olson destaca que o problema aqui é que a pessoa está demasiadamente machucada para fazer isso, a corda é fraca demais e Deus é bom demais para esperar que a pessoa inicie o processo.
2. *Monergismo* — afirma que Deus se aproxima, lança a corda para dentro do poço e que desce até o fundo do poço, enrola a corda em *algumas* pessoas e então sai do poço e puxa aquelas pessoas para a segurança sem nenhuma cooperação. Olson destaca que o problema aqui é que o Deus de Jesus Cristo é bom e amável demais para resgatar apenas algumas pessoas impotentes e deixar outras lá.

3. *Sinergismo evangélico* — afirma que Deus se aproxima, lança uma corda e grita: “Segurem na corda e puxem e juntos nós iremos tirar vocês daí”. Ninguém se mexe. Eles estão severamente feridos. Na verdade, para todos os propósitos práticos, eles estão “mortos”, pois estão completamente incapazes. Então Deus derrama água no poço e grita: “Relaxem e deixem que a água os faça boiar até que saiam do poço!” Em outras palavras, “Boiem”. Tudo o que a pessoa no poço precisa fazer para ser resgatada é deixar que a água o faça subir e sair do poço. A ação exige uma decisão, mas não um esforço. A água, é claro, é a graça preveniente.¹⁶

Muito embora Olson reconheça a imperfeição dessa ilustração, ela parece se ajustar melhor ao contexto bíblico da eleição e da predestinação. Comentando Romanos 8.30, na sua exaustiva obra de 801 páginas, a qual defende a eleição condicional do crente, o expositor bíblico Daniel D. Corner observa que a afirmação de que a eleição é incondicional “ignora os exemplos reais encontrados na Escritura daqueles que uma vez foram verdadeiramente justificados, em seguida, depois se afastaram de Deus (Lc 8.13; 1 Tm 1.19; 2 Tm 2.18; Cl 1.22,23)”.¹⁷ Voltaremos a esse assunto quando no capítulo 8 comentarmos a seção de Romanos 9—11.

O teólogo pentecostal Van Johnson destaca que “o ponto principal destes versículos é dar a segurança do futuro eterno do crente com base na soberania de Deus. O que ele propôs ocorrerá. Para esse fim, Paulo apresenta a ideia que desde o começo era plano de Deus salvar os homens. Para que não haja o pensamento de que circunstâncias na terra frustrem o plano de Deus, o apóstolo mostra que Deus terminou este curso de ação antes que tivéssemos a oportunidade de responder”.¹⁸ Johnson destaca que a “necessidade da resposta humana é dada no versículo 28 — “todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus”.

Romanos 8.31-39

Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes, o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas? Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? Pois é Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição,

ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia: fomos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou. Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor!

Quem Será Contra Nós?

“*Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?*” (8.31). Essa seção é o fechamento de tudo aquilo que o apóstolo falara até agora. A obra *The Pulpit Commentary*, um dos melhores comentários de natureza homilética já publicado, traz um esboço sobre essa porção das Escrituras.¹⁹ Dividido em três pontos, temos primeiramente *O Solilóquio do Crente*. Aqui o apóstolo, como se estivesse dialogando com sua própria alma, faz uma retrospectiva de toda a sua argumentação anterior. Do capítulo 1 ao 5, Deus é por nós. Ele nos justificou pela fé. Do capítulo 6 ao 8, Deus está em nós. Aqui acontece a santificação por intermédio do Espírito de Cristo. Em segundo lugar, temos o *Desafio do Crente*. Aqui ele tem a base para defender o seu direito à salvação, como resultado da justificação pela fé. A justificação é um ato de Deus. A base dessa justificação é a morte de Cristo e a garantia dessa justificação é a ressurreição de Jesus. Isso garante ao cristão vitória sobre seus inimigos. Por último, o crente está persuadido naquilo em que creu. Nada é capaz de demovê-lo dessa convicção. A morte não pode; as coisas desta vida também não; anjos, principados, potestades não podem separá-lo desse poder supremo. As coisas do presente, que apelam para os sentidos, também se revelam incapazes de demovê-lo desse projeto divino. E o que dizer das coisas futuras ou alguma outra criatura? Também não podem separá-lo do amor de Deus que está em Cristo Jesus.

A Ele toda honra e toda glória. Amém!

¹ NYGREN, Anders. *Commentary on Romans*. Filadélfia: Muhlenberg Press, 1944.

² Veja *Romanos — Comentário Bíblico Mundo Hispano*. El Paso, Texas.

³ GIFFORD, E. H. *The Epistle of St. Paul to the Romans — With Notes and Introduction*. Londres: John Murray, 1886.

- ⁴ KEENER, Craig, S. *In Romanos: Comentario del Contexto Cultural de la Biblia — Novo Testamento*. El Paso Texas: Editorial Mundo Hispano.
- ⁵ KEENER, Craig, S. *In Romanos: Comentario del Contexto Cultural de la Biblia — Novo Testamento*. El Paso, Texas: Editorial Mundo Hispano.
- ⁶ Veja uma exposição completa em *Palavras-Chaves do Novo Testamento* (BARCLAY, William. Editora Vida Nova, São Paulo).
- ⁷ ROBERTSON, A. T. *Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento — Obra Completa*. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.
- ⁸ TOZER, A. W. *Verdadeiras Profecias para uma Alma em Busca de Deus*. São Paulo: Editora dos Clássicos, 2003.
- ⁹ HANNA, Roberto. *Ayuda Gramatical para el Estudio del Nuevo Testamento Griego*. El Paso, Texas: Editorial Mundo Hispano, 1993.
- ¹⁰ ROBERTSON, A. T. *Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento*. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.
- ¹¹ Roger Olson destaca que a “Eleição” é outra palavra bíblica para predestinação para a salvação (ou serviço); elas são sinônimas. Todos os cristãos acreditam na eleição; os calvinistas acreditam nela de forma específica” (OLSON, Roger. *Contra o Calvinismo*. Editora Reflexão, p. 69).
- ¹² LOPES, Hernandes Dias. *Romanos — O Evangelho segundo Paulo*. São Paulo: Editora Hagnos.
- ¹³ Em Romanos 8.29,30 encontramos o verbo grego *proegno*, que é o aoristo de *proginosko*. O sentido desse verbo é “saber antes”, “escolher de antemão”. A palavra ocorre 5 vezes no Novo Testamento e 2 vezes em Romanos. Outro verbo que aparece nesse texto é *proōrisen*, que é o aoristo de *proorizō*. Essa palavra tem o sentido de “predestinar”, “determinar os limites previamente”. O termo aparece 6 vezes no Novo Testamento, sendo 2 vezes em Romanos. Um terceiro verbo nessa passagem é *ekalesen*, aoristo de *kaleo*. O sentido desse verbo é “chamar”. O termo aparece 147 vezes no Novo Testamento e 8 vezes em Romanos. (HUGO, M. Petter. *Concordancia Greco-Española del Nuevo Testamento Griego*. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE).
- ¹⁴ FITZMEYER, Joseph A. *Romanos — Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. Editora Academia Cristã/Paulus, 2015.
- ¹⁵ ROBERTSON, A. T. *Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento*. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.
- ¹⁶ OLSON, Roger. *Contra o Calvinismo*. Editora Reflexão.
- ¹⁷ CORNER, Daniel D. *The Believer's Conditional Security — A Study on Perseverance and Falling Away*. Washington, PA: Evangelical Outreach, 2000, p. 380-382.
- ¹⁸ VAN, Johnson. *Romanos — Comentário Bíblico Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- ¹⁹ *The Pulpit Commentary, vol. XVIII — Acts to Romans*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2011.

Capítulo 8

A GRAÇA NA TERRA SANTA

Romanos 9.1-5

Em Cristo digo a verdade, não minto (dando-me testemunho a minha consciência no Espírito Santo): tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração. Porque eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne; que são israelitas, dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas; dos quais são os pais, e dos quais é Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém!

O Amor tudo Sofre...

“Porque eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne” (9.3). A fama que o apóstolo tinha de ser alguém que pregava contra as tradições judaicas chegou aos lugares mais remotos. Paulo teve que esclarecer algumas das suas posições com respeito à lei de Moisés para não transparecer que ele era contra a mesma. Ele explicou que o problema não estava na lei, que era de origem divina, mas naqueles que buscavam justificação por meio dela.

Outra coisa precisa ser ainda esclarecida: Paulo não era um antisemita. Ele não renegou seu antigo povo. Aqui ele mostra que não só amava seu povo como também sofria pela situação espiritual na qual se encontravam seus compatriotas. Não era um mal ser judeu; pelo contrário, constituía-se um grande privilégio já que foi a eles que Deus confiou seus oráculos. O que doía no coração do apóstolo era a dureza de coração que havia cegado seus irmãos, impedindo-os de enxergar o Messias que lhes fora prometido.

Romanos 9.6-13

Não que a palavra de Deus haja faltado, porque nem todos os que são de Israel são israelitas; nem por serem descendência de Abraão são todos filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência. Porque a palavra da promessa é esta: Por este tempo virei, e Sara terá um filho. E não somente esta, mas também Rebeca, quando concebeu de um, de Isaque, nosso pai; porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama), foi-lhe dito a ela: O maior servirá o menor. Como está escrito: Amei Jacó e aborreci Esaú.

Duas Crianças, Dois Povos

Essa seção de Romanos apresenta um dos temas mais profundos das Escrituras: a soberania de Deus e a liberdade humana. No entanto, “é importante perceber logo de início”, destaca Joseph A. Fitzmeyer, “nesta parte de Romanos, que a perspectiva de Paulo é coletiva. Ele não está expondo a responsabilidade de indivíduos. Além disso, ele não está discutindo o problema moderno da responsabilidade dos judeus pela morte de Jesus. Nenhuma dessas questões deveria ser importada para a interpretação destes capítulos”.¹

Com esse entendimento em mente, devemos perceber que os versículos 6 a 13 apresentam o argumento de que a escolha de Deus por Israel não se baseou nas obras, mas na fé. O primeiro exemplo dado é o dos patriarcas. Nos versículos 6 a 9, temos o caso de Ismael e Isaque, ambos filhos de Abraão. Deus, na sua soberania e graça, escolheu Isaque e seus descendentes para a realização de seus propósitos. Prevendo que alguém pudesse objetar que a rejeição de Ismael seria totalmente justificável por não ser ele filho de Abraão e Sara, o apóstolo apresenta outro exemplo — Esaú e Jacó.² Ambos eram filhos de Isaque, todavia Deus, na sua soberania, escolhera Jacó e rejeitara a Esaú. Essa escolha, que não foi uma escolha para a salvação, foi feita quando eles ainda eram crianças para que prevalecesse a eleição pela graça e não pelas obras.

Eleição Corporativa

No versículo 11 do capítulo 9 de Romanos, como foi mostrado no capítulo 7 deste livro, o apóstolo usa pela primeira vez a palavra eleição. Essa palavra, como foi mostrado anteriormente, é *eklogé*. Esse

termo aparece sete vezes no Novo Testamento grego, sendo quatro delas na seção que vai do capítulo 9 ao 11 de Romanos.³ É, portanto, apropriado tratar do seu uso aqui. Nesse contexto, ela é definida como sendo o propósito de Deus, em Cristo, para salvar a humanidade.⁴ As outras referências são Atos 9.15, 1 Tessalonicenses 1.4 e 2 Pedro 2.10. À luz do contexto dessas passagens, que nas epístolas são usadas em referência à igreja, fica bastante evidente que essa palavra possui um sentido corporativo.⁵ Como foi demonstrado, esse sentido coletivo é claramente percebido quando observamos que Paulo interpreta as figuras de Jacó e Esaú em Romanos 9 à luz de Malaquias 1.2-4. Nessa última passagem, Edom, outro nome de Esaú, é usado como referência a um povo, os edomitas, e não ao indivíduo Esaú. Dale Moody destaca que “em Malaquias, Jacó e Esaú não são indivíduos, mas grupos, como claramente indica a identificação de Esaú com Edom (Ml 1.4). Jacó e Esaú há muito tempo estavam mortos como indivíduos, de forma que isto é o que Dodd chamou de ‘um todo corporativo’. Da mesma forma Jacó é tomado no seu sentido coletivo, o povo de Israel, e não a pessoa de Jacó”.⁶ Argumento semelhante é apresentado pelo expositor bíblico Harold L. Willmington. Willmington destaca que esse exemplo “não se refere aos dois meninos, mas às nações que eles fundaram, a saber Israel e Edom! Essa citação não se encontra em Gênesis, mas em Malaquias 1.2-5. O profeta Obadias nos diz, claramente, por que Deus odiou a Edom”.⁷

A crença no determinismo tem levado alguns a acreditarem que Romanos 9 afirma a soberania divina e nega o livre-arbítrio.⁸ Para esses intérpretes, essa passagem ensina que Deus escolhe arbitrariamente algumas pessoas e da mesma forma pretere outras. Como já foi demonstrado, esse entendimento não reflete uma boa exegese do texto. O escritor Roger Olson, conceituado teólogo e historiador da igreja, destaca que essa interpretação equivocada sobre o capítulo 9 de Romanos “jamais foi ouvida antes de Agostinho, e isso no século V. Toda a patrística grega interpretava Romanos 9 de maneira diferente”.⁹ Olson ainda observa com muita propriedade que “uma interpretação alternativa perfeitamente sensata diz que a passagem de Romanos 9 não está se referindo a indivíduos ou à salvação pessoal, mas a grupos e ao serviço. Deus é soberano em escolher Israel e então a igreja gentia para que cumpram seus respectivos papéis em seu plano de redenção”.¹⁰

A meu ver, há ainda outro efeito colateral produzido pela crença na eleição incondicional. Ela afirma que uma vez que uma pessoa foi salva continuará salva para sempre. Para se manter de pé, esse ensino precisa atribuir um novo sentido a determinados ensinamentos das Escrituras. É o caso, por exemplo, do ensino bíblico sobre a “apostasia”, que nessa concepção teológica passa da esfera real para a hipotética.¹¹ Esse é, por exemplo, o sentido atribuído à passagem de Hebreus 6.4-6. De acordo com esse entendimento, o texto não se refere a um acontecimento real, mas apenas hipotético ou que expressa apenas uma possibilidade. Essa é, por exemplo, a posição defendida pelo expositor bíblico Donald Guthrie, que acredita que Hebreus 6.4-6 trata de um “caso hipotético”.¹² Apesar de essa exegese ser a via mais usada na interpretação desse texto, não é a mais contextualizada. Essa posição de Guthrie é negada, por exemplo, pelo batista de convicção calvinista Millard J. Erickson. Erickson procura um meio termo reconhecendo que Hebreus 6.4-6 realmente admite a possibilidade da queda na fé.¹³ Para o expositor William Lane, essas pessoas [Hb 6.4-6] haviam testemunhado “o fato de que a salvação era a realidade inquestionável em suas vidas”.¹⁴ Um dos mais conceituados eruditos em Novo Testamento, I. Howard Marshall, conclui afirmando que: “Um estudo das descrições oferecidas aqui em uma série de quatro participios (aoristo grego) sugere de modo conclusivo que uma experiência genuína está sendo descrita”.¹⁵

Romanos 9.14-33

Que diremos, pois? Que há injustiça da parte de Deus? De maneira nenhuma! Pois diz a Moisés: Compadecer-me-ei de quem me compadecer e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia. Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece. Porque diz a Escritura a Faraó: Para isto mesmo te levantei, para em ti mostrar o meu poder e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra. Logo, pois, compadece-te de quem quer e endurece a quem quer. Dir-me-ás, então: Por que se queixa ele ainda? Porquanto, quem resiste à sua vontade? Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura, a coisa formada dirá ao que o formou: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra? E que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para a perdição, para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou, os quais somos nós, a quem também chamou, não

só dentre os judeus, mas também dentre os gentios? Como também diz em Oseias: Chamarei meu povo ao que não era meu povo; e amada, à que não era amada. E sucederá que no lugar em que lhes foi dito: Vós não sois meu povo, aí serão chamados filhos do Deus vivo. Também Isaías clamava acerca de Israel: Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo. Porque o Senhor executará a sua palavra sobre a terra, completando-a e abreviando-a. E como antes disse Isaías: Se o Senhor dos Exércitos nos não deixara descendência, teríamos sido feitos como Sodoma e seríamos semelhantes a Gomorra. Que diremos, pois? Que os gentios, que não buscavam a justiça, alcançaram a justiça? Sim, mas a justiça que é pela fé. Mas Israel, que buscava a lei da justiça, não chegou à lei da justiça. Por quê? Porque não foi pela fé, mas como que pelas obras da lei. Tropeçaram na pedra de tropeço, como está escrito: Eis que eu ponho em Sião uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo; e todo aquele que crer nela não será confundido.

Coração de Pedra

Nos versículos 14 a 33, Paulo cita mais exemplos que ilustram como a graça de Deus se manifesta dentro do seu propósito soberano. Primeiramente temos o exemplo de Israel e o Faraó do Egito. A graça amoleceu a servidão de Israel ao mesmo tempo em que endureceu o coração de faraó. O sol que derrete o gelo é o mesmo que endurece o concreto. A lição trazida aqui por Paulo, observam os intérpretes da Bíblia, é que “da mesma forma como a palavra de Deus endureceu Faraó quando ele resistiu, ela endureceu os de Israel que não atenderam quando foram chamados (9.7; cf. Sl 95,7,8; Hb 3.7,15; 4.7). A resposta à questão da justiça de Deus é que Deus é não apenas justo: ele é misericordioso e justo”.¹⁶

Dizer que Deus “endureceu” a Faraó, não permitindo que o governante egípcio não tivesse nenhuma escolha nesse processo, não reflete o argumento do texto. Esse texto não está falando no destino eterno das pessoas, mas da manifestação da soberania e graça de Deus na concretização de seu propósito. O comentarista Joseph A. Fitzmeyer comentando a expressão “endurece a quem quer” (Rm 9.18), destaca que: “No AT, o endurecimento do coração de faraó é, às vezes, atribuído a Deus (Êx 4.21; 7.3; 9.12) e, outras vezes ao próprio faraó (Êx 7.14; 8.11,15,28). O ‘endurecimento do coração’ por Deus é uma forma protológica de expressar a reação divina à obstinação humana persistente contra Ele — uma selagem de uma situação que Ele não criou. Não é, portanto, resultado de alguma decisão arbitrária ou mesmo planejada

por parte de Deus, mas o modo como o AT expressa o reconhecimento divino de uma situação que emana de uma criatura que rejeita o convite de Deus”.¹⁷ Essa passagem, portanto, não serve como fundamento para que se afirme que Deus, *no seu grande amor*, escolheu alguns para o céu enquanto preteriu a outros para o inferno.¹⁸

Norman Geisler, apologista norte-americano, comenta Romanos 9.17 quando responde à pergunta: Como poderia Faraó estar livre se Deus endureceu o coração dele? Geisler responde:

Primeiro, em sua onisciência, Deus sabia de antemão exatamente como o Faraó iria agir, e usou isso para realizar os seus propósitos. Deus prescreveu os meios da ação livre, porém teimosa, de Faraó, bem como o fim da libertação de Israel. Em Êxodo 3.19, Deus disse a Moisés: “Eu sei, porém, que o rei do Egito não vos deixará ir, nem ainda por uma mão forte”. Faraó rejeitou o pedido de Moisés e somente depois de dez pragas foi que finalmente deixou o povo ir.

Segundo, é importante notar que Faraó primeiramente endureceu o seu próprio coração. No início, quando Moisés aproximou-se de Faraó com vistas à libertação dos israelitas (Êx 5.1), Faraó respondeu: “Quem é o Senhor, cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tampouco deixarei ir Israel” (Êx 5.2). A passagem que Paulo cita (em Rm 9.17) é Êxodo 9.16, a qual, no contexto, refere-se à praga das úlceras, a sexta praga. Mas Faraó endurecera o seu coração antes de Deus afirmar o que afirmou. Somente porque Deus levantou Faraó, isso não quer dizer que Faraó não seja responsável por suas ações.

Terceiro, Deus usa a injustiça dos homens para mostrar a sua glória. Deus ainda considera Faraó responsável, mas no processo do endurecimento do seu coração o Senhor usou Faraó para manifestar a sua grandeza e glória. Deus às vezes faz uso de atos maus para obter bons resultados. A história de José é um bom exemplo disso. José foi vendido por seus irmãos, e mais tarde tornou-se o governante do Egito. Lá ele salvou muitas vidas durante o tempo de fome. Quando mais tarde ele se revelou aos seus irmãos e os perdoou, disse-lhes: “Vós bem intentastes mal contra mim, porém Deus o tornou em bem, para fazer como se vê neste dia, para conservar em vida a um povo grande” (Gn 50.20). Deus pode usar atos perversos para manifestar a sua glória (veja também o que é exposto sobre Êxodo 4.21).¹⁹

Os Dois Vasos

A metáfora dos dois vasos em Romanos 9.19-24 parece ensinar um determinismo radical. Mas fica apenas na aparência, pois o texto está longe disso.²⁰ A literatura evangélica registra que nos Estados Unidos um grupo que se autointitulava *Batistas Presbiterianos das Duas Sementes* advogava que esse texto comprovava por A + B que Deus havia feito um grupo para a salvação e outro para a condenação.²¹ Eles fizeram seguidores. Algumas observações que refutam essa exegese devem ser levadas em conta:

1. No texto de 2 Timóteo 2.20,21, Paulo usa uma analogia semelhante quando se refere a alguns tipos de vasos. Ele até usa as mesmas palavras gregas de Romanos 9.21-23, traduzidas como *bonroso* e *desonroso*.²² Na passagem de 2 Timóteo 2.20,21, fica claro que esses vasos, que representam pessoas, podem se consagrar ao verdadeiro culto a Deus. A metáfora, portanto, não exclui a livre-escolha.
2. O termo grego usado por “preparado” citado na expressão “preparados para a perdição” (Rm 9.22) é *katertismena*. A. T. Robertson, um dos mais conceituados gramáticos de grego bíblico de todos os tempos, observa que esse verbo “é o particípio perfeito passivo de *katarizo*, o verbo que significa “equipar” (veja Mt 4.21 e 2 Co 13.11), estado de estar preparado. Paulo não diz aqui que Deus fez o que eles fizeram. Que eles são responsáveis pode-se ver em 1 Ts 2.15ss”.²³ Em outras palavras, Deus não foi a causa da condição na qual se encontravam esses vasos. O tempo perfeito grego, que significa uma ação feita no passado com consequências no presente, mostra que houve uma trajetória percorrida por esses “vasos” até chegar aonde chegaram.²⁴ Dale Moody destaca que isso indica que “no caminho da perdição, certo estágio foi alcançado”.²⁵ Isso significa também que Deus foi paciente e misericordioso com um povo rebelde e contumaz até que chegou o momento de executar a sua justiça. James Moffat, em sua clássica tradução do Novo Testamento, captou bem o sentido desse texto: “Que quer dizer, se Deus, embora desejoso de exibir sua ira e mostrar o seu poder, tolerou mui pacientemente os objetos da sua ira, maduros e prontos para serem destruídos?”²⁶ O enfoque recai sobre a grande misericórdia e paciência divina.

3. O exegeta Joseph A. Fitzmeyer, ao comentar a palavra “querendo” em Romanos 9.22, destaca que “embora alguns comentaristas (Jerônimo, Tomás de Aquino, Barrett, Cranfield, Michel) entendam o particípio *thelon* de forma causal, ‘porque quis’, parece melhor, pelo contexto (especialmente em vista da expressão ‘com muita paciência’), entendê-lo de forma concessiva, ‘embora tenha querido’, *i.e.*, embora sua ira pudesse tê-lo levado a tornar conhecido o seu poder, sua bondade amorosa o conteve. Deus deu a faraó tempo para que se arrependesse [...] *prontos para perdição*: o particípio perfeito expressa o estado no qual esses “vasos” se encontram — ‘prontos’ para o monte de lixo. Este versículo expressa a incompatibilidade radical de Deus com os seres humanos rebeldes e pecaminosos. Ele contém, também, uma nuance da predestinação, e a formulação de Paulo é mais genérica do que o exemplo com o qual ele iniciou; é por isso que estas palavras foram utilizadas nas controvérsias posteriores sobre a predestinação. Entretanto, *não se deveria perder de vista sua perspectiva coletiva*”.²⁷ (itálicos meus)

Romanos 10.1-21

Irmãos, o bom desejo do meu coração e a oração a Deus por Israel é para sua salvação. Porque lhes dou testemunho de que têm zelo por Deus, mas não com entendimento. Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus. Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê. Ora, Moisés descreve a justiça que é pela lei, dizendo: O homem que fizer estas coisas viverá por elas. Mas a justiça que é pela fé diz assim: Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu? (isto é, a trazer do alto a Cristo)? Ou: Quem descenderá ao abismo (isto é, a tornar a trazer dentre os mortos a Cristo)? Mas que diz? A palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração; esta é a palavra da fé, que pregamos, a saber: Sc, com a tua boca, confessares ao Senhor Jesus e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação. Porque a Escritura diz: Todo aquele que nele crer não será confundido. Porquanto não há diferença entre judeu e grego, porque um mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam coisas boas! Mas nem todos obedecem ao evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem

creu na nossa pregação? De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus. Mas digo: Porventura, não ouviram? Sim, por certo, pois por toda a terra saiu a voz deles, e as suas palavras até aos confins do mundo. Mas digo: Porventura, Israel não o soube? Primeiramente, diz Moisés: Eu vos meterei em ciúmes com aqueles que não são povo, com gente insensata vos provocarei à ira. E Isaias ousadamente diz: Fui achado pelos que me não buscavam, fui manifestado aos que por mim não perguntavam. Mas contra Israel diz: Todo o dia estendi as minhas mãos a um povo rebelde e contradizente.

O Eco da Palavra de Deus

Essa seção que se estende por todo o capítulo 10 de Romanos tem duas divisões principais. Na primeira delas o apóstolo desenvolve o argumento de que a rejeição de Israel se deu por conta da busca da justificação pelas obras e não pela fé. O apóstolo mostra a impossibilidade da justificação pelos méritos da lei pela razão de que o fim da lei é Cristo (v. 4).²⁸ O expositor Charles Cousar destaca o fato de o versículo 4 do capítulo 10 de Romanos estar traduzido na versão americana NRSV como o “fim” ou “término” da lei. “Paulo havia insistido que a lei é santa, justa e boa (Rm 7.12) e que testemunha acerca da justiça de Deus que é recebida pela fé (3.21). Ele tinha dito que Deus atuou na morte de Jesus Cristo para cumprir ‘o requisito da lei’ (8.4), sugerindo que a melhor tradução é ‘meta’ ou ‘propósito’. O que Paulo está afirmando nesta leitura é que a própria lei não tem outra coisa como fundamento senão Cristo como a base da justiça para todos os que creem (1 Tm 1.4)”.²⁹

Ao assim fazer, estavam buscando a sua própria justiça em vez de aceitarem a que lhes foi outorgada por Deus em Cristo Jesus. Eles tropeçaram na lei. O segundo argumento do apóstolo mostra que essa rejeição não se deu por falta de testemunho da parte de Deus (Rm 10.8-21). Pelo contrário, as Escrituras eram a prova documental das advertências que Deus lhes fizera no passado. Aqui os judeus tropeçaram na palavra de Deus quando se recusaram ou se fizeram de surdos para não ouvirem os ecos de sua voz.

Romanos 11.1-10

Digo, pois: porventura, rejeitou Deus o seu povo? De modo nenhum! Porque também eu sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim. Deus não rejeitou o seu povo, que antes conheceu. Ou não sabeis o que a Escritura diz de Elias, como fala a Deus contra Israel, dizendo: Senhor, mataram os teus profetas e derribaram os teus altares; e só eu fiquei, e buscam a minha alma? Mas que lhe diz a resposta divina? Reservei para mim sete mil varões, que não

dobraram os joelhos diante de Baal. Assim, pois, também agora neste tempo ficou um resto, segundo a eleição da graça. Mas, se é por graça, já não é pelas obras; de outra maneira, a graça já não é graça. Pois quê? O que Israel buscava não o alcançou; mas os eleitos o alcançaram, e os outros foram endurecidos. Como está escrito: Deus lhes deu espírito de profundo sono; olhos para não verem e ouvidos para não ouvirem, até ao dia de hoje. E Davi diz: Torne-se-lhes a sua mesa em laço, e em armadilha, e em tropeço, por sua retribuição; escureçam-se-lhes os olhos para não verem, e encurvem-se-lhes continuamente as costas.

Deus Tem suas Reservas

Recorrendo novamente ao método de *diatribe*, Paulo responde às possíveis objeções sobre a rejeição de Israel. Essa seção introduz a figura do remanescente que deu continuidade ao propósito eletivo de Deus. Se era um fato que Israel havia falhado como dissera Paulo, então como ficariam as promessas que Deus fizera no passado a seu povo? Elas se extinguíram? Não havia mais nada que Deus pudesse tratar com Israel? O apóstolo mostra que a grande maioria de Israel havia rejeitado a justiça que vem da **fé em Cristo**, mas que essa rejeição não era total nem definitiva. Em meio a esse processo de rejeição, Deus sempre contou com um remanescente fiel a quem escolheu. Como em Romanos 9.11, aqui a eleição (gr. *eklogē*) se deu inteiramente pela graça e não pelas obras (Rm 11.5,7). A graça sempre tem suas reservas. Paulo cita seu próprio exemplo e do profeta Elias como remanescente que foram fiéis a Deus.

Romanos 11.11-24

Digo, pois: porventura, tropeçaram, para que caíssem? De modo nenhum! Mas, pela sua queda, veio a salvação aos gentios, para os incitar à emulação. E, se a sua queda é a riqueza do mundo, e a sua diminuição, a riqueza dos gentios, quanto mais a sua plenitude! Porque convosco falo, gentios, que, enquanto for apóstolo dos gentios, glorificarei o meu ministério; para ver se de alguma maneira posso incitar à emulação os da minha carne e salvar alguns deles. Porque, se a sua rejeição é a reconciliação do mundo, qual será a sua admissão, senão a vida dentre os mortos? E, se as primícias são santas, também a massa o é; se a raiz é santa, também os ramos o são. E se alguns dos ramos foram quebrados, e tu, sendo zambujeiro, foste enxertado em lugar deles e feito participante da raiz e da seiva da oliveira, não te glories contra os ramos; e, se contra eles te gloriasses, não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz a ti. Dirás, pois: Os ramos foram quebrados, para que eu fosse enxertado. Está bem! Pela sua incredulidade foram quebrados, e tu estás em

pé pela fé; então, não te ensoberbeças, mas teme. Porque, se Deus não poupou os ramos naturais, teme que te não poupe a ti também. Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, a benignidade de Deus, se permaneceres na sua benignidade; de outra maneira, também tu serás cortado. E também eles, se não permanecerem na incredulidade, serão enxertados; porque poderoso é Deus para os tornar a enxertar. Porque, se tu foste cortado do natural zambujeiro e, contra a natureza, enxertado na boa oliveira, quanto mais esses, que são naturais, serão enxertados na sua própria oliveira!

A Oliveira e seu Enxerto

O expositor bíblico Lawrence Richards destaca que “a rejeição judaica da justiça pela fé em Deus abriu espaço para um número muito grande de gentios a serem enxertados na árvore enraizada na antiga aliança de Deus com Abraão. Esta não deveria ser objeto de orgulho gentio, mas de advertência. Nunca abandone o princípio de salvação pela graça através da fé”.³⁰

A exortação de Paulo nessa porção das Escrituras é clara — os judeus, ilustrados pelo exemplo da oliveira verdadeira, em razão de quererem cumprir a justiça divina através das obras, foram rejeitados. A oliveira não foi arrancada, apenas teve seus galhos quebrados e no lugar destes enxertados os gentios. Nenhum gentio podia se gloriar desse fato porque, assim como os ramos naturais foram quebrados, o enxerto da mesma forma poderia ser arrancado. Era, portanto, motivo de temor e não de exaltação.

Romanos 11.25-36

Porque não quero, irmãos, que ignoreis este segredo (para que não presumais de vós mesmos): que o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que haja a plenitude dos gentios haja entrado. E, assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades. E este será o meu concerto com eles, quando eu tirar os seus pecados. Assim que, quanto ao evangelho, são inimigos por causa de vós; mas, quanto à eleição, amados por causa dos pais. Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento. Porque assim como vós também, antigamente, fostes desobedientes a Deus, mas, agora, alcançastes misericórdia pela desobediência deles, assim também estes, agora, foram desobedientes, para também alcançarem misericórdia pela misericórdia a vós demonstrada. Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia. Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Porque quem compreendeu o

intento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, e ele eternamente. Amém!

A Graça Restauradora

Qualquer exegese que não contemple uma restauração em massa que acontecerá com Israel no futuro contradiz a argumentação de Paulo em Romanos 11.25-36. O escritor O. Palmer Robertson gastou 200 páginas de seu livro argumentando que “todo o Israel” citado por Paulo não significa “o todo Israel”. Explico. Palmer foi minucioso na sua exegese a fim de provar que o projeto de Deus não é com o Israel nação, mas com o Israel cristão. Em outras palavras, o projeto de Deus não é com o Israel étnico, mas somente com o Israel eleito. No seu entendimento, o “todo Israel” que Paulo citou não se refere à nação judaica, mas a “todos os judeus eleitos em Cristo”. A referência seria, portanto, aos judeus messiânicos que receberam a Cristo como Salvador. A exegese de Palmer entra em rota de colisão com outros intérpretes de renome, como por exemplo, Leon Morris. A meu ver, o argumento de Palmer se torna frágil quando o faz depender quase que inteiramente da tradução da conjunção grega *kai* e do pronome *outos* em Romanos 11.26. Segundo ele, a tradução correta dessa expressão é “dessa forma”, e não “e então” como traz a maioria das versões da Bíblia. Fundamentado nessa convicção, ele completa: “a conclusão a que se pode legitimamente chegar é a de que “todo Israel” refere-se a todos os judeus eleitos. Todos do verdadeiro Israel de Deus, o eleito do Pai, serão salvos”.³¹

A teoria de O. Palmer Robertson é bem construída, mas não se enquadra naquilo que Paulo procurou mostrar entre os capítulos 9 e 11 de Romanos. A palavra “todos” é entendida pela grande maioria dos intérpretes como sendo uma referência clara ao Israel étnico. É desse Israel étnico que Paulo vem falando como sendo amados por causa dos patriarcas e não apenas a “todos” os israelitas eleitos (Rm 11.28). A exegese de Palmer ignora a expectativa escatológica claramente mostrada pelo apóstolo nesse capítulo. No entendimento do apóstolo, o Messias, que fora rejeitado, voltará novamente como Libertador, e quando ele voltar “*apartará de Jacó as impiedades*” (Rm 11.26). Esse versículo só tem sentido dentro de um contexto escatológico futuro. Esse fato é claramente demonstrado por Paulo quando ele afirma que a vinda do Messias Libertador acontecerá

somente após haver se cumprido a plenitude dos gentios. “*Até que haja entrado a plenitude dos gentios*” (Rm 11.25). Isso evidentemente ainda não aconteceu. Ao contrário da tese de Palmer, em que “todo Israel” se limita apenas aos judeus messiânicos, o “todo Israel” de Paulo é uma referência ao Israel étnico que se voltará em massa quando o Messias voltar.³²

A graça que alcançou os gentios, a graça que alcançou os judeus messiânicos, é a mesma graça que reservou um futuro glorioso para Israel. “Orai pela paz de Jerusalém! Prosperarão aqueles que te amam” (Sl 122.6).

¹ FITZMEYER, Joseph A. *Romanos — Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. Editora Academia Cristã/Paulus, 2015.

² RICHARDS, Lawrence. *Guia do Leitor da Bíblia — Uma Análise de Gênesis a Apocalipse Capítulo por Capítulo*. 9. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

³ HUGO, M. Petter. *Concordancia Greco-Española del Nuevo Testamento*. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.

⁴ DALE, Dave. *Romanos — Comentário Bíblico Broadman*. Rio de Janeiro: JUERP.

⁵ Em Atos dos Apóstolos 9.15, encontramos a palavra “eleição” (gr. *ekloge*), derivada de *eklegomai*, usada no Novo Testamento com sentido individual. Todavia, nessa passagem, a exemplo das demais, a palavra “eleição” não é usada em relação à salvação individual, mas ao serviço cristão. Por sua vez, o termo grego *eklegomai*, traduzido como *eleger*, *escolher*, aparece 22 vezes no Novo Testamento grego. Em algumas referências, o seu sentido é simplesmente de escolher uma coisa dentre outras (Lc 10.42; At 6.5). Em outras passagens, o termo possui conotação corporativa (Ef 1.4: “Nos escolheu nele) ou serviçal (At 1.24: “Mostra-nos qual destes escolheu”). Outra palavra grega, *eklektos*, derivada também de *eklegomai* (escolher, *eleger*), e que também ocorre 22 vezes no texto grego do Novo Testamento é usada de forma semelhante. Nesses textos, também prevalece o sentido corporativo ou para o serviço (missão, propósito, etc.), e não de uma eleição individual para a salvação. Quando usado em relação a indivíduos, como, por exemplo, em Romanos 16.13, o sentido é serviçal, e não salvífico. O expositor Stanley Clark descarta o sentido de “eleição” para a salvação em Romanos 16.13 e traduz como “cristão exemplar” (*Comentario de Romanos*, Mundo Hispano). Por outro lado, o termo grego *proorizō*, traduzido como “predestinação”, ocorre 6 vezes no Novo Testamento grego. Uma é aplicada em referência a Cristo (At 4.28) e as outras 5 vezes são de uso paulino nas epístolas (Rm 8.29,30; 1 Co 2.7, aqui em referência à sabedoria divina; Ef 1.5,11). Assim como *ekloge* (eleição), o termo grego *proorizō* (predestinação) tem seu uso majoritariamente corporativo. Veja uma análise exaustiva na obra *Analytical Concordance of the Greek New Testament, volume 1 & 2* (Philip S. Clapp, Barbara Friberg and Timothy Friberg. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1991).

⁶ MOODY, Dale. *Comentario Bíblico Broadman*. Rio de Janeiro: JUERP.

⁷ WILLIMINGTON, Harold. *Guia Willmington para a Bíblia — Guia completo*. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel.

⁸ Veja uma discussão aprofundada sobre o livre-arbítrio na obra de Norman Geisler: *Eleitos, mas Livres* (Editora Vida).

⁹ OLSON, Roger. *Contra o Calvinismo*. São Paulo: Editora Reflexão.

¹⁰ Idem.

¹¹ A apostasia é um fato documentado na Bíblia, mas está presente também ao longo da história da igreja. Tenho em mãos o livro *Todos os Caminhos Levam a Roma*, escrito por Scoth Hahn. Hahn foi um teólogo presbiteriano que se converteu ao catolicismo. No site da Wikipédia, vemos que ele é um “autor contemporâneo e teólogo católico. Famoso pastor presbiteriano, utilizava todas as suas forças para converter pessoas da Igreja Católica para a Evangélica, até que ele mesmo veio a converter-se ao catolicismo”. É lógico concluir que Hahn, na sua antiga condição de teólogo reformado, também acreditava na eleição incondicional e segurança eterna do crente. Por outro lado, também tenho em mãos o livro *All Things Are Possible* (Todas as Coisas São Possíveis), escrito pelo ex-pastor e teólogo pentecostal sueco Ulf Ekman. A exemplo de Hahn, Ekman também anunciou que deixou as fileiras do pentecostalismo para se converter ao catolicismo. As conversões desses dois teólogos são exibidas à exaustão como verdadeiros troféus pela mídia católica. Casos como os de Scoth Hahn e Ulf Ekman ilustram claramente a possibilidade do abandono da fé, que a eleição é condicional e que a segurança eterna é para quem permanece em Cristo, conforme mostra Hebreus 6.4-6.

¹² GUTHRIE, Donald. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

¹³ ERICKSON, Milard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

¹⁴ LANE, William. *Hebrews, 2 vols.* WBC, 1991. A principal dificuldade com a interpretação do “caso hipotético” nessa passagem, além daquela de natureza contextual já mostrada, é também de natureza gramatical. O particípio grego de “caíram”, “desviar-se”, deve ser traduzido como “recaíram” ou “tendo caído”. A ideia aqui, portanto, é que caíram de fato. A tentativa de se suavizar o uso dos participios, alegando que eles “podem” ser hipotéticos, é rejeitada por renomados gramáticos. William Barclay, por exemplo, vê em Hebreus 6.4-6 um fato real com quem nega a Cristo em tempo de perseguição (BARCLAY, William. *Romanos — Comentario al Nuevo Testamento*. Editorial CLIE). Por outro lado, A. T. Robertson destaca que todos os extremos mostrados aqui são apresentados como “verdadeiras experiências espirituais” e que este caso é semelhante ao narrado em Gálatas 5.4 onde se usa o mesmo tempo verbal. Robertson destaca ainda que o autor fala de quem outra vez estava crucificando o Filho de Deus e que “esta era a razão de que é impossível a renovação de tais apóstatas” (Robertson, A. T. *Comentario ao Texto Griego del Nuevo Testamento*. Editorial CLIE).

¹⁵ MARSHAL, I. Howard. *Kept by the Power of God: A Study of Perseverance and Falling Away*. 2. ed. Bethany House Publishers, 1975.

- ¹⁶ MOODY, Dale. *Romanos — Comentário Bíblico Broadman*. Op.cit.
- ¹⁷ FITZMEYER, Joseph A. *Romanos — Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. Editora Academia Cristã/Paulus, 2015.
- ¹⁸ HUNT, Dave. *Que Amor É Esse? — A Falsa Representação de Deus no Calvinismo*. São Paulo: Editora Reflexão. Disponível também no canal do YouTube.
- ¹⁹ GEISLER, Norman. *Manual Popular — Enciclopédia de Dúvidas, Enigmas e “Contradições” da Bíblia*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1999.
- ²⁰ Joseph A. Fitzmyer destaca que a expressão “vasos de misericórdia” aparece em um contexto em que se fala de “povos”, isto é, a relação entre judeus e gentios (Rm 9—11). (*Novo Comentário Bíblico São Jerônimo — Romanos*, p. 570).
- ²¹ MOODY, Dale. *Romanos — Comentário Bíblico Broadman*. Rio de Janeiro: JUERP.
- ²² As palavras gregas *atimia*, traduzida como “desonra”, ocorre sete vezes no Novo Testamento grego e duas vezes em Romanos. Por outro lado, a palavra grega *timê*, traduzida com “honroso”, ocorre 41 vezes no Novo Testamento grego, sendo quatro delas em Romanos.
- ²³ ROBERTSON, A. T. *Comentario Al Texto Griego del Nuevo Testamento — Romanos*. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.
- ²⁴ Veja uma exposição detalhada sobre a sintaxe do tempo perfeito na obra *A Manual Grammar of the Greek New Testament*, dos escritores H. E. Dana e Julius R. Mantey (MacMillan Company, 1967).
- ²⁵ MOODY, Dale. Op.cit. p. 272.
- ²⁶ MOFFAT, James. *Moffat New Testament, Romans 9*. Disponível em <http://studybible.info/version/Moffatt>.
- ²⁷ FITZMEYER, Joseph A. *Romanos — Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. Editora Academia Cristã/Paulus, 2015.
- ²⁸ Veja uma exposição detalhada com respeito ao papel da lei em relação aos cristãos em *Lei e Evangelho — Cinco Pontos de Vista*. GUNDRY, Stanley. São Paulo: Editora Vida.
- ²⁹ COUSAR, Charles in *Romans — The New Interpreters Bible Commentary*. Nashville: Abingdon Press, 2010.
- ³⁰ RICHARDS, Lawrence. *Guia do Leitor da Bíblia*. 9. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- ³¹ ROBERTSON, O. Palmer. *O Israel de Deus — Passado, Presente e Futuro*. São Paulo: Editora Vida, 2000.
- ³² Da última vez que estive em Israel, tive contato com judeus messiânicos. Em conversa com eles, fui informado de que o seu número não deveria passar de dez mil. Um número expressivo, mas dificilmente expressa o que Paulo quis dizer em relação ao “todo Israel” citado em Romanos 11.

Capítulo

9

UMA VIDA CHEIA DE GRAÇA

Romanos 12.1,2

Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

As Dimensões da Adoração Cristã

“Rogo-vos, pois, irmãos...” (12.1). O apóstolo começa o capítulo 12 de Romanos com um pedido. A palavra “rogar” traduz o termo grego *parakalô*, formado pela preposição grega “*para*” (ao lado, ao lado de) e “*kaleo*” (chamar). No grego clássico, essa palavra possuía uso militar e era usada quando um comandante exortava suas tropas.¹ Aqui o apóstolo chama os irmãos para perto dele, para ficarem ao lado dele a fim de que possam receber as exortações que lhes dará em seguida.

“... *pela compaixão de Deus...*” (12.1). A palavra traduzida aqui como “misericórdia” traduz o grego *oiktimos*. Ocorre cinco vezes no Novo Testamento grego, sendo que quatro vezes é de uso paulino. O adjetivo *oiktimon*, derivado dessa palavra, é traduzido em Lucas 6.36 como “vosso Pai é misericordioso”.² Paulo, portanto, faz um rogo aos seus irmãos romanos, mas o faz fundamentado na misericórdia de Deus. Essa misericórdia divina está permeada na sua carta desde o primeiro capítulo até aqui. Foi essa misericórdia que acolheu a todos eles quando ainda eram pecadores.

“... *que apresenteis...*” (12.1). Para deixar os crentes em prontidão, Paulo usou uma palavra de cunho militar para exortá-los. Agora, para convocá-los à adoração, ele usa um termo extraído do ritual do culto levítico. Dentre os muitos sentidos assumidos por esse vocábulo no grego antigo, o lexicógrafo Walter Bauer destaca seu sentido figurado na linguagem do sacrifício como oferta.³ O expositor bíblico Fritz Rienecker destaca também que “apresentar” (gr. *paristemi*) possui um sentido técnico para a apresentação de um sacrifício, significando literalmente “colocar de lado” para qualquer propósito.⁴

“... *o vosso corpo em sacrifício vivo...*” (12.1). Não há dúvida que Paulo tinha em mente o sistema de sacrifício levítico quando escreveu essas recomendações. Assim como um animal inocente era ofertado em sacrifício na antiga aliança, da mesma forma o cristão devia apresentar o seu corpo a Deus. A diferença era que lá a oferta era apresentada morta e aqui a oferta é apresentada viva. Ao contrário do pensamento grego, que via o corpo como a prisão da alma, Paulo dá grande importância à nossa dimensão corpórea. Devemos evitar o dualismo psicofísico introduzido na cultura ocidental pelo filósofo René Descartes. Na concepção desse pensador francês, o homem é formado por uma parte pensante e outra física. Isso não deixa de ser uma verdade, mas da forma como é entendida no racionalismo cartesiano, fatia o homem em partes distintas e separadas uma da outra. A consequência é a criação de um dualismo corpo-alma onde se privilegia a parte racional humana em detrimento do seu lado subjetivo. No contexto bíblico, o homem é um ser integral, formado por espírito, alma e corpo (1 Ts 5.23; 1 Co 14.14).⁵

“... *santo e agradável a Deus*” (12.1). O sacrifício deve ser apresentado vivo, mas também de forma santa e agradável. No contexto neotestamentário, a palavra “santo” quer dizer “separado”. É um termo muito comum na Septuaginta grega quando se refere ao Tabernáculo e aos seus utensílios usados no culto. Aquele que quer servir a Deus deve ser separado para o seu serviço. Precisa, portanto, se conscientizar de que há limites que devem ser respeitados. Não há dúvidas de que a falta de vitalidade no cristianismo hodierno se dá em consequência dessa frouxidão moral, consequência de um conceito equivocado da doutrina da santificação. Quando o sacrifício é apresentado vivo e de forma santa, então ele se torna agradável a Deus. O comentarista americano Robert Gundry destaca que o sacrifício deve ser primeiramente “... vivo (no sentido de ‘para’)

Deus” (compare 6,13); em segundo lugar, “consagrado para Deus em vez de ser dominado pelo pecado” (como os pagãos que desonravam seus corpos através das concupiscências, como mostra Rm 1.24); e, portanto, “... agradável a Deus” (comparando com a descrição da queima de sacrifícios de animais como oferta de “um cheiro agradável ao Senhor” (Lv 1.9,13,17). Só que em Romanos os sacrifícios estão vivos. Assim, “o serviço do culto é agradável” abrangendo a totalidade da conduta corporal em vez de se limitar as cerimônias ocasionais ou até mesmo regulares, como na oferta de sacrifícios de animais sob a lei mosaica.⁶

“... *que é o vosso culto racional*” (12.1). Robert Gundry observa que aqui Paulo contrasta a adoração pagã com a adoração cristã. Naquela o culto era irracional, adorando a criatura em lugar do Criador. Por outro lado, no culto cristão, que acontece de forma racional, o Criador, e não a criatura, se torna o centro da adoração.⁷ Essa recomendação apostólica está em sintonia com aquilo que ele escreveu aos crentes de Corinto, recomendando-os que fizessem tudo com “decência e ordem” (1 Co 14.40). Um culto cristão que não tem hora para começar nem tampouco para terminar; que é desprovido de liturgia; em que a pessoa não consegue desligar o celular; que promove o exibicionismo humano; que é motivado por gordos cachês, etc.; não é uma adoração racional, muito menos cristã.

“*E não vos conformeis com este mundo...*” (12.2). Aqui o apóstolo usa o imperativo presente com a negativa “não” para alertar os cristãos sobre qual postura devem assumir neste mundo. O termo *schematizesthai*, traduzido aqui como “conformar”, tem o sentido de “moldar”. É o mesmo verbo usado pelo apóstolo Pedro quando escreveu aos cristãos: “Como filhos obedientes, não vos *conformando* com as concupiscências que antes havia em vossa ignorância” (1 Pe 1.14). Assim como o líquido assume a forma do recipiente que ocupa, da mesma forma o crente, se não se guiar pela Palavra de Deus, pode ser moldado de acordo com a cultura à sua volta. Para que isso não aconteça, é preciso interromper uma ação que pode estar em curso, como sugere o tempo presente do texto grego desse versículo. O expositor suíço Frédéric Louis Godet comenta que o “termo *esquema* denota a maneira de se comportar, atitude, pose; *eschematizesthai*, verbo derivado dele, significa a adoção ou imitação dessa pose ou modo recebido de conduta. O termo (este) mundo presente é usado nos rabinos para denotar todo o estado de coisas que antecede a época do Messias; no Novo Testamento, ele

descreve o curso da vida seguido por aqueles que ainda não tenham sido submetidos à renovação que Cristo opera na vida humana. É esse modo de viver anterior à regeneração que o crente não deve imitar no uso que faz do seu corpo. E o que ele tem que fazer? Buscar um novo modelo, um tipo superior, a ser realizado por meio de um poder que atua dentro dele. Ele deve ser transformado literalmente, metamorfoseado”.⁸

“... *mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento*” (12.2). Paulo havia mostrado no capítulo 7, principalmente na última seção do capítulo, sobre o conflito interior que o cristão enfrenta. Ele disse que querer fazer o que era bom estava nele, mas não o efetuar. Há uma natureza adâmica que guerreia contra a nova vida. Essa natureza é estimulada pela cultura mundana que também está afastada de Deus. O crente, portanto, vive em um mundo que lhe é hostil. Seus inimigos são o Diabo, a carne e o mundo. O que fazer então para não se deixar subjugar diante dessa cultura caída? Buscando diariamente a transformação de sua mente. A palavra “transformar” traduz o grego *metamorphoô*, que é um termo usado para descrever a transformação da lagarta em borboleta. A mente do cristão não é passiva nem tampouco neutra; ela precisa de renovação. Paulo aconselha os crentes de Filipos ao exercício das virtudes espirituais como uma forma de renovação da mente (Fp 4.8). Quando o crente não renova a sua mente, nunca vai se assemelhar a uma linda borboleta, mas a uma lagarta feia.

“... *para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus*” (12.2). Uma mente transformada e renovada está pronta para a adoração verdadeira. Não há dúvida de que a pobreza de nossa adoração é um reflexo das mentes velhas que participam do culto. Somente uma mente renovada experimenta a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Romanos 12.3-8

Porque, pela graça que me é dada, digo a cada um dentre vós que não saiba mais do que convém saber, mas que saiba com temperança, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um. Porque assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros. De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada: se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; se é ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino; ou o que exorta, use esse dom em exortar; o que reparte, faça-o com liberalidade; o que preside, com cuidado; o que exercita misericórdia, com alegria.

Os Dons da Graça

“Porque, pela graça que me é dada, digo a cada um dentre vós que não saiba mais do que convém saber, mas que saiba com temperança, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um” (12.3). Os intérpretes chamam a atenção para a mistura cultural presente na igreja de Roma — formada por judeus e gentios. Todavia, na igreja, o corpo místico de Cristo, os cristãos não se encontram separados pela etnia. Eles formam uma unidade na diversidade. Ninguém deve olhar para o outro demonstrando superioridade, quer por *status* social, quer por tradição religiosa.

“Porque assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação” (12.4). Essa unidade é vista claramente na analogia do corpo humano, uma das preferidas pelo apóstolo (1 Co 12). O corpo humano, formado por diversos órgãos e membros, constitui-se uma unidade. Cada membro tem sua função, uns são mais utilizados no dia a dia, todavia não se sobressaem em valor em relação aos demais. Assim também é na igreja de Cristo. Se o corpo fosse formado por um só membro, então ele não seria de fato corpo, mas uma anomalia. Todos os cristãos romanos, quer judeus quer gentios, possuíam funções diferentes dentro do propósito de Deus.

“De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada: se é profecia, seja ela segundo a medida da fé” (12.6). Paulo destaca a diversidade dos dons, algo parecido com o que ele escreveu em 1 Coríntios 12, mostrando que eles são fruto da graça, e não mérito humano. Como escrevia para uma igreja forjada pelo fogo de Pentecostes (At 2.10), os dons não lhe eram estranhos. O apóstolo não viu necessidade de dar maiores explicações sobre o uso dos mesmos como fizera na igreja de Corinto. Aqui ele destaca primeiramente o dom da profecia. No Novo Testamento, há uma diferença entre a profecia como um dom espiritual, exercitado por qualquer crente (1 Co 14.12), e o ofício profético, reservado a alguns a quem Deus escolheu (Ef 4.11). Nesse aspecto, nem sempre quem profetiza é um profeta, enquanto todo profeta, evidentemente, profetiza. Isso pode ser ilustrado com as figuras de Ágabo, um profeta que aparece no livro de Atos, e as filhas de Filipe, que mesmo não possuindo o ofício de profeta, no entanto, profetizavam. Foi ao profeta Ágabo, e não às filhas de Filipe, que o Espírito Santo usou para falar com Paulo (At 11.28; 21.8-11). O conceituado teólogo Wayne Grudem escreveu em 1988 um livro sobre o dom da profecia

no Novo Testamento, ao qual intitulou de *O Dom da Profecia*. A tese de Grudem é que a profecia no Novo Testamento não está no mesmo patamar daquela dos profetas do Antigo Testamento. Ele argumenta que essas profecias “eram simplesmente um relatório bastante humano — e, às vezes, parcialmente equivocado — do que o Espírito Santo trazia à mente de uma pessoa em especial”.⁹ Para fundamentar sua tese, Grudem cita o caso de Ágabo, profeta do Novo Testamento. Primeiramente, ao fazer uma análise de Atos 21.10,11, Grudem acusa Ágabo de tentar falar como os profetas do Antigo Testamento: “a frase introdutória de Ágabo — “Assim diz o Senhor” — sugere uma tentativa de falar como os profetas do AT que diziam: “Assim diz o Senhor...””.¹⁰ Grudem vai mais longe em seu argumento e tenta agora provar que Ágabo mentiu e que, se vivesse nos dias do Antigo Testamento, seria apedrejado como falso profeta. “Pelo padrão do AT”, diz ele, “Ágabo teria sido condenado como falso profeta, porque em Atos 21.27-35 nenhuma de suas previsões é cumprida”.¹¹ De acordo com Grudem, o primeiro erro de Ágabo teria sido a sua previsão errada de quem “amarraria” a Paulo. Ágabo dissera que seriam os judeus, quando na verdade foram os romanos. O segundo erro de Ágabo, na análise de Grudem, foi ter se enganado quanto ao fato de ter predito que os judeus “entregariam” Paulo nas mãos dos gentios quando na verdade as autoridades romanas (gentios) o teriam tomado à força das mãos dos judeus.

Pois bem, eu lamento que Wayne Grudem, na sua análise, chegue a essa conclusão totalmente divorciada do texto bíblico. A sua exegese simplesmente não se sustenta dentro do contexto da teologia lucana registrada em Atos. Em primeiro lugar, se Ágabo, de fato, tivesse errado ou mentido como sugeriu Grudem, Lucas — que escreveu o livro de Atos e acompanhou Paulo a partir de Atos 16.10 — teria sido o primeiro a dizer isso. Pelo contrário, não há nada na teologia lucana que sugira isso. A teologia carismática de Lucas, como demonstrou Roger Stronstad, mostra que Ágabo está dentro daquilo que foi profetizado na era messiânica — a restauração do Espírito profético na era da igreja.¹² Lucas mostra Ágabo, dentro da nova era messiânica, como um verdadeiro profeta do Senhor. A acusação de que Ágabose confundiu e errou ao trocar “judeus” por “romanos”, simplesmente não se sustenta. O profeta previu a causa do aprisionamento de Paulo, o que está claramente mostrado em Atos 21.27-30, que ele foi motivado pelos judeus. “Quando os sete

dias estavam quase a terminar, os judeus da Ásia, vendo-o no templo, alvoroçaram todo o povo e lançaram mão dele” (At 21.27). Os judeus foram a causa do aprisionamento de Paulo, e o Espírito profético que estava sobre Ágabo viu com antecipação esse fato. Se um juiz manda prender um marginal e o policial cumpre a ordem, ninguém vai dizer que o policial prendeu o bandido, mas que o juiz fez isso. O juiz foi a causa da prisão. Da mesma forma, quem causou o aprisionamento de Paulo foram os judeus, e não os gentios. Grudem, que se apegua a minúcias do texto grego, quando tenta desacreditar o profeta Ágabo, deveria ter percebido que o termo grego “agarraram” (gr. *epiballô*) usado em Atos 21.27,30, tem o sentido de “capturar”, “lançar as mãos sobre”, e é usado em relação aos judeus, e não aos romanos.

O segundo suposto erro de Ágabo, na análise de Grudem, está nos detalhes do cumprimento da profecia. Em vez de Paulo ter sido “entregue”, na verdade ele teria sido “tomado” à força pelos gentios. Isso é confundir seis com meia dúzia. Grudem aqui gasta muita tinta fazendo cruzamento de referências para mostrar que, levando-se em conta esses detalhes, Ágabo errou redondamente. Um exemplo da profecia do Antigo Testamento resolve essa questão dos detalhes que acompanham aquilo que o cronista registra em pronunciamento profético. A profecia possui uma essência, uma mensagem principal, sendo que os detalhes não a contradizem. Vejamos o livro de 2 Reis 9.1-10. Nesse texto, o profeta Eliseu chama um dos filhos dos profetas e manda-o entregar uma profecia a Jeú, comandante das forças de Israel. Eliseu deu instruções detalhadas ao seu discípulo dizendo que deveria levar um vaso de azeite e, lá chegando, profetizar: “Assim diz o Senhor: Ungi-te rei sobre Israel. Então, abre a porta, e foge, e não te detenhas” (2 Rs 9.3). Era só isso que o profeta mandou dizer. Mas veja os detalhes que são acrescentados na entrega da profecia nos versículos 6 a 10: “Então, se levantou, e entrou na casa, e derramou o azeite sobre a sua cabeça, e lhe disse: Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Ungi-te rei sobre o povo do Senhor, sobre Israel. E ferirás a casa de Acabe, teu senhor, para que eu vingue o sangue de meus servos, os profetas, e o sangue de todos os servos do Senhor da mão de Jezabel. E toda a casa de Acabe perecerá; e destruirei de Acabe todo varão, tanto o encerrado como o livre em Israel. Porque à casa de Acabe hei de fazer como à casa de Jeroboão, filho de Nebate, e como à casa de Baasa, filho de Aías. E os cães comerão

a Jezabel no pedaço de campo de Jezreel; não haverá quem a enterre. Então abriu a porta e fugiu” (2 Rs 9.6-10).

Se Paulo foi “entregue” ou “tomado à força” em nada muda a essência da profecia de Ágabo da mesma forma que os detalhes da profecia do discípulo dos profetas em nada destoou da profecia original que lhe foi entregue por Eliseu. A essência da profecia era clara (Paulo será preso), como era clara a profecia de Eliseu (Deus ungiu a Jeú rei). Ambas se cumpriram na íntegra!

Os Melhores Dons

Cabe ainda observar sobre os dons no contexto paulino que os melhores dons eram aqueles que maior edificação trazem à igreja. Visto que a profecia, uma fala inspirada pelo Espírito Santo, alcançava o maior número de pessoas, Paulo a via como o mais útil. O critério a ser adotado, portanto, no uso dos dons espirituais é a edificação.¹³

“*Se é ministério, seja em ministrar...*” (12.7). A palavra “ministério” é a tradução do grego *diakonia*, e aqui significa “serviço”. Paulo escrevia para uma igreja jovem, formada por leigos, portanto, esse termo não possuía a conotação de “ministro” que lhe é atribuída hoje. Todavia, o “ministro” como uma função, e não como um ofício, pode ser visto aqui da mesma forma que Paulo se refere à função dos que “ensinam”, isto é, os mestres, nesse mesmo versículo. Devemos, no entanto, observar que o clericalismo rígido como o conhecemos hoje só aparece no segundo século da igreja cristã. Isso não quer dizer que a organização ou instituição não são importantes. São, mas não podem se sobressair à igreja. A instituição está contida na igreja, e não o contrário.

“*... se é ensinar, haja dedicação ao ensino*” (12.7). Paulo passa então a se dirigir aos mestres (gr. *didaskalos*). Os mestres estão listados como um dos dons quíntuplos do ministério, ao lado de apóstolos, profetas, evangelistas e pastores (Ef 4.11). Eles são importantes porque através da instrução ajudam na formação espiritual da igreja. Lucas os cita em Atos 13.1, quando a igreja enviou pela primeira vez os seus missionários. Uma igreja sem instrução não cresce, apenas incha. É por isso que os mestres precisam ser diligentes e esmerar-se no exercício de seus ofícios. Outros dons listados por Paulo são os de exortar, contribuir, presidir e exercer misericórdia (v. 8).

Romanos 12.9-21

O amor seja não fingido. Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros. Não sejais vagarosos no cuidado; sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor; alegrai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, perseverai na oração; comunicai com os santos nas suas necessidades, segui a hospitalidade; abençoai aos que vos perseguem; abençoai e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram. Sede unânimes entre vós; não ambicioneis coisas altas, mas acomodai-vos às humildes; não sejais sábios em vós mesmos. A ninguém torneis mal por mal; procurai as coisas honestas perante todos os homens. Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens. Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira, porque está escrito: Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor. Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.

Fervendo no Espírito

Esta seção que se estende do versículo 9 ao 21 de Romanos 12 reúne diversos conselhos de Paulo. Vou relacioná-los aqui:

- *Evitar o fingimento* (12.9) — os relacionamentos precisam ser autênticos. Não podemos expressar a *koinonia* cristã com um coração hipócrita.
- *Evitar flertar com o mal* (12.9) — o conselho de Paulo é que os crentes devem detestar o mal. No original, a ideia é a de repulsa pelo mal.
- *Evitar a primazia* (12.10) — esse problema será resolvido quando o outro, e não nós, ocupar o primeiro lugar. O egoísmo é uma das principais e piores formas de pecado.
- *Evitar a frieza espiritual* (12.11) — a ideia do texto no original é que os crentes devem “ferver no Espírito Santo”. Fervor não é sinônimo de fanatismo nem tampouco de barulho. Fervor significa o cristão ter um coração incendiado pelo Espírito Santo.
- *Saber esperar* (12.12) — a esperança do cristão é fundamentada na justificação pela fé. Ela se alicerça nas promessas de Deus. Paulo falou da esperança cristã em Romanos 5.

- *Saber ser resignado* (12.12) — não é fácil ser paciente no sofrimento. Todavia, as tribulações no evangelho de Paulo fazem parte do crescimento na fé.
- *Saber orar* (12.12) — só vence na oração quem sabe esperar. Perseverar na oração é um dos mais repetidos mandamentos bíblicos. Precisamos ser perseverantes na oração.
- *Aprender a compartilhar* (12.13) — Paulo sempre demonstrou preocupação com a vida social da igreja. Sempre procurou ajudar os mais necessitados. Resgatou um mandamento de Jesus que havia sido esquecido, o qual nem mesmo os Evangelhos registraram: “Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber” (At 20.35).
- *Aprender a acolher* (12.13) — ser hospitaleiro é uma virtude que o cristão nascido de novo precisa exercitar. Quem é hospitaleiro sabe dividir com o outro parte de sua vida. É um excelente antídoto contra o veneno do egoísmo.
- *Aprender a abençoar* (12.14) — amaldiçoar é mais fácil do que abençoar. Mas Paulo exorta os crentes a abençoar seus inimigos. Acredito que o sentimento de vingança é a causa da prisão espiritual de muitos cristãos.
- *Aprender a se identificar com o próximo* (12.15) — devemos estar nas festas bem como nos velórios. É fácil se alegrar com quem está alegre, mas não é fácil chorar com quem chora. Para viver a vida cristã plena, uma coisa não pode ser feita sem a outra.
- *Aprender a se humilhar* (12.16) — estar em evidência é uma tentação que assedia todo cristão. Ninguém quer ficar por baixo, mas sempre no topo. A tentação de estar na vitrine o tempo todo é uma das armas mais letais do Diabo.
- *Aprender a perdoar* (12.17-20) — uma das razões que a Bíblia dá para Deus ter se agrado da oração de Salomão foi que ele não desejou a morte de seus inimigos (1 Rs 3.11). Se quisermos orar com eficácia, devemos esvaziar o coração de todo sentimento de vingança.
- *Aprender a lutar* (12.21) — vencer o mal com o bem é uma arma eficaz no combate cristão.

-
- ¹ BARCLAY, William. *Romanos — Comentario al Nuevo Testamento*. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.
- ² HUGO, M. Petter. *Concordancia Greco-española del Nuevo Testamento*. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.
- ³ BAUER, Walter. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. The University of Chicago Press, 1979.
- ⁴ RIENECKER, Fritz. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Edições Vida Nova.
- ⁵ GONÇALVES, José. *Sábios Conselhos para um Viver Vitorioso*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.
- ⁶ GUNDRY, Robert H. *Commentary on Romans*. Grand Rapids, MI.: Baker Academic, 2010.
- ⁷ GUNDRY, Robert H. *idem*. op.cit.
- ⁸ GODET, Frédéric, Louis. *Commentary on Romans*. Grand Rapids, MI.: Zondervan, 1956.
- ⁹ GRUDEM, Wayne. *O Dom da Profecia — Do Novo Testamento aos Dias Atuais*. São Paulo: Editora Vida, 2004.
- ¹⁰ GRUDEM, Wayne. *Idem*. p. 95.
- ¹¹ GRUDEM, Wayne, *Idem*. p. 96.
- ¹² STRONSTAD, Roger. *The Prophethood of All Believers — A Study in Luke's Charismatic Theology*. Cleveland: CPT Press, 2010.
- ¹³ Deve ser observado que a profecia não é sinônimo de pregação. Há mensagens proféticas, isto é, elas têm um elemento inspirador, mas nem todas as mensagens se enquadram nesse modelo. No Novo Testamento, a profecia era uma fala inspirada que o Espírito dava de forma espontânea ao crente.

Capítulo 10

A GRAÇA DA CIDADANIA

Romanos 13.1-7

Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as autoridades que há foram ordenadas por Deus. Por isso, quem resiste à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a autoridade? Faze o bem e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz de balde a espada; porque é ministro de Deus e vingador para castigar o que faz o mal. Portanto, é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência. Por esta razão também pagais tributos, porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra.

Deveres Civis — Cidadão do Céu e da Terra Também!

“Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores” (13.1). Alguns comentaristas veem o texto de Romanos 13.1-7 como um grande hiato entre os capítulos 12 e 14. Alguns até mesmo chegam a afirmar que o assunto aqui destoa de tudo aquilo que Paulo havia escrito até esse ponto. Mas uma análise cuidadosa do texto nos revelará que Paulo tem um objetivo definido quando aborda o tema do cristão como um cidadão pertencente à sociedade civil. Convém lembrar que a igreja de Roma era formada tanto por gentios como por judeus. Esses últimos, devido à interpretação literalista de determinados textos bíblicos, em muitos casos se recusavam a

se subordinar à autoridade civil. Foi isso que forçou a expulsão dos judeus de Roma (At 18.2). Na teologia paulina, os cristãos, tanto gentios como judeus convertidos, deveriam ser ordeiros, submetendo-se à lei estatal.

O expositor bíblico William Hendriksen alista outras razões que justificam a exposição de Paulo em Romanos 13.

1. Os cristãos deveriam se relacionar bem com Deus (Rm 12.1,2); os cristãos deveriam se relacionar bem entre si (Rm 12.3,4); os cristãos deveriam se relacionar bem com os de fora (Rm 12.14-21); os cristãos deveriam se relacionar bem com as autoridades civis (Rm 13.1-7).
2. Paulo queria evitar que o império visse o cristianismo como inerentemente antagônico ao governo.
3. Paulo queria lembrar aos cristãos romanos que o próprio Cristo ensinou esses princípios.¹

Romanos 13 fornece diretrizes apostólicas sobre a necessidade de o cristão saber se comportar em uma sociedade civil organizada. Quando Paulo escreveu a carta à igreja de Roma, o Império Romano dominava boa parte do mundo de então. Era uma sociedade organizada com um governo civil centralizado na pessoa do imperador. Havia leis, regras e normas a serem observadas por todos os cidadãos. Havia, portanto, o que hoje comumente se denomina Estado de Direito. Os cristãos, mesmo como cidadão dos céus, não estavam fora do alcance desse poder civil.

Entre os séculos XVI e XVII, o debate em torno da origem e natureza do estado dominou o continente europeu. É nesse contexto que surge a teoria de um *contrato social*. Os filósofos que se debruçaram a explicar os princípios que regiam esse contrato social foram denominados de *contratualistas*.² Eles advogavam a necessidade de um “contrato social” que regulasse as relações entre os homens. Para esses pensadores, o que gerou a necessidade desse “contrato social” — portanto, a criação do Estado de Direito — foi a necessidade de sair do “estado de natureza” para se organizarem em sociedade. No estado de natureza, observam os contratualistas, prevalecia o interesse privado de cada um, o que ocasionava a disputa, a violência e o medo. Nesse estado de coisas faz-se necessário a criação de um contrato que regule as relações interpessoais. Os principais filósofos representantes desse contrato social foram John Locke, Thomas Hobbes e Jean-Jacques Rousseau. Mesmo divergindo

quanto à forma e natureza desse Estado, esses pensadores possuíam ideias semelhantes quanto à sua necessidade.

Na verdade, os filósofos contratualistas procuraram fornecer diretrizes mais específicas sobre a atuação dessas duas instituições, a igreja e o estado. Ao assim proceder, eles queriam delimitar a esfera de atuação de cada uma delas. Qual era a competência da igreja e qual era o papel do Estado? Grosso modo, a visão que prevalecia era que o Estado devia cuidar do lado secular da sociedade e a igreja do seu lado espiritual. Deve ser levado em conta nesse contexto que a Europa vivia um conflito enorme entre o poder do Papa e o poder dos reis. Em muitos países, principalmente antes da Reforma Protestante do século XVI, prevalecia a autoridade papal sobre a autoridade estatal. Os papas mandavam nos reis. No ano de 494 d.C., o bispo Gelásio I criou a doutrina das duas espadas. Esse documento afirmava: “Há dois poderes principais mediante os quais este mundo é governado: a autoridade sagrada dos papas e o poder real. Destes dois, o poder sacerdotal é muito mais importante, porque tem de prestar contas no tribunal divino, até mesmo pelos reis dos homens. [...] Sabeis que deveis, nas questões concernentes ao recebimento e à administração referente dos sacramentos, ser obedientes à autoridade eclesiástica, ao invés de controlá-la”.³

Durante toda a Idade Média (500-1500 d.C.), prevaleceu o conceito das duas esferas — o Estado como uma instituição temporal e, por outro lado, a igreja como uma instituição espiritual. Com o advento da Reforma luterana em 1517, essa cosmovisão sofrerá uma ruptura, e as esferas temporal e espiritual ficaram cada vez mais definidas. Todavia, o reformador alemão não foi tão radical na sua proposta, pois acreditava que havia algumas competências eclesiásticas, que poderiam perfeitamente ser administradas pelo Estado. Esse modo de interpretar as esferas de atuação dessas duas instituições será duramente combatida pelos anabatistas, um grupo da ala radical da Reforma. Para eles a Igreja e o Estado deveriam ser completamente separados.

Nos Estados Unidos da América, a partir dos séculos XVII e XVIII, graças à influência protestante, as esferas de atuação da Igreja e do Estado foram bem definidas. E isso ficou bem delineado na conhecida primeira emenda constitucional: “O Congresso não promulgará nenhuma lei a respeito da oficialização de alguma religião, nem da proibição de seu livre exercício”.⁴ Essa sem dúvida foi uma grande conquista para os

idealistas cristãos e para as minorias religiosas. Todavia, com o aumento do pluralismo cultural e religioso, a letra dessa lei tem sido desafiada.

Os legisladores americanos têm invocado a redação da primeira emenda para legalizar, por exemplo, a união entre pessoas do mesmo sexo. Alguns estados americanos com população majoritariamente cristã e que possuíam leis específicas contra a união homossexual, tiveram suas leis revogadas por decisão da Suprema Corte. Os juízes entenderam que essa restrição dos direitos civis era uma interferência da religião sobre o Estado. O efeito colateral dessa decisão da Suprema Corte foi a volta de um debate acalorado novamente sobre as esferas de atuação dessas duas instituições. Até que ponto o Estado democrático pode interferir sobre os interesses, crenças e desejos de uma população majoritariamente cristã?

Esse conflito não ficou restringido à outra América; recentemente chegou também ao Brasil. Todos têm conhecimento, pois foi divulgada com enorme destaque pela mídia, a decisão do Supremo Tribunal Federal no sentido de obrigar os cartórios a casarem homossexuais. O Supremo legislou, que não é competência sua, por conta do vazio na legislação brasileira sobre esse assunto. Em um país majoritariamente “cristão” como o Brasil, essa decisão da Suprema Corte brasileira teve enorme eco social. Aqui, como nos Estados Unidos, o questionamento da interferência do Estado sobre questões morais e religiosas se tornou o foco principal dos debates. A bancada evangélica no Congresso, juntamente com a bancada católica, tem procurado mecanismos que façam prevalecer os ideais cristãos esposados na Bíblia. Nesses últimos anos a luta tem se acirrado.

Pois bem, que princípios podem ser adotados em relação ao dualismo igreja-estado, a fim de que se estabeleça uma cosmovisão cristã? Acredito que as ideias do teólogo Wayne Grudem ajudem nesse assunto. Primeiramente, Grudem fala do que denomina *Cinco Visões Equivocadas a Respeito de Cristianismo e Governo*.⁵ Vou apenas sintetizar as ideias de Grudem.

1. O governo deve impor a religião.

- a. Jesus fez distinção entre o Reino de Deus e o de César (Mt 22.20,21).
- b. Jesus não tentou obrigar as pessoas a crer nEle (Lc 9.52-54).
- c. Não há como impor a fé autêntica (Mt 11.28-30; At 28.23; Rm 10.9,10; Ap 22.17).

2. O governo deve excluir a religião.
 - a. O equívoco está em fazer distinção entre uma lei e o conteúdo da lei.
 - b. O equívoco está em não levar em conta a vontade do povo.
 - c. O equívoco está em transformar liberdade religiosa em ausência de religião.
 - d. O equívoco se dá em restringir indevidamente a liberdade religiosa e a liberdade de expressão.
 - e. O equívoco está no afastamento do governo dos ensinamentos de Deus sobre o bem e o mal.
3. Todos os governos são perversos e demoníacos.
 - a. É fundamentada numa visão equivocada de Lucas 4.6.
 - b. Esse entendimento acaba por criar uma equivalência moral entre bons e maus governos.
 - c. Rejeita o poder imposto como algo mundano.
4. A igreja deve se dedicar ao evangelho, e não a política.
 - a. Fundamenta-se numa visão muito limitada do que seja “evangelho” e Reino de Deus.
 - b. Não leva em conta que o “evangelho todo” inclui uma transformação da sociedade.
 - c. Não leva em conta que tanto a igreja como o governo foram instituídos por Deus para refrear o mal (Rm 13.1-7).
 - d. Não leva em conta a influência positiva sobre governos exercida por cristãos ao longo da história.
5. A igreja deve se dedicar à política, e não ao evangelismo
 - a. Busca apenas a mudança cultural negligenciando a espiritual.
 - b. Cria apenas um evangelho social, preocupado com a fome, pobreza, discriminação e outros males sociais.
 - c. Não leva em conta que mudanças autênticas e duradouras só ocorrerão:
 - Se o coração das pessoas mudar, para que procurem fazer o bem e não o mal. Isso se dá por meio do evangelismo pessoal e do poder do evangelho de Jesus Cristo.

- Se a mente das pessoas mudar, para que suas convicções morais se alinhem de modo mais próximo aos padrões morais de Deus descritos na Bíblia. Isso se dá por meio da conversa e ensino pessoal e do diálogo e debate públicos.
- Se as leis mudarem, para que incentivem de modo mais pleno a boa conduta e castiguem a conduta errada. Isso se dá por meio do envolvimento político dos cristãos.

Voltemos ao texto.

“... porque não há autoridade que não venha de Deus” (13.1). Nos dias de Paulo, o estado de direito já existia — era o gigantesco Império Romano. O teísmo de Paulo o leva a crer que o estado quanto à sua natureza é de origem divina. Isso quer dizer que o apóstolo cria que o princípio de poder exercido pelos governantes tem sua origem em Deus. “Toda autoridade é constituída por Deus” (Rm 13.1). Evidentemente que Paulo aqui não se refere às formas de governos que se revezam ao longo dos séculos, mas ao princípio de autoridade por trás desses governos. Não há base no texto para alegar que Paulo está legitimando os governos autoritários e despóticos. Todavia, está mostrando que Deus, na sua soberania, exerce o seu poder por intermédio dos governantes terrenos.

A declaração do apóstolo que “não há autoridade que não venha de Deus” (13.1) tem validação universal. Todos os governos do mundo estão debaixo da sua autoridade e domínio. A própria história bíblica mostra que Deus usou governantes pagãos para executar os seus propósitos, como por exemplo, os monarcas dos impérios medo-persa e babilônico. Ao rei da Pérsia, Ciro, o Senhor o chamou de “meu ungido”: “Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela sua mão direita, para abater as nações diante de sua face; eu soltarei os lombos dos reis, para abrir diante dele as portas, e as portas não se fecharão” (Is 45.1). A Nabucodonosor, imperador babilônico, Deus o chamou de meu servo: “Eu fiz a terra, o homem e os animais que estão sobre a face da terra, pelo meu grande poder e com o meu braço estendido, e os dou a quem me agrada. E, agora, eu entreguei todas estas terras nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, meu servo, e até os animais do campo lhe dei, para que o sirvam” (Jr 27.5,6).

Essas Escrituras mostram a soberania divina e como Ele está no controle de todas as coisas, contrariamente ao que ensina o novo modismo teológico denominado de “Teísmo Aberto”.⁶

“... e as autoridades que há foram ordenadas por Deus” (13.1). Em seu recente livro *Política segundo a Bíblia — Princípios que todo Cristão Deve Conhecer*, o escritor Wayne Grudem mostra vários princípios sobre o governo civil revelados por Paulo em Romanos 13.1-7. Grudem destaca que:

1. As autoridades que exercem poder governamental foram ordenadas por Deus (vv. 1,2). Essa ideia é confirmada pela declaração de Jesus a Pilatos: “Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada” (Jo 19.11, ARA).
2. Os governos civis são “motivo de temor [...] para os que fazem o mal” (v. 3), o que significa que refreiam o mal por meio de ameaças de castigo nos casos de má conduta. Esse conceito se harmoniza com o que é ensinado em Gênesis 9.5,6.
3. As autoridades dão sua aprovação ou “louvor” àqueles que fazem o bem (v. 3). Além disso, a autoridade civil “é serva de Deus para o teu bem”. Esse versículo indica que o governo tem o papel de promover o bem geral da sociedade. Deve não apenas castigar a má conduta, que contribui para o bem da sociedade.
4. Os funcionários do governo servem a Deus. Paulo diz que os governantes são servos de Deus “para o teu bem” (v. 4; cf. v. 6).
5. Os funcionários do governo fazem o “bem” quando realizam seu trabalho. Paulo diz que a autoridade governamental “é serva de Deus para o teu bem” (v. 4). Portanto, em geral, devemos considerar as atividades do governo ao recompensar o bem e castigar o mal como algo “bom”, conforme a Palavra de Deus. Temos aqui mais um motivo para ser gratos a Deus pelo governo civil.
6. Isso não significa, porém, que devemos considerar bom *tudo* o que um governante faz! João Batista repreendeu Herodes “por todos os *males* que fizera” (Lc 3.19). Daniel disse a Nabucodonosor: “abandona os teus pecados, praticando a justiça” (Dn 4.27). O Antigo Testamento traz diversos relatos de reis que fizeram “o que era mal perante o Senhor” (1 Rs 11.6, etc.). Portanto, é apropriado dizer que os governantes fazem o “bem” quando cumprem suas

responsabilidades com justiça e imparcialidade, segundo os princípios de Deus para o governo.

7. As autoridades governamentais executam a ira de Deus sobre os malfeitores e, desse modo, aplicam a *punição*, como fica evidente na declaração de Paulo de que “não é sem razão que [a autoridade] traz a espada”.⁷

Romanos 13.8-10

A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros; porque quem ama aos outros cumpriu a lei. Com efeito: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não cobiçarás, e, se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não faz mal ao próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor. E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos, pois, as obras das trevas e vistamo-nos das armas da luz. Andemos honestamente, como de dia, não em glotonarias, nem bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências.

Deveres Sociais, Morais e Espirituais — Mandamentos Verticalizados e Horizontalizados

“A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros; porque quem ama aos outros cumpriu a lei” (13.8). Tendo tratado dos deveres de natureza civil, o apóstolo passa agora a tratar dos deveres de ordem social. Em um primeiro plano, Paulo mostra que o cristão deve ser um exemplo em honrar qualquer compromisso assumido. Lembro-me de que há mais de trinta anos eu viajava em um ônibus intermunicipal. Na metade do percurso, observei que bem perto de mim o cobrador daquele ônibus discutia com um passageiro. Aquele passageiro se recusava pagar a passagem porque dizia ser um servo de Deus. O cobrador, um velho conhecido meu, dirigiu-se a mim e perguntou-me se era correto um “crente” viajar sem pagar a sua passagem. Imediatamente veio-me à mente este versículo de Romanos 13.8: “A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor”. Aquele irmão ficou extremamente chateado com o que eu acabara de falar. Posteriormente, encontrei aquele cobrador outra vez e

ele me disse que já era uma prática daquele cidadão andar nos ônibus e não querer pagar alegando ser um servo de Deus.

Pois bem, a lei máxima que deve regular os relacionamentos horizontalizados, isto é, entre pessoas, é a lei do amor. Não se trata de um poder coercitivo externo, mas a lei que brota do coração regenerado por Deus. É evidente que Paulo não tinha em mente limitar o crédito do cristão perante credores, mas mostrar-lhes que a dívida que todos deveriam ter sempre era a de amar uns aos outros. Alguns intérpretes destacam o fato de que Paulo cita aqui a segunda tábua da lei, que continha os preceitos reguladores dos relacionamentos humanos. Todos esses preceitos serão observados na íntegra se a lei do amor for posta em prática.

“E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto de nós do que quando aceitamos a fé” (13.11). Os versículos 11 ao 14 fazem um apelo à santidade cristã. Paulo havia falado sobre os deveres do crente em relação ao estado. Esse cristão não devia esquecer que possuía direitos e deveres em relação à sociedade civil. Agora deveria lembrar-se também de que outro aspecto de sua cidadania era a celestial. O cristão, acima de tudo, é um cidadão dos céus e como tal deve andar de acordo com os padrões desse Reino.

¹ HENDRIKSEN, William. *Romanos — Comentário Novo Testamento*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011.

² REALI, Geovani. *História da Filosofia*. 3 vol. Editora Paulus.

³ ELWELL, Walter. *Enciclopédia Histórico — Teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1992.

⁴ Idem. p. 301.

⁵ GRUDEM, Wayne. *Política segundo a Bíblia — Princípios que todo Cristão Deve Conhecer*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

⁶ Bruce A. Ware explica que o teísmo aberto “é assim denominado pelo fato de seus adeptos verem grande parte do futuro como algo que está em ‘aberto’, e não fechado, mesmo para Deus. Boa parte do futuro está ainda indefinida e, consequentemente, Deus o desconhece. Deus conhece tudo o que pode ser conhecido, asseguramos os teístas abertos. Mas livres escolhas e ações futuras, por não terem ocorrido ainda, não existem e, desse modo, Deus (até mesmo Deus) não pode conhecê-las. Deus não conhece o que não existe — afirmam eles — e, uma vez que o futuro não existe, Deus não pode conhecê-lo agora. Mais especificamente, Ele não pode conhecer, de antemão, uma grande parte do futuro que virá à tona à medida que

criaturas livres decidirem e fizerem tudo segundo lhes aprouver. Em conformidade com isso, momento após momento Deus aprende o que fazemos, e seus planos devem constantemente se ajustar ao que acontece de fato, na medida em que isso for diferente do que Ele previu” (WARE, Bruce A. *Teísmo Aberto — A Teologia de um Deus Limitado*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2010, p. 14, 15). Nessa perspectiva, Deus é limitado e não está no controle de tudo.

⁷ GRUDEM, Wayne. *Política segundo a Bíblia — Princípios que todo Cristão Deve Conhecer*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2014.

Capítulo

11

A TOLERÂNCIA DA GRAÇA

Romanos 14.1-12

Ora, quanto ao que está enfermo na fé, recebei-o, não em contendas sobre dúvidas. Porque um crê que de tudo se pode comer, e outro, que é fraco, come legumes. O que come não despreze o que não come; e o que não come não julgue o que come; porque Deus o recebeu por seu. Quem és tu que julgas o servo alheio? Para o seu próprio senhor ele está em pé ou cai; mas estará em firme, porque poderoso é Deus para o firmar. Um faz diferença entre dia e dia, mas outro julga iguais todos os dias. Cada um esteja inteiramente seguro em seu próprio ânimo. Aquele que faz caso do dia, para o Senhor o faz. O que come para o Senhor come, porque dá graças a Deus; e o que não come para o Senhor não come e dá graças a Deus. Porque nenhum de nós vive para si e nenhum morre para si. Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. De sorte que, ou vivamos ou morramos, somos do Senhor. Foi para isto que morreu Cristo e tornou a viver; para ser Senhor tanto dos mortos como dos vivos. Mas tu, por que julgas teu irmão? Ou tu, também, por que desprezas teu irmão? Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo. Porque está escrito: Pela minha vida, diz o Senhor, todo joelho se dobrará diante de mim, e toda língua confessará a Deus. De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus.

Buscando a Maturidade

“Ora, quanto ao que está enfermo na fé, recebei-o, não em contendas sobre dúvidas” (14.1). O apóstolo introduz aqui uma nova discussão — o relacionamento entre crentes maduros e imaturos. Essa seção revelará como deve ser o convívio entre os “fracos” e os “fortes” na fé. Essa não é uma peculiaridade da igreja de Roma. Nenhuma igreja é nivelada,

possuindo somente crentes fortes ou somente crentes fracos. Essas duas modalidades de crentes estão presentes em qualquer discipulado cristão. Às vezes incorremos no erro de achar que a igreja deve ter somente os “fortes”, e acabamos relegando os débeis na fé para segundo plano. Diante de Deus todos são importantes. O que precisamos ter é amor e paciência para descer até ao nível do irmão mais fraco para ajudá-lo a crescer.

O cristão “débil”, tradução do grego *astheneo*, possui o sentido de “fraco”, “doente”. Esse termo era usado tanto para enfermidades físicas como espirituais (Lc 5.15; 1 Co 11.30). Godet destaca que o sentido nesse texto é de alguém que enfraquece num dado momento e num caso especial.¹ Já destacamos que a igreja de Roma era formada por judeus e em grande maioria por gentios. O problema não era com os gentios adotando práticas pagãs, pois não vemos aqui as mesmas recomendações que Paulo deu à igreja gentílica de Corinto (1 Co 8). Os judeus — com suas tradições milenares, como por exemplo, a observância de vários ritos cerimoniais — eram mais propensos a entrar em choque com a nova fé. Toda essa carga cultural vinha junto quando um deles se convertia ao evangelho. Como conciliar a tradição com os princípios do evangelho? Evidentemente que essa foi sem dúvida uma fonte de tensão na igreja de Roma. Não se tratava de uma prática judaizante, pois não vemos o apóstolo enfatizando isso em seu discurso como fez, por exemplo, com a igreja da Galácia. A referência à guarda de dias especiais e a observância a regras alimentares se ajusta melhor com a cultura judaica.

Esse conflito estava gerando debates acalorados na igreja, e essas “opiniões” (gr. *dialogismos*) estavam gerando muitos questionamentos. Em qualquer igreja viva, onde há a presença de novos manifestos, esses questionamentos aparecem. A orientação apostólica é no sentido de que isso não venha a causar tropeço naquele que é mais fraco. À propósito, lembro-me de que quando eu e minha família recebemos Jesus como Salvador nos anos 80, um amigo nosso também se converteu. Ele era muito dinâmico e possuía o hábito de tudo questionar. Ele não questionava por questionar, mas por queria saber de tudo de forma muito rápida. Nesse propósito ele se debruçou na leitura da Bíblia. Certa noite, ele chegou em nossa casa com uma pergunta. Dirigindo-se a meu irmão, perguntou: “De onde veio Deus?” Meu irmão, que havia se convertido alguns meses antes, respondeu que Deus não tinha origem, visto que era isso o que a Bíblia afirmava em Salmos 90.2: “Antes que os montes nascessem, ou que tu

formasses a terra e o mundo, sim, de eternidade a eternidade, tu és Deus”. Aquele amado irmão não se deu por satisfeito porque, segundo ele, também havia lido na Bíblia que “Deus veio de Temã” (Hc 3.3). Estava formada a polêmica! Por cerca de uma hora eles discutiram de forma acalorada. Eu ficava apenas observando de longe. Em determinado momento, já com os ânimos alterados, meu irmão pediu que nosso amigo se retirasse para sua casa. Dias depois procuramos aquele irmão para uma reconciliação. Mais de trinta anos já se passaram e continuamos amigos.

Não tenho dúvidas de que em Roma havia também debates assim.

“Porque um crê que de tudo se pode comer, e outro, que é fraco, come legumes” (14.2). Aqui o crente “forte” aparece como aquele que acredita que está livre para comer de tudo. De acordo com o versículo 21, o comer carne está em evidência nessa discussão. Por outro lado, o crente “débil” não possuía estrutura para fazer o mesmo que seu irmão mais “forte” fazia. Em vez disso, ele ficava escandalizado. Mudou o cardápio, mas as controvérsias continuam hoje. Conheci um estimado irmão em Cristo que não conseguia usar camisa de mangas curtas porque achava que as mesmas o deixavam mundano. Outro achava que crente nenhum devia ir à praia. Isso parece tolice, mas são fatos reais e que precisam ser vistos com amor para que não haja um aleijão na formação cristã.

“O que come não despreze o que não come; e o que não come não julgue o que come; porque Deus o recebeu por seu” (14.3). Aqui está o ponto de equilíbrio — o respeito pelas convicções de cada um. Paulo não entra em um juízo de valor, decidindo por um dos lados. Mas procura mostrar que acima de tudo a lei do amor fraternal deve imperar nesses casos. O que comia carne não deveria desprezar o que não comia e o que não comia carne também não deveria desprezar o que comia. À propósito, lembro que no início da minha fé éramos exortados a não usar bermudas e jogar futebol. Agora imagine que nesse tempo eu tinha 18 anos e jogava em um time de futebol amador. Sofri por conta da força do hábito, mas me ajustei às normas da igreja naqueles dias. Tantos anos se passaram que não sinto nem a falta da bermuda nem tampouco do futebol.² Hoje eu sei que esses usos e essas práticas não são pecaminosas em si e nunca foram. Mas como obediência à comunidade que abracei naqueles dias, abandonei essas práticas.

“Um faz diferença entre dia e dia, mas outro julga iguais todos os dias. Cada um esteja inteiramente seguro em seu próprio ânimo” (14.5). Os comentaristas destacam

que o prosélito tinha por hábito considerar sagrado alguns dias, como por exemplo, o Dia da Expição. Evidentemente que isso estava fixo de tal forma em sua mente que a não observância era um motivo de escândalo. Todavia, um novo convertido vindo do paganismo rejeitava essa prática por não achá-la mais necessária.³ Elvis Carballosa, em seu comentário de Romanos, observa que a ideia aqui é a de que qualquer prática cristã deve visar à glória de Deus.⁴ Evidentemente que aqui não está em foco a guarda do sábado como fazem determinados grupos heterodoxos em nossos dias, pois Paulo tinha convicção de que essa prática era apenas uma sombra que se cumpriu em Cristo (Cl 2.16).

“Mas tu, por que julgas teu irmão? Ou tu, também, por que desprezas teu irmão? Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo” (14.10). Há algumas coisas que são centrais na fé cristã enquanto outras são periféricas. A maioria das controvérsias entre irmãos em Cristo se dá por conta de coisas não essenciais. Muitos debates se fundamentam em futilidades sem fundamentação bíblica. O grande humanista do século XVI, Erasmo de Roterdã, em sua avassaladora sátira ao catolicismo medieval, mostrou esse fato com uma retórica impecável: “Escutei outro igualmente divertido: era um velho octogenário, teólogo da cabeça aos pés, e tão teólogo que o teriam tomado por Scotus ressuscitado. Explicando um dia o mistério do nome de Jesus, ele demonstrou com maravilhosa sutileza que tudo o que se pode dizer do divino Salvador está oculto nas letras do seu nome: ‘De fato, dizia, o nome de Jesus em latim tem apenas três casos, o que designa claramente as três pessoas da Santíssima Trindade. Observai, além disso, que o nominativo termina em *S*, *JesuS*, o acusativo em *M*, *JesuM*, e o ablativo em *U*, *JesU*. Ora, essas três terminações, *S*, *M*, *U*, encerram um mistério inefável; pois, sendo as primeiras letras das três palavras latinas *Summum* (zênite), *Medium* (centro) e *Ultimum* (nadir), elas significam claramente que Jesus é o princípio, o centro e o fim de todas as coisas’. Restava ainda um mistério bem mais difícil de explicar que todos esses, mas nosso doutor encontrou uma solução inteiramente matemática. Ele dividiu a palavra Jesus em duas partes iguais, de maneira que a letra *S* ficou sozinha no meio. ‘Essa letra *S*, disse em seguida, que suprimimos do nome de Jesus, chama-se *Syn* entre os hebreus; ora, *Syn* é uma palavra escocesa que, ao que eu saiba, significa pecado. Isso nos mostra então claramente que foi Jesus que tirou o pecado do mundo’. Todos os ouvintes, sobretudo os teólogos, atentos a um exórdio tão maravilhoso, estavam paralisados de admiração;

por pouco não teriam se transformado em pedra como outrora Níobe, depois que Apolo matou seus filhos. [...] Mas nossos sábios doutores [...] julgam que esses preâmbulos, como os chamam, são obras-primas de eloquência quando neles nada se pode perceber que os ligue ao resto do discurso, e quando o ouvinte, cheio de espanto e admiração, pergunta a si próprio: ‘Onde ele quer chegar?’”.⁵

Romanos 14.13-23

Assim que não nos julguemos mais uns aos outros; antes, seja o vosso propósito não pôr tropeço ou escândalo ao irmão. Eu sei e estou certo, no Senhor Jesus, que nenhuma coisa é de si mesma imunda, a não ser para aquele que a tem por imunda; para esse é imunda. Mas, se por causa da comida se contrista teu irmão, já não andas conforme o amor. Não destruas por causa da tua comida aquele por quem Cristo morreu. Não seja, pois, blasfemado o vosso bem; porque o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo. Porque quem nisto serve a Cristo agradável é a Deus e aceito aos homens. Sigamos, pois, as coisas que servem para a paz e para a edificação de uns para com os outros. Não destruas por causa da comida a obra de Deus. É verdade que tudo é limpo, mas mal vai para o homem que come com escândalo. Bom é não comer carne, nem beber vinho, nem fazer outras coisas em que teu irmão tropece, ou se escandalize, ou enfraqueça. Tens tu fé? Tem-na em ti mesmo diante de Deus. Bem-aventurado aquele que não se condena a si mesmo naquilo que aprova. Mas aquele que tem dúvidas, se come, está condenado, porque não come por fé; e tudo o que não é de fé é pecado.

Desmamando a Criança

“Assim que não nos julguemos mais uns aos outros; antes, seja o vosso propósito não pôr tropeço ou escândalo ao irmão” (14.13). Essa seção de Romanos 14.13-23 mostra que tolerância, crescimento e conhecimento devem andar juntos. Paulo já deixou claro que a responsabilidade de manter a fraternidade cristã é responsabilidade tanto do crente “fraco” como do “forte”. A passagem de Gênesis 21.8 serve como metáfora que ilustra a necessidade do crescimento. Isaque cresceu e foi desmamado. Todos nascemos como bebês em Cristo, e nessa fase de nossa vida adotamos alguns comportamentos que são peculiares a essa faixa-etária. Não há nada errado com isso. Todavia, chegará o dia em que precisaremos ser desmamados! A. W. Tozer mostrou que precisamos sair da infância espiritual e crescer. O cristão que não cresce é carnal. Tozer mostra algumas características do crente carnal: egocêntrico, temperamental,

dependente de fatores externos, carente de propósitos, improdutivo, alheio as próprias falhas e alimenta-se com restrição.⁶

É preciso, portanto, tirar a mamadeira do crente. Warren W. Wiersbe comentou com muita propriedade: “Tanto o cristão mais forte quanto o mais fraco precisam crescer. O mais forte precisa crescer em amor, enquanto o mais fraco precisa crescer em conhecimento. Enquanto um irmão for débil na fé, devemos tratá-lo com amor em meio a sua imaturidade. No entanto, se realmente o amarmos, o ajudaremos a crescer. É errado um cristão permanecer imaturo e com consciência hipersensível [...] Os cristãos recém-convertidos precisam de comunhão que os proteja e estimule seu crescimento. No entanto, não podemos tratá-los como ‘bebês’ a vida toda! Os cristãos mais velhos devem usar de amor e paciência e cuidar para não fazê-los tropeçar. Todavia, esses cristãos mais novos devem crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo (2 Pe 3.18)”.⁷

Romanos 15.1-13

Mas nós que somos fortes devemos suportar as fraquezas dos fracos e não agradar a nós mesmos. Portanto, cada um de nós agrade ao seu próximo no que é bom para edificação. Porque também Cristo não agradou a si mesmo, mas, como está escrito: Sobre mim caíram as injúrias dos que te injuriavam. Porque tudo que dantes foi escrito para nosso ensino foi escrito, para que, pela paciência e consolação das Escrituras, tenhamos esperança. Ora, o Deus da paciência e consolação vos conceda o mesmo sentimento uns para com os outros, segundo Cristo Jesus, para que concordes, a uma boca, glorifiquéis ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, recebei-vos uns aos outros, como também Cristo nos recebeu para glória de Deus. Digo, pois, que Jesus Cristo foi ministro da circuncisão, por causa da verdade de Deus, para que confirmasse as promessas feitas aos pais; e para que os gentios glorifiquem a Deus pela sua misericórdia, como está escrito: Portanto, eu te louvarei entre os gentios e cantarei ao teu nome. E outra vez diz: Alegrai-vos, gentios, com o seu povo. E outra vez: Louvai ao Senhor, todos os gentios, e celebrai-o todos os povos. E outra vez diz Isaías: Uma raiz em Jessé haverá, e, naquele que se levantar para reger os gentios, os gentios esperarão. Ora, o Deus de esperança vos encha de todo o gozo e paz em crença, para que abundeis em esperança pela virtude do Espírito Santo.

Cristãos Amadurecidos

“Mas nós que somos fortes devemos suportar as fraquezas dos fracos e não agradar a nós mesmos” (15.1). O contexto de Romanos 14 mostra o apóstolo

falando sobre os “fracos” em contraste com os “fortes”. Somente aqui em Romanos 15.1 aparece pela primeira vez nessa seção a palavra “forte” em referência aos cristãos mais maduros na fé. A palavra “forte” traduz o termo grego *dynatos*, que nesse contexto tem o sentido de cristãos mais firmes ou amadurecidos.⁸ O contexto revela que esses crentes mais “fortes”, entre os quais o apóstolo se incluiu, eram aqueles que haviam compreendido o sentido da Nova Aliança em Cristo. Para esses cristãos, os rudimentos do antigo pacto já haviam passado, não sendo exigido deles nenhuma observância quanto aos seus preceitos. Para os crentes mais “fracos”, formado por judeus vindos do judaísmo e convertidos ao cristianismo, o desapego a essas tradições não era tão fácil assim.

Nessa situação, aqueles crentes que já possuíam um maior discernimento da fé cristã deveriam demonstrar amor e paciência para com esses crentes mais lentos na fé. Eles deveriam suportar as fraquezas dos mais fracos. Paulo já havia escrito sobre esse assunto na Carta aos Gálatas, quando exortou os crentes da Galácia: “Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6.2). Há um momento na nossa caminhada cristã em que precisamos levar o outro nas costas, talvez não por muito tempo, mas enquanto for necessário.

“Porque também Cristo não agradou a si mesmo, mas, como está escrito: Sobre mim caíram as injúrias dos que te injuriavam” (15.3). Paulo mostra que o exemplo máximo de tolerância veio do Senhor Jesus Cristo. Essa lição já havia sido mostrada pelo apóstolo em Romanos 5.8: “Mas Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”. Ora, se Cristo nos amou na condição de pecadores, totalmente rebelados contra Deus, então por que não deveríamos suportar as debilidades dos mais fracos? Todos nós conhecemos alguma história envolvendo cristãos que no início da fé demonstraram lentidão no seu crescimento espiritual e como a paciência e o amor de quem o discipulou ajudou nesse processo.

“Portanto, recebei-vos uns aos outros, como também Cristo nos recebeu para glória de Deus” (15.7). Paulo se dirige diretamente aos cristãos de origem gentílica. Ele pede que eles olhem para sua própria história. Eles não faziam parte da oliveira verdadeira, como já havia sido demonstrado em Romanos 9—11, mas graças à misericórdia e bondade de Deus, haviam sido enxertados. Agora estavam produzindo frutos para a vida eterna. Por que não esperar pelos seus irmãos que demonstravam um pouco de lentidão na compreensão das verdades espirituais? Eles deveriam aprender com

a própria Escritura que mostrava como a misericórdia de Deus o levou a acolhê-los no plano da salvação. Era uma lição para não ser esquecida.

¹ RIENECKER, Fritz. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Editora Vida Nova.

² Vejo o futebol como uma manifestação cultural como tantas outras. Todavia, é inegável que hoje há um culto ao desporto e o futebol está inserido nesse contexto. É lamentável vermos estádios, verdadeiros templos do esporte, lotados, e templos cristãos vazios. Isso é mais visível na Europa, onde há um culto ao esporte. Esse fato é demonstrado com precisão no livro *La Postmodernidad*, do escritor Antonio Cruz.

³ ALLEN, Leslie C. *Romanos — Comentario Bíblico NVI*. São Paulo: Editora Vida, 2009.

⁴ CARBALLOSA, Elvis L. *Romanos — Una Orientacion Expositiva y Practica*. Grand Rapids, Michigan: Editorial Porta Voz.

⁵ ROTERDÃ, Erasmo. *Elogio da Loucura*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

⁶ TOZER, A. W. *Recuperando o Cristianismo — O Resgate da Verdadeira Fé*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2014.

⁷ WIERSBE, W. Warren. *Romanos — Comentário Bíblico Expositivo*. Rio de Janeiro: Editora Geográfica, 2008.

⁸ LIDDELL, H. G. & SCOTT, R. *Greek-English Lexicon*. Oxford: Claredon Press, 1996.

Capítulo 12

UMA GRAÇA ALÉM-MAR

Romanos 15.14-21

Eu próprio, meus irmãos, certo estou, a respeito de vós, que vós mesmos estais cheios de bondade, cheios de todo o conhecimento, podendo admoestar-vos uns aos outros. Mas, irmãos, em parte vos escrevi mais ousadamente, como para vos trazer outra vez isto à memória, pela graça que por Deus me foi dada, que eu seja ministro de Jesus Cristo entre os gentios, ministrando o evangelho de Deus, para que seja agradável a oferta dos gentios, santificada pelo Espírito Santo. De sorte que tenho glória em Jesus Cristo nas coisas que pertencem a Deus. Porque não ousaria dizer coisa alguma, que Cristo por mim não tenha feito, para obediência dos gentios, por palavra e por obras; pelo poder dos sinais e prodígios, na virtude do Espírito de Deus; de maneira que, desde Jerusalém e arredores até ao Ilírico, tenho pregado o evangelho de Jesus Cristo. E desta maneira me esforcei por anunciar o evangelho, não onde Cristo houvera sido nomeado, para não edificar sobre fundamento alheio; antes, como está escrito: Aqueles a quem não foi anunciado o verão, e os que não ouviram o entenderão.

Cosmovisão Missionária

“Eu próprio, meus irmãos, certo estou, a respeito de vós, que vós mesmos estais cheios de bondade, cheios de todo o conhecimento, podendo admoestar-vos uns aos outros” (15.14). Em Romanos 1.8, o apóstolo havia reconhecido o valor da fé dos crentes de Roma. Aqui novamente ele os trata com afeto, chamando-os de “irmãos” ao mesmo tempo em que reconhece serem eles possuidores das virtudes cristãs. Eles estavam possuídos de bondade, cheios de conhecimento e aptos para se exortarem mutuamente.

“Porque não ousaria dizer coisa alguma, que Cristo por mim não tenha feito, para obediência dos gentios, por palavra e por obras” (15.18). A partir desse ponto, Paulo acha oportuno mostrar a dimensão missionária do seu projeto evangelístico. Esse projeto havia alcançado os pontos mais extremos da bacia mediterrânea. Lucas registrou em detalhes como se deu esse avanço evangelístico ao registrar as três viagens missionárias de Paulo. Vejamos um esboço dessa gigantesca obra:

1. A primeira viagem missionária

- 1.1. Uso da Palavra de Deus como instrumento de evangelização — “E, chegados a Salamina, anunciavam a palavra de Deus” (At 13.5).
- 1.2. Consciência da realidade do mal — “Ó filho do diabo, cheio de todo o engano...” (At 13.10).
- 1.3. Reconhecimento da necessidade do preparo missionário — “Mas João, apartando-se deles, voltou para Jerusalém” (At 13.13).
 - 1.3.1. O Espírito recepcionado (At 13.52).
 - 1.3.2. O Espírito demonstrado (At 14.3).
 - 1.3.3. Reconhecimento da dimensão humana da missão (At 14.6).
 - 1.3.4. Constituição de líderes autóctones (At 14.21-23).
 - 1.3.5. O perigo da fragmentação (At 15.1).
 - 1.3.6. A busca pela padronização (At 15.28,29).

2. A segunda viagem missionária

- 2.1. O cuidado com o discipulado (At 15.36).
- 2.2. Fundamentação doutrinária dos convertidos (At 16.4,5).
- 2.3. Buscando os povos não alcançados (At 16.6-9).
- 2.4. Zelando pela vida devocional (At 16.13).
- 2.5. Limites na contextualização (At 16.21).
- 2.6. Defendendo os seus direitos civis (At 16.37).
- 2.7. Alcançando diferentes classes sociais (At 17.12).
- 2.8. Defendendo a relevância cultural do evangelho (At 17.16-31).
- 2.9. Gastando-se por missões (At 18.11).

3. A terceira viagem missionária

- 3.1. A busca pelo trabalho em equipe (At 18.24-28).

- 3.2. Manutenção dos símbolos pentecostais (At 19.1-6).
- 3.3. Mostrar o caráter pedagógico do evangelho (At 19.9).
- 3.4. Viver um evangelho sem engessamento (At 19.12).
- 3.5. Possuir um coração missionário (At 20.17-35).
- 3.6. O aspecto não clerical do evangelho (At 21.9-11).
- 3.7. Desfrutando do fruto do discipulado (At 21.16).

No Poder do Espírito

“pelo poder dos sinais e prodígios, na virtude do Espírito de Deus; de maneira que, desde Jerusalém e arredores até ao Ilírico, tenho pregado o evangelho de Jesus Cristo” (15.19). Uma das características mais marcantes no apóstolo Paulo é a sua dependência de Deus na realização de seu serviço. Em nenhum momento ele credita o seu êxito ao mérito próprio. Tudo era fruto da graça de Deus. Paulo dissera aos crentes de Corinto que havia trabalhado mais do que todos os apóstolos, mas reconhece que isso só foi possível por conta da graça de Deus derramada em sua vida (1 Co 15.10). Novamente ele reconhece que chegou às regiões mais remotas graças ao poder do Espírito Santo que estava em sua vida. A incursão missionária de Paulo não se deu apenas em palavras, mas, sobretudo, por meio de sinais e prodígios, e pelo poder do Espírito Santo. Nenhuma obra missionária terá êxito se não for acompanhada pela ação soberana do Espírito Santo.

O avanço do pentecostalismo clássico pelo mundo afora foi marcado pela poderosa ação do Espírito Santo. Basta citarmos os missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren, que trouxeram as Assembleias de Deus para o Brasil, para constatarmos esse fato. O Diário de Vingren contém relatos de sinais e prodígios que o Espírito Santo realizou por seu intermédio. O próprio envio sobrenatural, a partir de uma palavra profética que os ajudou a localizar no mapa-múndi a palavra “Pará” como um local situado no Norte do Brasil, comprova isso.¹ Mas não são somente os fatos relacionados à chamada dos missionários suecos para o Brasil que atestam a operação do Espírito do Senhor no pentecostalismo brasileiro. A nossa história está permeada de intervenções sobrenaturais operacionalizadas pelo Espírito Santo.²

Romanos 15.22-29

Pelo que também muitas vezes tenho sido impedido de ir ter convosco. Mas, agora, que não tenho mais demora nestes sítios, e tendo já há muitos anos grande desejo

de ir ter convosco, quando partir para a Espanha, irei ter convosco; pois espero que, de passagem, vos verei e que para lá seja encaminhado por vós, depois de ter gozado um pouco da vossa companhia. Mas, agora, vou a Jerusalém para ministrar aos santos. Porque pareceu bem à Macedônia e à Acaia fazerem uma coleta para os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém. Isto lhes pareceu bem, como devedores que são para com eles. Porque, se os gentios foram participantes dos seus bens espirituais, devem também ministrar-lhes os temporais. Assim, que, concluído isto, e havendo-lhes consignado este fruto, de lá, passando por vós, irei à Espanha. E bem sei que, indo ter convosco, chegarei com a plenitude da bênção do evangelho de Cristo.

Planejamento Missionário

“Mas, agora, que não tenho mais demora nestes sítios, e tendo já há muitos anos grande desejo de ir ter convosco, quando partir para a Espanha, irei ter convosco; pois espero que, de passagem, vos verei e que para lá seja encaminhado por vós, depois de ter gozado um pouco da vossa companhia” (15.23,24). Os intérpretes da Bíblia estão convencidos de que uma das razões que levou Paulo a escrever sua carta era o seu desejo de fazer de Roma uma base missionária. Dentro desse propósito, Paulo tratou de muitos temas teológicos de extrema relevância para os cristãos romanos. Chegara o momento de expor o desejo que inflamava seu coração — levar à frente a obra missionária e chegar com ela até a Espanha.

O apóstolo possuía um coração voltado para missões. Quando o Espírito Santo escolheu os primeiros missionários na igreja de Antioquia, Paulo estava entre eles. Na verdade, foi por intermédio dele que o Espírito do Senhor deu início ao movimento missionário da igreja. Acredito ser oportuno verificarmos alguns princípios missionários que encontramos no envio de Paulo e Barnabé a partir de Antioquia.

O capítulo 13 do livro de Atos dos Apóstolos é emblemático por várias razões. É nesse capítulo que a igreja, de uma forma organizada, envia seus primeiros missionários (At 13.1-13). É verdade que antes de Antioquia houve investidas missionárias, como por exemplo, a ida de Filipe à cidade de Samaria (At 8.5). Contudo, a ida de Filipe à terra dos samaritanos não aconteceu em decorrência de uma mobilização da igreja como aconteceu em Antioquia.

Na igreja que estava em Antioquia havia alguns profetas e doutores, a saber: Barnabé, e Simeão, chamado Níger, e Lúcio, Cireneu, Manaém, que fora criado

com Herodes, o tetrarca, e Saulo. E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando, e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram. E assim estes, enviados pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre. E, chegados a Salamina, anunciavam a palavra de Deus nas sinagogas dos judeus; e tinham também a João como cooperador. E, havendo atravessado a ilha até Pafos, acharam um certo judeu, mágico, falso profeta, chamado Barjesus, o qual estava com o procônsul Sérgio Paulo, varão prudente. Este, chamando a si Barnabé e Saulo, procurava muito ouvir a palavra de Deus. Mas resistia-lhes Elimas, o encantador (porque assim se interpreta o seu nome), procurando apartar da fé o procônsul. Todavia, Saulo, que também se chama Paulo, cheio do Espírito Santo e fixando os olhos nele, disse: Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor? Eis aí, pois, agora, contra ti a mão do Senhor, e ficarás cego, sem ver o sol por algum tempo. No mesmo instante, a escuridão e as trevas caíram sobre ele, e, andando à roda, buscava a quem o guiasse pela mão. Então, o procônsul, vendo o que havia acontecido, creu, maravilhado da doutrina do Senhor. E, partindo de Pafos, Paulo e os que estavam com ele chegaram a Perge, da Panfília. Mas João, apartando-se deles, voltou para Jerusalém. (At 13.1-13)

Sendo que a Igreja Primitiva é o nosso modelo e que o livro de Atos deve servir de paradigma para a igreja contemporânea, faz-se necessário atentarmos para as lições que esse texto traz.

Em primeiro lugar, missões se faz com fundamentação. Missões se faz no contexto de uma igreja local. É ela que fundamenta as missões — “Havia na igreja de Antioquia”. Podemos ler esse texto na sua ordem invertida e teremos: “Em Antioquia havia uma igreja”. Foi nessa igreja que aconteceu o envio dos primeiros missionários. Missões acontece no contexto de uma igreja. É a igreja que gera missionários e é a partir dela que eles são enviados. Sem igreja não há missões. Hoje tenho observado que há uma terceirização do movimento missionário que sai da esfera da igreja para uma esfera simplesmente institucional, como por exemplo, uma Convenção. As Convenções são importantes, mas a responsabilidade de gerar missões não é delas. Convenção não é igreja! Essa missão é da igreja local. Se a igreja local não se envolver com missões, então nada feito.

Em segundo lugar, missões se faz sob inspiração — “Havia na igreja profetas”. Profeta é alguém que fala sob inspiração divina. Paulo, o apóstolo, diz que

quem profetiza edifica a igreja (1 Co14.3). Foi nesse contexto de inspiração divina que o Espírito Santo comissionou os primeiros missionários. Sem inspiração não há missão. Qualquer igreja que faz missões sem a participação direta do Espírito Santo está fadada ao fracasso! Não tenho dúvida alguma de que em Antioquia a profecia, como ofício e também como dom, estava em operação. Foi essa capacitação profética que permitiu a escolha dos primeiros missionários — Paulo e Barnabé.

Em terceiro lugar, missões é feita com instrução — “Havia na igreja mestres”. A palavra “mestres” (gr. *didaskalos*) vem da mesma raiz da palavra *didaqué*, ensino ou instrução. Se a inspiração é importante para as missões, a instrução da mesma forma. Sem ensino, e ensino bíblico sob a direção do Espírito Santo, não há missões de verdade. Tenho observado muitas pessoas querendo os dons do Espírito e reivindicando-os para o movimento missionário, mas negligenciando a instrução que vem pela Palavra de Deus. O resultado disso são movimentos com muito “pneumatismos”, mas sem nenhuma fundamentação teológica consistente. O resultado disso é o fracasso.

Em quarto lugar, missões é feita com adoração — “E servindo eles ao Senhor”. “Servindo” é a tradução do grego *leitougeo*, de onde procede a palavra portuguesa “liturgia”. É um termo usado para se referir ao culto ou serviço cristão. Nesse contexto significa, sem dúvida alguma, adoração. Eles estavam adorando quando o Espírito Santo os comissionou para fazer missões. É no contexto da adoração cristã que acontecem os despertamentos missionários. Foi assim com o envio dos primeiros missionários oriundos do avivamento da Rua Azusa e foi assim com o envio dos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren para o Brasil. Esses últimos estavam adorando a Deus quando o Espírito Santo os comissionou a viajarem para o Brasil. Hoje nós temos muita música, muito show, mas pouca adoração. Qual é a consequência disso? Um esvaziamento do movimento missionário.

Em quinto lugar, missões é feita com consagração — “E jejuando”. Em todo movimento de avivamento, que desaguou em missões, estão presentes uma volta à Palavra de Deus e à santidade. O que se depreende de uma leitura dos Atos dos Apóstolos é que o jejum era uma prática comum na igreja apostólica (At 13.1-4; At 14.23). O jejum bíblico estava associado à prática da oração, e a oração conduz a uma vida santa. Não se trata de uma questão legalista ou simplesmente um rigorismo ascético. Uma vida piedosa, onde os limites entre o sagrado e o profano são respeitados,

invariavelmente tem como resultado um cristianismo contagiante. Não há dúvidas de que a igreja hodierna perdeu muito da sua piedade pessoal, enveredando por um institucionalismo fossilizado. Não há mais espaço para práticas piedosas, como por exemplo, o jejum. As consequências são sentidas nas tentativas frustradas de fazer missões.

Em sexto lugar, missões é feita com vocação — “Separai-me a Barnabé e Saulo”. Evidentemente que aqui foi o próprio Espírito que vocacionou e selecionou Barnabé e Paulo para a obra missionária. Já disse no livro de minha autoria *As Ovelhas Também Gemem* que a vocação é o pilar sobre o qual se alicerça toda a vida ministerial.³ Todavia, ela vem sempre acompanhada de sua irmã gêmea — a preparação, que também denomino de lapidação. Deus nos vocaciona, mas somos nós que precisamos nos preparar, bíblica ou teologicamente, para melhor servirmos ao nosso Deus. Já conheci diversos movimentos missionários, alguns deles fora do Brasil, e os vi sofrer por conta de obreiros mal preparados e mal treinados. Foram vocacionados, mas não foram lapidados. Alguns se envolveram com mulheres, enquanto outros foram corrompidos pelo dinheiro. Não há dúvidas de que a igreja deve investir no preparo espiritual de seus missionários, mas o mesmo pode ser dito do preparo moral. A prática de uma vida disciplinada evitaria muitos acidentes (1 Tm 4.7).

Em sétimo lugar, missões é feita com adoção — “E impondo-lhes as mãos”. A imposição de mão implicava cuidado, responsabilidade pelo envio. Ao impor as mãos nos missionários, a igreja se comprometia a cuidar deles. Alguém já disse que quando uma pessoa desce para dentro do poço, alguém precisa segurar a corda! Infelizmente a igreja não tem segurado a corda daqueles que têm sido enviados ao campo missionário. É lamentável que o número de patrocinadores da obra missionária diminui ou até mesmo deixa de existir à medida que os resultados demoram a aparecer. Há missionários que trabalham sob pressão, alguns são tentados até mesmo a maquiar relatórios para apresentarem nas suas agências. A igreja deve dar todo apoio espiritual e material a fim de que o missionário possa fazer com alegria a obra para a qual foi comissionado.

Romanos 15.30-33

E rogo-vos, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que combatais comigo nas vossas orações por mim a Deus, para que seja livre

dos rebeldes que estão na Judeia, e que esta minha administração, que em Jerusalém faço, seja bem aceita pelos santos; a fim de que, pela vontade de Deus, chegue a vós com alegria e possa recrear-me convosco. E o Deus de paz seja com todos vós. Amém!

Cobertura Espiritual

“E rogo-vos, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que combatais comigo nas vossas orações por mim a Deus” (15.30). Tendo exposto o seu projeto missionário, Paulo faz um pedido à igreja de Roma — que ela ore por ele. Mas não era uma simples “oração”, e sim uma oração de guerra. A palavra “luteis” traduz o grego *synagonizomai*, que tem o sentido de “lutar junto com alguém”, “ajudar alguém”, “apoiar alguém”.⁴ Isso coloca a oração numa dimensão de conflito espiritual. Na verdade, quando oramos enfrentamos obstáculos (Dn 10.12,13). O apóstolo tencionava ir a Jerusalém cooperar com os crentes daquela localidade, mas havia muitos adversários. Era por essa razão que pedia que os romanos intercedessem por ele.

Um amigo contou-me um acontecimento ocorrido com o pastor Estevam Ângelo de Sousa, o apóstolo do sertão nordestino. Era o final dos anos 40, e Estevam Ângelo de Sousa fazia missões nas cidades piauienses de Luzilândia e Esperantina, Estado do Piauí. O catolicismo era muito forte nessa região, e os fazendeiros locais se valiam de jagunços como instrumento de proteção. Durante o seu trabalho missionário, Estevam ganhou um vaqueiro para Cristo, ficando acertado um culto na casa do novo convertido, que, como a maioria dos nordestinos, era agregado de um fazendeiro.

Pois bem, certo dia quando se preparava para ir dirigir aquele culto, Estevam chamou sua esposa e pediu-lhe oração. Contou-lhe que o Senhor havia lhe mostrado durante uma visão um grande boi partir em sua direção para atacá-lo. Na visão, Estevam disse que derrubava o boi com um soco na cabeça. Entendeu que teria problema durante a realização daquele culto. Despedindo-se da esposa, foi até o local combinado para a realização do culto e ali chegando encontrou muitas pessoas reunidas. Após cantar os primeiros hinos, alguém ao fundo falou em voz grave: “Pare já com essa besteira!”. A voz era de um dos jagunços daquela região. Ele não queria que o culto fosse realizado. O pastor continuou dirigindo o trabalho do Senhor, quando novamente foi interrompido pelo jagunço: “Eu já disse

para parar com essa besteira!” Dessa vez o pastor respondeu dizendo que não estava falando besteira, mas a Palavra de Deus.

Incomodado, o jagunço levantou-se dizendo que ia provar que tudo aquilo era bobagem. Puxando uma faca da cintura, o jagunço se dirigiu em direção ao pastor. Mesmo à distância, o pastor levantou a mão e gritou: “Satanás, eu te repreendo no nome de Jesus”. Naquele momento o homem foi atirado ao chão à vista de todos. O impacto da queda fora grande, e ele não conseguiu mais se levantar. Era o boi que o pastor tinha visto na visão que procuraria atacá-lo. O Diabo caiu por terra. O nome do Senhor foi glorificado. Eu fui pastor naquela região e testemunhei o grande crescimento da obra de Deus ali. Mas tudo começou com o poder da oração.

¹ A tese do “mito fundante” defendida por Gedeon Alencar em seu prestigiado livro *Matriz Pentecostal*, para explicar a vinda dos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren para o Brasil, não me pareceu muito convincente. (ALENCAR, Gedeon F. *Matriz Pentecostal Brasileira — Assembleia de Deus, 1911-2011*. Editora Novos Diálogos)

² Veja um desses testemunhos marcantes em meu livro *Lucas — O Evangelho de Jesus, o Homem Perfeito*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

³ GONÇALVES, José. *As Ovelhas Também Gemem*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

⁴ HAUBECK, Wilfrid & SIEBENTHAL, Heinrich Von. *Nova Chave Linguística do Novo Testamento Grego — Mateus/Apocalipse*. São Paulo: Editora Targumim/Hagnos, 2009.

Capítulo

13

MEMÓRIAS DA GRAÇA

Romanos 16.1,2

Recomendo-vos, pois, Febe, nossa irmã, a qual serve na igreja que está em Cencreia, para que a recebais no Senhor, como convém aos santos, e a ajudeis em qualquer coisa que de vós necessitar; porque tem hospedado a muitos, como também a mim mesmo.

Um Documento Preciosíssimo!

“Recomendo-vos, pois, Febe, nossa irmã, a qual serve na igreja que está em Cencreia” (16.1). Chegou o momento especial de Paulo terminar a carta e apresentar quem a levaria até Roma: uma cristã a quem Paulo chama apenas de Febe. Warren W. Wiersbe destaca que essa foi a encomenda mais preciosa que Febe teve a oportunidade de levar. Febe era de Cencreia, um porto de Corinto. Os intérpretes acreditam que Febe se converteu durante a estadia de Paulo em Corinto, que durou dezoito meses. Ela era uma pessoa de confiança e que ajudava na obra de Deus. Paulo diz que ela “servia” à igreja de Cencreia. A palavra grega para “servir” é a tradução do grego *diakonos*, que tem o sentido de “servir”. Febe auxiliava e ajudava a sustentar a obra ali.

“para que a recebais no Senhor, como convém aos santos, e a ajudeis em qualquer coisa que de vós necessitar; porque tem hospedado a muitos, como também a mim mesmo” (16.2). Paulo destaca que Febe era uma “protetora” de muitos e também dele. O sentido aqui, como destacam os lexicógrafos, é de uma pessoa que não mede esforços para ajudar alguém. Febe, portanto, foi um apoio espiritual, moral e financeiro para o apóstolo em seu projeto missionário.

Estou convencido, e a prática pastoral me dá esse convencimento, de que muito mais poderia ser feito pela obra de Deus se muitas pessoas a quem Deus deu condições privilegiadas se dispusessem a ajudar. Todavia, o que se observa é que quem de fato mais ajuda a igreja são aqueles que pouco tem. São os aposentados, as pensionistas, o trabalhador braçal, etc. Não é a regra, mas há grandes empresários que não se envolvem com nada da igreja que demanda gastos. Ficam olhando de longe. Muitos nem dizimistas conseguem ser. Andam na contramão de Febe.

Romanos 16.3-16

Saudai a Priscila e a Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus, os quais pela minha vida expuseram a sua cabeça; o que não só eu lhes agradeço, mas também todas as igrejas dos gentios. Saudai também a igreja que está em sua casa. Saudai a Epêneto, meu amado, que é as primícias da Ásia em Cristo. Saudai a Maria, que trabalhou muito por nós. Saudai a Andrônico e a Júnia, meus parentes e meus companheiros na prisão, os quais se distinguiram entre os apóstolos e que foram antes de mim em Cristo. Saudai a Ampliato, meu amado no Senhor. Saudai a Urbano, nosso cooperador em Cristo, e a Estáquis, meu amado. Saudai a Apeles, aprovado em Cristo. Saudai aos da família de Aristóbulo. Saudai a Herodião, meu parente. Saudai aos da família de Narciso, os que estão no Senhor. Saudai a Trifena e a Trifosa, as quais trabalham no Senhor. Saudai à amada Pérside, a qual muito trabalhou no Senhor. Saudai a Rufo, eleito no Senhor, e a sua mãe e minha. Saudai a Asíncrito, a Flegonte, a Hermas, a Pátrobas, a Hermes, e aos irmãos que estão com eles. Saudai a Filólogo e a Júlia, a Nereu e a sua irmã, e a Olimpas, e a todos os santos que com eles estão. Saudai-vos uns aos outros com santo ósculo. As igrejas de Cristo vos saúdam.

Uma Igreja sem Estrelas

"Saudai..." (16.3). O apóstolo estava chegando ao final de sua carta. A saudade batia no peito. Chegara o momento de enviar congratulações às pessoas que ele tanto estimava. Eram todas pessoas queridas, do convívio apostólico, e isso ele demonstra quando lembra nominalmente de cada um. Eugene Peterson diz que nunca quis pastorear uma igreja que tivesse mais do que trezentos membros porque isso o impossibilitaria de conhecer todos os membros. Ele gosta de conhecer as ovelhas e chamá-las pelo nome. Vemos esse mesmo princípio aplicado na vida de Paulo.

Como todas essas pessoas que Paulo conhecia estariam naquele momento em Roma? É uma pergunta que tem intrigado os comentaristas. Todavia,

deve ser levado em conta que Roma era a capital do império e para lá concorria gente do mundo todo, inclusive os cristãos. O edito do imperador que mandava expulsar todos os judeus de Roma havia sido revogado e isso permitiu o retorno de muitos cristãos de origem judaica à capital do império.

O apóstolo já havia dito na introdução de sua carta que “em todo o mundo é anunciada a vossa fé” (Rm 1.8). A igreja de Roma se torna uma igreja relevante, visível para o mundo. Na sua pregação havia eco. Era uma igreja formada por judeus e gentios, a grande maioria gentios. Havia pessoas das classes sociais mais altas, mas a grande maioria eram pessoas simples. Não havia estrelas, mas cristãos dispostos a se tornar mártires. Paulo lembra o nome de umas 26 pessoas, a grande maioria permaneceu no anonimato. Era nessa igreja, formada em sua maior parte por anônimos, que Paulo viu uma oportunidade de estabelecer ali uma base missionária. Na nossa cultura personalista, onde se cultua a imagem, é bem difícil encontrar espaço para os anônimos. Todavia, eles existem e estão fazendo muito pelo Reino de Deus. Nessa palavra de saudação, o apóstolo tira alguns deles do anonimato, mas muitos outros continuaram lá. Não há dúvidas de que a obra de Deus é feita na sua grande maioria por cristãos que não têm o seu nome exposto. São anônimos que estão construindo a história do Reino de Deus.

Como não me lembrar de Antonio de Pádua Mendes Ferro Gomes? Um homem que não tem seu nome exposto na literatura, mas que causou um enorme impacto nos primeiros anos da minha via espiritual. Foi ele que há mais de trinta anos me introduziu na leitura da Bíblia, da literatura evangélica e na oração. Causou um impacto tremendo em minha vida espiritual. Como esquecer os jejuns, acompanhados da leitura do livro de Provérbios, que fazíamos no sítio de sua avó? Jamais vou me esquecer do seu zelo evangelístico que o levava a pregar nas praças e se jogar de corpo e alma no evangelismo pessoal. Devo muito a esse homem de Deus. Sem dúvida, ele também faz parte desse livro e de todos os outros que escrevi. É com esse sentimento de saudade que Paulo envia suas últimas saudações e recomendações.

“... a Priscila e a Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus, os quais pela minha vida expuseram a sua cabeça; o que não só eu lhes agradeço, mas também todas as igrejas dos gentios” (16.3,4). O apóstolo lembra primeiramente de velhos cooperadores — Priscila e Áquila. Eles haviam trabalhado com Paulo em Corinto (At 18.1-3,18,19,26). Agora estavam em Roma. Paulo tem

uma dívida de gratidão com esse casal porque eles arriscaram a vida pelo apóstolo. É interessante notar que o nome Priscila aparece sempre em primeiro lugar quando o casal é citado. Os intérpretes acreditam que ela era a pessoa que mais se destacava. Quem não conhece um casal em que a mulher se destaca mais do que o homem? Eu poderia citar muitos casos. Paulo reconhece que tem uma dívida com esse casal — eles haviam arriscado a vida por ele (v. 5). Como naqueles dias as igrejas eram domésticas, esse casal hospedava uma parte da igreja na casa deles.¹

“... Saudai a Epêneto, meu amado, que é as primícias da Ásia em Cristo. Saudai a Maria, que trabalhou muito por nós. Saudai a Andrônico e a Júnio, meus parentes e meus companheiros na prisão, os quais se distinguiram entre os apóstolos e que foram antes de mim em Cristo” (16.5,6,7). Ao lado das saudações, o apóstolo sempre põe em destaque o que o fazia lembrar-se desses irmãos. Um deles fora as primícias do seu labor missionário; outras trabalharam muito pela igreja, enquanto outros se tornaram notáveis entre os apóstolos. Outros haviam se convertido antes de Paulo. Isso deveria servir de exemplo para muitos novatos que querem desprezar o legado deixado pelos mais velhos. Não adianta querer passar por cima da história quando se deu apenas os primeiros passos. É preciso aprender com a história.

Todos esses fatos narrados marcaram a memória do apóstolo. Eles também nos marcam. Um nome aqui se destaca dos demais, Maria, a quem Paulo acrescenta que “muito trabalhou” pela igreja. Expressão “trabalhou muito” traduz o termo grego *kopiaio*, que tem o sentido de “esforçar-se”, “trabalhar duramente”. O sentido no grego é que ela se sacrificou, derramou muito suor, gastou tudo o que tinha para que pudesse ajudar seus irmãos na fé. E o fato é que se tratava de uma mulher. Isso mostra como nas Escrituras as mulheres têm um papel de destaque. Infelizmente, hoje queremos um cristianismo sem custo, sem gasto e sem esforço. Talvez seja por isso que a fé tenha perdido aquele poder de contagiar como fazia antes.

“Saudai a Ampliato, meu amado no Senhor. Saudai a Urbano, nosso cooperador em Cristo, e a Estáquis, meu amado. Saudai a Apeles, aprovado em Cristo. Saudai aos da família de Aristóbulo. Saudai a Herodião, meu parente. Saudai aos da família de Narciso, os que estão no Senhor” (16.8-11). Algumas palavras usadas aqui pelo apóstolo se destacam: “amigo” (v. 8, ARA); “amado” (v. 9) e “aprovado” (v. 10). Essas palavras mostram o grau de comunhão que havia na Igreja Primitiva. Eles eram amigos, amados e aprovados.

No livro de minha autoria *As Ovelhas Também Gemem*, escrevi sobre a necessidade da *koinonia* cristã. Sem dúvida, uma das doutrinas mais exaltadas nas páginas da Bíblia é a da unidade cristã. A falta de unidade foi uma das principais razões que levou o apóstolo Paulo a escrever a sua Primeira Carta aos Coríntios. Escrevendo àquela igreja ele disse estar informado de que havia contendas entre eles (1 Co 1.11). Aos efésios, o mesmo apóstolo aconselhou a que se esforçassem diligentemente para “guardar a unidade do Espírito” (Ef 4.3); a dois crentes filipenses o apóstolo dos gentios recomendou: “pensem concordemente, no Senhor” (Fp 4.2, ARA). É inegável o valor da unidade cristã. A unidade traz a comunhão. É bom lembrar que um dos segredos do grande e explosivo crescimento da Igreja Primitiva era justamente a comunhão existente entre os crentes. No livro da história da igreja, Atos dos Apóstolos, lemos: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações” (At 2.42). A palavra “comunhão” traduz o termo grego *koinonia*. W. E. Vine observa que a *koinonia* é “um ter em comum, companheirismo, comunhão” e denota “a parte que um tem em qualquer coisa, uma participação, um companheirismo reconhecido, e se usa das experiências e interesses comuns dos cristãos”.² É oportuno observarmos o uso desse termo na literatura grega, incluindo o Novo Testamento. William Barclay nos dá uma excelente visão panorâmica desse termo na literatura grega, incluindo o Novo Testamento:

1. Na vida cristã há uma *koinonia* que significa um “compartilhar de amizade” e uma permanência no convívio dos outros (At 2.42; 2 Co 6.14).
2. Na vida cristã há uma *koinonia* que significa uma “divisão prática” com os que são menos afortunados. A comunhão cristã é uma coisa prática (Rm 15.26; 2 Co 8.4; 9.13).
3. Na vida cristã há uma *koinonia* que é uma “cooperação na obra de Cristo” (Fp 1.5).
4. Na vida cristã há uma *koinonia* “na fé”. O cristão nunca é uma unidade isolada; é membro de um convívio da fé (Ef 3.9).
5. Na vida cristã há uma “comunhão (*koinonia*) no Espírito” (2 Co 13.14; Fp 2.1).
6. Na vida cristã há uma *koinonia* “com Cristo”. Os cristãos são chamados para a *koinonia* de Jesus Cristo, o Filho de Deus (1 Co 1.9).

7. Na vida cristã há a *koinonia* “com Deus” (1 Jo 1.3). Mas deve ser notado que aquela comunhão tem condições éticas, porque não é para aqueles que escolheram andar nas trevas (1 Jo 1.6). A *koinonia* cristã é aquele vínculo que liga os cristãos aos outros, a Cristo e a Deus.³

Princípios Bíblicos para um Bom Relacionamento

Seguem alguns princípios bíblicos que extraí do livro de Provérbios, que nos ajudarão a nos relacionar bem uns com os outros:

1. *Saiba ouvir (Pv 18.13).*

Um dos grandes problemas em nos relacionar bem uns com os outros surge por conta da nossa falha em ouvir. Ouvimos, mas ouvimos mal. Ou ainda: ouvimos mais do que foi dito. Precisamos aprender a ouvir.

2. *Não se apresse para falar (Pv 19.2; 17.28).*

A precipitação em falar é outro grande problema. Jesus mesmo condenou o juízo temerário. Isto é, falar apressadamente sem um conhecimento total dos fatos.

3. *Fale pouco (Pv 10.19; 13.3; 12.18).*

Aqui talvez esteja um dos maiores fatores de desajuste nos relacionamentos. É um comentário inoportuno que fazemos. Uma palavra a mais, que aparentemente não tem a intenção de ofender, mas que vem sublimada.

4. *Fale coisas boas das pessoas (Pv 16.24; 16.28; 20.19).*

A tendência de só enxergar coisas ruins nos outros é uma herança da nossa velha natureza adâmica. Dificilmente falamos de alguém para exaltar suas virtudes. Necessitamos enxergar algo de bom no nosso semelhante se queremos nos relacionar bem.

5. *Não atice (fomente) conversas (Pv 30.33; 26.20,21).*

Acredito que se não passássemos à frente as fofocas que chegam até nós muitas intrigas seriam evitadas.

6. *Fale pouco de si mesmo (Pv 27.2).*

A atitude de falar de si mesmo, além de revelar um complexo de inferioridade, acaba também por arranhar os relacionamentos. Isso por uma razão simples: é difícil louvar a si mesmo sem diminuir o outro.⁴

Romanos 16.17-20

E rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviai-vos deles. Porque os tais não servem a nosso Senhor Jesus Cristo, mas ao seu ventre; e, com suaves palavras e lisonjas, enganam o coração dos simplices. Quanto à vossa obediência, é ela conhecida de todos. Comprazo-me, pois, em vós; e quero que sejais sábios no bem, mas simplices no mal. E o Deus de paz esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos pés. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. Amém!

Uma Palavra de Advertência

“E rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviai-vos deles” (16.17). Os versículos 17 a 20 aparecem como uma intersecção entre os versículos 16 e 21. No meio das saudações, o apóstolo lembrou que havia aqueles que trabalhavam contra a unidade da igreja. Era preciso alertar a igreja de Roma nesse ponto. Depois ele voltaria às saudações. Esses “cristãos” eram agentes de Satanás e trabalhavam contra a paz na igreja (v. 20). Eram agentes semeadores de contendas; por isso, a melhor forma de neutralizar suas ações era afastar-se deles. Muitos intérpretes acreditam que o fermento gnóstico está presente na ação dessas pessoas, pois a forma escandalosa como se portavam é aqui denunciada por Paulo. O que eles faziam estava em desacordo com o ensino que os crentes romanos haviam recebido. A igreja possui uma padronização, e os seus membros precisam se ajustar a ela.

Romanos 16.21-23

Saudação da minha própria mão, de Paulo. Se alguém não ama o Senhor Jesus Cristo, seja anátema; maranata! A graça do Senhor Jesus Cristo seja convosco.

Lembrança dos Amigos

O expositor Warren W. Wiersbe comenta com maestria essa porção das Escrituras: “Que lista de heróis! Timóteo é mencionado com frequência no livro de Atos e nas Epístolas. Era um dos ‘filhos na fé’ de Paulo e trabalhou com o apóstolo em vários lugares difíceis (ver Fp 2.19-24). Lúcio era um compatriota judeu, como também o eram Jasom e Sosípatro. Não há evidência alguma de que foi esse mesmo Jasom que protegeu Paulo em Tessalônica (At 17.1-9). É bem provável que esse Jasom fosse um gentio. Tércio foi o secretário que escreveu a carta enquanto Paulo a ditava. Gaio

foi o homem que abriu a casa para hospedar Paulo, enquanto o apóstolo estava em Corinto. 1 Coríntios 1.14 relata como Paulo ganhou Gaio para Cristo e o batizou quando fundou a igreja de Corinto. Tudo indica que havia uma congregação de cristãos se reunindo na casa dele. Erasto ocupava um cargo importante na cidade, provavelmente de tesoureiro. O evangelho alcançou tanto os mais altos escalões de Corinto quanto o povo mais humilde (1 Co 1.26-31; 6.9-11)”.⁵

Romanos 16.24-27

A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém! Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto, mas que se manifestou agora e se notificou pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações para obediência da fé, ao único Deus, sábio, seja dada glória por Jesus Cristo para todo o sempre. Amém!

Graça para todos

“Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto” (16.25). Não havia uma maneira mais adequada de terminar essa magistral carta senão com um profundo sentimento de gratidão a Deus. Foi ele quem revelou os mistérios ocultos noutros tempos e que agora se tornaram manifestos por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Paulo já havia dito em Romanos 11.36 que “Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém!”. A esse Deus, eternamente sábio, que nos justificou pela sua infinita graça, pertence toda honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém!

¹ Nos primeiros anos do cristianismo, as igrejas eram domésticas. Nesse período o termo “igreja” era sinônimo de “crentes”. Todavia, somente no segundo século, com o aparecimento das estruturas arquitetônicas, o termo “templo” passou a ter o sentido de “igreja” (SNYDER, Howard. *Vinbo Novo, Odres Novos — Vida Nova para a Igreja*. São Paulo: ABU Editora).

² VINE, W. E. *Diccionario Expositivo de Palabras Del Nuevo Testamento*. Vol. 1. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE, p. 285.

³ BARCLAY, William. *Palavras-Chaves do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, p. 123.

⁴ GONÇALVES, José. *As Ovelhas Também Ggemem*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

⁵ WIERSEBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo — Novo Testamento*. São Paulo: Editora Geográfica, 2008.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. *O Livre-Arbitrio*. São Paulo: Editora Paulus, 1997.

ALENCAR, Gedeon F. *Matriz Pentecostal Brasileira — Assembleia de Deus, 1911-2011*. Editora Novos Diálogos.

ALLEN, Leslie C. *Romanos — Comentario Bíblico NVI*. São Paulo: Editora Vida, 2009.

ANDERSON, Neil. *Viver Livre em Cristo*. São Paulo: Editora Unilit.

ARCO, Sor de Juana. *Concordancia de la Biblia Griega*. Bilbao, Espanha: Edicion Española.

ARMÍNIO, Jacó. *As Obras de Armínio*. 3 volumes. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

BANCROFT, E. H. *Teologia Elementar — Doutrinária e Conservadora*. São Paulo: Editora Batista Regular, 2001.

BARBAGLIO, Giuseppe. *As Cartas de Paulo II — Romanos*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

BARCLAY, William. *Comentario al Nuevo Testamento — Romanos, 17 tomos*. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.

BARCLAY, William. *Palavras-Chaves do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Vida Nova.

BARRETT, C. K. *The Epistle to Romans — Black's New Testament Commentary*. Londres: Continuum, 1991.

- BARTH, Karl. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- BAUER, Walter. *A Greek English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Bíblia de Estudo Almeida*. Sociedade Bíblica do Brasil.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. Rio Grande do Sul: Editora Sinodal.
- BORTOLONI, José. *Como Ler a Carta aos Romanos — O Evangelho É a Força de Deus que Salva*. São Paulo: Editora Paulus, 2013.
- BRUCE, F. F. *Paulo, Apóstolo da Graça — Sua Vida, Cartas e Teologia*. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.
- BRUCE, F. F. *Romanos — Introdução e Comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova.
- CABRAL, Elienai. *Romanos — O Evangelho da Justiça de Deus*. 7. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- CALVINO, João. *Romanos — Série Comentários Bíblicos*. São José dos Campos, São Paulo: Editora FIEL, 2014.
- CALVINO, Juan. *Institucion de la Religión Cristiana*. Fundación Editorial de Literatura Reformad, dos Tomos, Rijswijk, Paíse Bajos, 1999.
- CAMPBELL, William. *Paulo e a Criação da Identidade Cristã*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- CARBALLOSA, Elvis. *Romanos — Una Orientacion Expositiva y Practica*. Grand Rapids, Michigan: Editorial Portavoz.
- CERFAUX, Lucien. *Cristo na Teologia de Paulo*. São Paulo: Editora Academia Cristã/Paulus.
- CHAMBERLAIN, William. *Gramática Exegética do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Editora Cultura Cristã.
- CHAMPLIN, Russel N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Editora Candeia.
- CLAPP, Philip S. & FRIBERG, Barbara Friberg. *Analytical Concordance of the Greek New Testament, volume 1 & 2*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1991.
- CLARK, Stanley. *Romanos — Comentário Bíblico Mundo Hispano*. El Paso, Texas: Editorial Mundo Hispano, 2006.

- COENEN, Lothar & BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova.
- CORNER, Daniel D. *The Believer's Conditional Security — A Study on Perseverance and Falling Away*. Washington, PA: Evangelical Outreach, 2000.
- COUSAR, Charles. In *Romans — The New Interpreter Bible Commentary*. Nashville, Tennessee: Abingdon Press, 2010.
- CRUZ, Antonio. *La Postmodernidad*. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.
- CULVER, Robert D. *Teologia Sistemática — Bíblica e Histórica*. São Paulo: SHEDD Publicações, 2012.
- DANA, H. E. & MANTEY, Julius R. *A Manual Grammar of the Greek New Testament*. MacMillan Company, 1967.
- Dicionário de Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Editora Vida Nova/Paulus/Loyola, 1997.
- DUNN, J. D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Editora Paulus, 2003.
- DUNN, James D. G. & ROGERSON, John W. *Romans — Eerdmans Commentary on the Bible*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing Company, 2003.
- DUNN, James D. G. *A Nova Perspectiva sobre Paulo*. São Paulo: Editora Academia Cristã/Loyola, 2011.
- EKMAN, Ulf. *All Things Are Possible*. Ulf Ekman Ministries, 2002.
- ELLIOTT, Neil. *Libertando Paulo — A Justiça de Deus e a Política do Apóstolo*. São Paulo: Editora Paulus, 1998.
- ELWELL, Walter. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1992.
- ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2013.
- FITZMEYER, Joseph A. *Romanos — Comentário Bíblico San Jeronimo*. Estella, Navarra: Editorial Verbo Divino.
- FITZMYER, Joseph. *Romanos — Nuevo Comentario Bíblico San Jeronimo*. Estella, Navarra: Editorial Verbo Divino.

GALLAGHER, Steve. *E Foi Assim que Perdemos a Inocência*. São Paulo: Editora Propósito Eterno.

GARGIA, Miguel Salvador. *Romanos — Comentário ao Novo Testamento*. Vol. III. São Paulo: Editora Ave Maria, 2006.

GEISLER, Norman. *Eleitos, porém Livres*. São Paulo: Editora Vida.

GEISLER, Norman. *Manual Popular — Enciclopédia de Dúvidas, Enigmas e “Contradições” da Bíblia*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1999.

GIFFORD, E. H. *The Epistle of St. Paul to the Romans — with Notes and Introduction*. Londres: John Murray, 1886.

GODET, Frédéric, Louis. *Commentary of St Paul's Epistle of the Romans*. Nova York: Funk & Wagnalls Publishers, 1883.

GONÇALVES, José. *As Ovelhas Também Gemem*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

GONÇALVES, José. *Lucas — O Evangelho de Jesus, o Homem Perfeito*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

GONÇALVES, José. *Sábios Conselhos para um Viver Vitorioso*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

GRANFIELD, C. E. B. *Romanos — Comentário Versículo por Versículo*. São Paulo: Editora Vida Nova.

GRUDEM, Wayne. *O Dom da Profecia — Do Novo Testamento aos Dias Atuais*. São Paulo: Editora Vida, 2004.

GRUDEM, Wayne. *Política Segundo a Bíblia — Princípios que Todo Cristão Deve Conhecer*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

GUNDRY, Robert H. *Commentary on Romans*. Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 2010.

GUNDRY, Stanley. *Lei e Evangelho — Cinco Pontos de Vista*. São Paulo: Editora Vida.

GUTHRIE, Donald. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.

HAHN, Scoth. *Todos os Caminhos Levam a Roma*. Lisboa: Editora Diel, 2013.

HANNA, Roberto. *Ayuda Gramatical para el Estudio del Nuevo Testamento Griego*. El Paso, Texas: Editorial Mundo Hispano, 1993.

Harpa Cristã. Rio de Janeiro: CPAD.

HAUBECK, Wilfrid & SIEBENTHAL, Heinrich Von. *Nova Chave Linguística do Novo Testamento Grego — Mateus/Apocalipse*. São Paulo: Editora Targumim/Hagnos, 2009.

HENDRIKSEN, William. *Romanos — Comentário Novo Testamento*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011.

HODGE, Charles. *Commentary on the Epistle to the Romans*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing Company, 1953.

HORNER, Barry E. *The Epistle to the Romans — An Outlined Commentary*. North Brunswick, New Jersey.

HUNT, Dave. *Que Amor É Esse? — A Falsa Representação de Deus no Calvinismo*. São Paulo: Editora Reflexão.

JERÔNIMO, São. *Bíblia Sacra Vulgata*. Stuttgart, Alemanha: Deutsche Bibelgesellschaft, 1983.

KEENER, Craig, S. In *Romanos: Comentario del Contexto Cultural de la Biblia — Novo Testamento*. El Paso Texas: Editorial Mundo Hispano.

KITELL, Gerhard. *Theological Dictionary of the New Testament*. 10 volumes. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing Company, 2006.

LIDDELL, H. G & SCOTT, R. *Greek-English Lexicon*. Oxford: Claredon Press, 1996.

LINDSAY, Hall. *A Viagem da Culpa*. São Paulo: Editora Mundo Cristão.

LIVERMORE, Abiel Abbot. *Romans — Classic Commentaries and Studies on the Pauline Epistles*. 31 volumes. Chicago: The University of Chicago Press.

LLOYD-JONES, Martin. *Romans, An Exposition Of Chapter 6*. Londres: Banner of Truth, 1985.

LOPES, Augustus Nicodemus. *A Nova Perspectiva sobre Paulo — Um Estudo sobre as “Obras da Lei” em Gálatas*. Disponível em <http://www.mackenzie.br>. Acesso em 26/11/2015.

LOPES, Sérgio. *Vidas e Futuros*. Rio de Janeiro: Zekap Gospel, 2001.

LUTERO, Martinho. “Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Romanos, 1546”. In: LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*. Vol. 8. Porto Alegre: Editora Sinodal, 2003.

LUTHER, Martin. *Commentary on Romans*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1954.

MACDONALD, William. *Comentário Bíblico Romanos*. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.

MAGRAHT, Alister. *A Vida de João Calvino*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

MAHAN, Henry. *Romanos — Comentário Breve a las Epístolas*. Alcazar de San Juan, Espanha: Editorial Peregrino.

METZGER, Bruce M. *Un Comentario Textual al Nuevo Testamento Griego*. Sociedades Bíblicas Unidas.

MOO, Douglas. *Romanos — Del Texto Bíblico a una Aplicacion Contemporânea*. Editorial Vida, EUA.

MOODY, Dale. *Comentário Bíblico Broadman, Atos — I Coríntios*. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

MORRIS, Leon. *Romanos — Comentário Bíblico NVI*.

MURRAY, Andrew. *Romanos — Comentário Bíblico Fiel*. São José dos Campos, São Paulo: Editora FIEL, 2003.

NEE, T. S. Watchman. *O Homem Espiritual*. Venda Nova, Minas Gerais: Editora Betânia.

NICODEMUS, Augustus. *A Bíblia e seus Intérpretes — Uma Breve História da Interpretação*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013.

NYGREN, Anders. *Commentary on Romans*. Filadélfia: Muhlenberg Press, 1944.

O'CONNOR, Jerome Murphy. *Paulo de Tarso — História de um Apóstolo*. São Paulo: Editora Paulus/Loyola, 2013.

OLSON, Roger. *Contra o Calvinismo*. São Paulo: Editora Reflexão.

OSWALD, Bayer. *A Teologia de Martinho Lutero*. Rio Grande do Sul: Editora Sinodal, 2007.

PADILHAS JR, Washington. *Exposição da Epístola aos Romanos*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1989.

PATE, C. Mervin. *Romanos — Comentário Expositivo*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2015.

- PAWSON, David. *Una Vez Salvo, Para Siempre Salvo? — Un Estudio sobre la Perseverancia e la Herencia*.
- PETTER, Hugo M. *Concordancia Greco-Española del Nuevo Testamento*. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.
- PICKERING, Gilbert. *Qual o Texto Original do Novo Testamento*. Editora Doxa.
- POHL, Adolf. *Carta aos Romanos — Comentario Esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1999.
- REALI, Geovani. *História da Filosofia*. 3 vol. São Paulo: Editora Paulus.
- REINECKER, Fritz. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1995.
- RICHARDS, Lawrence. *Guia do Leitor da Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- RIDDERBOS, Herman. *A Teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.
- ROBERTSON, A. T. *Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento — Obra Completa*. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.
- ROBERTSON, O. Palmer. *O Israel de Deus — Passado, Presente e Futuro*. São Paulo: Editora Vida, 2000.
- ROTTERDÂ, Erasmo. *Elogio da Loucura*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- SADIKU, Matthew N. O. *Romans — A Pentecostal Commentary*. Bloomington: Iuniverse, 2011.
- SANDAY, William & HEADLAM C. Arthur. *The International Critical Commentary on the Holy Scripture: A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Romans*. Edimburgo: T & T Clark, 1962.
- SANDERS, E. P. *Paul and Palestinian Judaism*. Filadélfia: Fortress Press, 1977.
- SCHNELLE, Udo. *Paulo — Vida e Pensamento*. São Paulo: Editora Academia Cristã/Paulus, 2010.
- SCHREINER, Thomas R. *Teologia de Paulo*. São Paulo: Editora Vida Nova.
- SEIFRID, Mark A. *Romanos — Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2014.
- SHEED, Russel P. *Lei, Graça e Santificação*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2012.

SNYDER, Howard. *Vinho Novo, Odres Novos — Vida Nova para a Igreja*. ABU Editora.

SPROUL, R. C. *Sola Gratia — A Controvérsia sobre o Livre-Arbitrio ao longo da História da Igreja*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012.

STOTT, John. *A Mensagem de Romanos*. São Paulo: Editora ABU, 2000.

STRONG, James. *Exhaustive Concordance of the Bible*. Nashville, Tennessee: Thomas Nelson, 1990.

STRONSTAD, Roger. *The Prophethood of All Believers — A Study in Luke's Charismatic Theology*. CPT

SWINDOLL, Charles R. *Romanos — Comentario Swindoll Del Nuevo Testamento*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan.

SWINDOLL, Charles. *O Despertar da Graça*. São Paulo: Bom Pastor.

SWINDOLL, Charles. *Romanos — Comentário Swindoll del Nuevo Testamento*. Editorial Vida, EUA. Edição em Kindle.

THAYER, Joseph H. *Thayer's Greek Lexicon of the New Testament*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1984.

The Expositor's Bible Commentary — Romans through Galatians. Vol. 10. Grand Rapids, Michigan: Zondervan.

The Greek New Testament. United Bible Societies, 1994.

The Pulpit Commentary, vol. XVIII — Acts to Romans. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2011.

TOGNINI, Enéas. *Cristo Liberta o Escravo*. Disponível em <http://www.batistadopovo.org.br>

TOZER, A. W. *Recuperando o Cristianismo — O Resgate da Verdadeira Fé*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2014.

TOZER, A. W. *Verdadeiras Profecias para uma Alma em Busca de Deus*. São Paulo: Editora dos Clássicos, 2003.

TRANQUILO, Caio Suetônio. *A Vida dos Doze Césares*. São Paulo: Editora Gemape, 2003.

UTLEY, Bob. *Free Bible Commentary — Romans: The Gospel According to Paul*. Bible Lessons International, EUA.

VAN, Johnson. *Romanos — Comentário Bíblico Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

VINE, W. E. *Diccionario Expositivo de Palabras Del Nuevo Testamento*. vol. 1. Barcelona Espanha: Editorial CLIE.

WESLEY, John. *Obras de Wesley*. 5 volumes. Editor General Justo L. González, Henrico, NC, EUA, 2015.

WESLEY, John. *Romans — Explanatory Note & Commentary*. Bristol Hot-Wells, janeiro, 1754.

WESTERHOLM, Stephen. *Justification Reconsidered: Rethinking a Pauline Theme*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing, 2013.

WIERSBE, W. Warren. *Romanos — Comentário Bíblico Expositivo*. Rio de Janeiro: Editora geográfica, 2008.

WILLIMINGTON, Harold. *Guia Willmington para a Bíblia — Guia Completo*. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel.

Maravilhosa GRAÇA

A Carta aos Romanos foi escrita para a igreja, foi endereçada a pessoas simples, provenientes de todas as camadas da população e sem distinção de cor ou de raça. Não foi endereçada a teólogos, eruditos, nem tampouco a especialistas em religião. Esse manuscrito tinha o propósito de edificar a igreja, tirar dúvidas e esclarecer questionamentos que a nova fé estava provocando na época e é uma referência para nós hoje.



José Gonçalves é pastor, graduado em Teologia pelo Seminário Batista de Teresina e em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. É presidente do conselho de Doutrina da Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Piauí e vice-presidente da Comissão de Apologética da CGADB. Além de Comentarista das revistas de Escola Dominical da CPAD, é também articulista e autor dos livros: *As Ovelhas também Gemem*; *Porção Dobrada*; *Por que Caem os Valentes*; *A Prosperidade à Luz da Bíblia* e *Defendendo o Verdadeiro Evangelho*.

ISBN 978-85-263-1317-0



9 788526 313170